Gênesis
O Livro de Jó

ENCONTROS COM O PROFº JOSÉ MONIR NASSER

EXPEDIÇÕES PELO MUNDO DA CULTURA **VOLUME 4**

Gênesis

O Livro de Jó

Escrever o Prefácio de Expedições pelo Mundo da Cultura não é somente escrever uma página para iniciar o livro e instigar sua leitura. É escrever sobre uma viagem por mundos a serem descobertos a cada volume, em cada história que se apresenta página após página, personagem a personagem, cenário após cenário. É escrever sobre uma viagem que permite nos transportarmos de espaços inusitados para o racional e o imaginário; que nos dá oportunidade de sair do lugar comum para lugares consagrados da literatura clássica.

Quando se busca o significado da palavra expedição, encontra-se como uma de suas definições: conjunto de pessoas que viajam para um determinado território, com o objetivo de analisá-lo. Foi isso que Monir Nasser nos proporcionou durante quatro anos de parceria entre ele, ilustre intelectual, e o Sesi Paraná. Momentos únicos nos quais conhecimentos foram compartilhados e viagens por destinos diversos foram realizadas, modificando o olhar que temos de nossa realidade, dando-nos condições de ampliar nossa visão de mundo.

Ao todo se somaram 92 possibilidades de expedições, mediadas por ele, que levaram os participantes dos encontros por um mundo indesvendável, por um universo cultural a ser desmistificado e descortinado aos poucos. Encontros nos quais já existia a expectativa para o próximo e que, por isso mesmo, não se conseguia parar. Os encontros possibilitaram atravessar a Ponte Rialto, em Veneza, por nosso imaginário e participar da negociação entre Antonio e Shylock. Encontrar Dom Quixote de La Mancha, cavaleiro medieval, em busca da sua amada Dulcinéia, sempre em companhia de seu cavalo Rocinante e seu fiel escudeiro Sancho Pança, pelos caminhos espanhóis. Navegar para a Índia, pela obra poética de Os Lusíadas, de Camões, compreendendo a história de Portugal. Entender a complexidade do Livro de Jó, com seus discursos e respostas para perguntas existenciais. Navegar em busca de Moby Dick, refletindo sobre os sentimentos humanos e tantas outras compreensões. Enfim, Monir nos traduziu obras de William Shakespeare, Tolstói, Miguel de Cervantes, Herman Melville, Camões, Aldous Huxley, Tolkien, Nicolai Gogol e livros bíblicos, aproximando-nos dos autores e de suas obras.

Certa vez, meu amigo Monir Nasser disse, durante o encontro que discutia a novela A Morte de Ivan Ilitch, que não adianta olhar para a morte a partir da vida, mas a única solução é olhar para a vida a partir da morte; não há outro jeito de orientarmos a vida.

Assim, devemos olhar para a vida com a possibilidade de continuarmos o legado de Monir, contribuindo com a sociedade e futuras gerações para a descoberta de novas possibilidades que se abrem quando se descortinam as histórias da humanidade.
Esta coletânea representa a existência que transcende a morte e permanece presente em nossos corações e mentes.

José Antonio Fares,

Superintendente Sesi Paraná.

O legado de um intelectual extraordinário

Uma obra singular

A Volvo entende que a formação de suas lideranças passa por algo mais amplo do que o conhecimento de negócios, relacional ou cognitivo. Passa também pela formação cultural de alto nível e ampla. Foi assim que, por mais de cinco anos, os líderes Volvo tiveram o privilégio de apreender, refletir, re-pensar temas profundos com o Mestre José Monir Nasser, um intelectual ímpar do cenário paranaense que tinha o dom de transformar aulas de literatura em experiências únicas num expedição cultural sem precedentes.

Foram dezenas de obras estudadas. Obras clássicas da literatura mundial. Dramas, comédias, textos filosóficos e teatrais, que permitiram aos participantes uma visão refinada e diferenciada da evolução do pensamento humano, cada vez mais relevante para enfrentarmos os dilemas modernos.

Ao patrocinar o livro do Mestre José Monir Nasser, o Grupo Volvo no Brasil faz uma homenagem à dedicação ímpar que ele sempre teve em compartilhar seu conhecimento ao longo dos anos, sua escolha por ser representante da "Primeira Casta". Traduzir, comentar, resumir e revelar as chaves que permitem entender a essência das grandes obras ajudou a construir histórias, memórias e referências. Na Volvo, os encontros literários eram convites abertos, voluntários, para participar de uma programação cultural elevada. Mais de 30 líderes fizeram desses momentos uma vivência cujo valor é incalculável. Valor do saber, do conhecimento e da troca de experiências.

Além da saudade do "Mestre", fica aqui o legado de sua obra. É uma forma de continuar embebecido pelo belo, pelo profundo, pelo eterno, que nos faz entender o quanto a formação cultural pode fazer diferença na vida pessoal e profissional de um verdadeiro líder.

O primor desta edição nos dá a oportunidade de resgatar esses saberes e momentos. É um privilégio para quem o conheceu de perto. E uma oportunidade valiosa para aqueles que agora serão apresentados à sua obra.

Programa de **Desenvolvimento de Lideranças Volvo**

Ele continua fazendo a diferença

Perdi a companhia do José Monir em 16 de março de 2013, depois de trinta anos de convivência. Para todos que o conheceram ou privaram de sua frondosa companhia foi uma perda irreparável. Foi um cometa que passou rápido, embora tenha brilhado intensamente.

Como professor conheci o José Monir em 1981 na turma de 'trainees' da Fininvest, um grupo de jovens que estava sendo preparado para implementar nos anos seguintes o Mercado Comunitário de Ações em Joinville (SC), onde moramos juntos uns três anos. Depois deste período seguimos caminhos diferentes, mas ficando sempre em contato; sua busca profissional levou-o a várias experiências. A partir dos anos 90 nós dois passamos a residir de novo em Curitiba; ele já atuava como consultor empresarial, caminho que também adotei, inclusive por influência dele.

Ao longo dessa caminhada pude conhecê-lo cada vez mais, tanto suas origens como sua obra. Seu brilhantismo era lastreado por uma formação clássica herdada. O pai, médico, cursara especialização em Paris como bolsista da Aliança Francesa, dirigida em Curitiba pelo casal Garfunkel; a mãe, secretária da Aliança Francesa até casar-se. O berço familiar transpirava atmosfera cultural. Quando o pai ia para o consultório à tarde, levava junto o filho adolescente para ficar na Biblioteca Pública do Paraná, na quadra vizinha, até o final de sua jornada. 'Lia de tudo', dizia; Roberto Campos o influenciaria com seu estilo polêmico e afiado. Frequentou também a Escolinha de Arte, da própria Biblioteca Pública. O José Monir falava e escrevia fluentemente francês, inglês e alemão; na juventude participou de programas de intercâmbio escolar nesses três países; ainda jovem chegou a morar por mais de um ano na Alemanha, vindo a trabalhar como operário numa fábrica, experiência marcante à qual se referia com frequência. Até o final do 2º Grau teve apenas formação clássica, isto é, de humanidades, sem direcionamento profissional, voltada apenas para o desenvolvimento da capacidade de expressão do espírito humano. Sua primeira faculdade foi em Letras, mas já no final desta resolveu cursar Economia, provavelmente em decorrência do clima político do país no final dos anos setenta. Discorria com domínio sobre os mais variados assuntos, indo de arte a filosofia, religião, ciência, literatura, economia e outros tantos. Teve forte influência de Virgílio Balestro, hoje com mais de 80 anos, Irmão Marista professor do colégio em que estudou; com ele tinha aulas particulares de latim e grego. Amadureceu profissionalmente entre seus vinte e cinco e trinta anos, sob a influência marcante de Rubens Portugal, nosso diretor e grande mentor. Mesmo tendo contato com gestão empresarial só nesta idade, o José Monir superou pelo caminho muitos que tinham se iniciado mais cedo.

Nesse tempo destacava-se por sua vivacidade intelectual e arguta capacidade de abordar as situações mais complexas no campo gerencial e econômico, de maneira inovadora. Recendia qualidade em tudo que fazia, desde clareza de raciocínio até redação densa, leve e comunicativa, recheada de vocabulário erudito sem ser pedante. Demonstrava prodigiosa versatilidade; ia direto ao ponto central dos assuntos; conseguia revelar relações incomuns entre fatos e situações aparentemente desco-

nexas. Sabia localizar o ouro. Ele fazia a diferença! Detestava autoridade imposta; pugnava pela autoridade interna da abordagem orgânica dos fatos e análises sobre a situação enfrentada. Irritava-se com mediocridade, e com burocracia em geral. Era hábil em desmascarar espertezas travestidas e agendas ocultas.

Interagia com todos os segmentos sociais, frequentando as mais diversas 'tribos' civilizadas. Gostava de merecer o prêmio e a vantagem, em vez de dar-se bem às custas alheias. Sua nobreza de caráter dispensava as competições predatórias; perder para ele era reconhecido como ganho até pelos adversários; nunca o vi tripudiar sobre alguém. Era dono de uma verve humorística ímpar: à sua volta sempre predominavam as satíricas risadas de um 'fair play'. Sabia portar-se com franqueza lhana; para ele a verdade podia ser dita sem precisar ferir. Era um 'curitibano da gema'; ainda não consegui encontrar alguém que superasse sua capacidade de entender a 'alma curitibana'. Dizia que em Curitiba não é bem assim para namorar uma moça de família: 'antes de pegar na mão, você tem que se apresentar, dar provas, frequentar e ... esperar ser convidado; ser 'entrão' pega mal; somos uma sociedade da serra, não da praia'. Sempre aproveitava as oportunidades de aprender quando reconhecia nas pessoas capacidades e experiências extraordinárias; hauriu muito da convivência com Rubens Portugal, com Professor Tsukamoto (de São Paulo) e Arthur Pereira e Oliveira Filho (do Rio).

Sua trajetória profissional foi intensa, árdua e cheia de iniciativas inovadoras, sempre trabalhando por conta própria. Nos anos noventa tornou-se um famoso consultor empresarial junto a grandes clientes do circuito São Paulo-Rio-Brasília. Teve um escritório de consultoria em Curitiba, AVIA Internacional, que editava uma 'letter', liderava um Programa de Análise Setorial (Papel/Celulose, Seguros, Bancos), desenvolvia projetos sobre as experiências internacionais de Jacksonville e Mondragon, dentre outros projetos. Nesse período dedicou-se à pintura com atelier próprio; frequentava aulas particulares e convivia no meio artístico local.

Desencantado com a inércia brasileira por ideias inovadoras, no início do novo milênio passou a dedicar-se ao projeto do Instituto Paraná Desenvolvimento (IPD), um centro de pensamento sob a liderança de Karlos Rischbieter. Nesse período participou com Olavo de Carvalho do Programa de Educação (Filosofia), patrocinado pelo IPD. Em 2002 fundou a Tríade Editora e escreveu os livros 'A Economia do Mais' sobre 'clusters', e o 'O Brasil Que Deu Certo', com o empresário Gilberto J. Zancopé, sobre a história da soja brasileira. Chegou a ter um programa de televisão em que corajosamente discutia temas quentes de forma crítica.

No final da primeira década dos anos 2000 imprimiu novo rumo a seu projeto profissional, lançando 'Expedições ao Mundo da Cultura'. Consistia numa engenhosa adaptação ao Brasil do trabalho do norte-americano Mortimer Adler, a leitura de cem obras clássicas básicas como programa de formação de um cidadão culto. 'Nada do que eu fiz na vida me deu tanto prazer quanto este trabalho', dizia. Em menos de um ano tinha grupos em Curitiba, São Paulo e algumas cidades do Paraná. Sua grande inovação foi fazer um resumo de cada obra, com vinte páginas em média, para contornar a dificuldade dos brasileiros em ler um livro a cada quinze dias. Os encon-

tros eram concorridos, animados e muito proveitosos no despertar os participantes para a dimensão cultural. Até que um AVC o abateu.

A semente da herança cultural cresceu, floresceu e frutificou. Seu grande legado é o exemplo de como a Cultura é próspera e construtiva, ao contrário do que se pensa neste país como apenas entretenimento. É exemplo de projeto educacional humanista clássico, ao contrário do que se faz hoje em se privilegiar precocemente a orientação profissional em detrimento da formação humana. É exemplo profissional de trabalhar por conta própria correndo riscos e dedicando-se de corpo e alma ao projeto em que acredita. É exemplo de modernidade inteligente, tanto na sua herança como na sua obra e no seu legado, fundados sobre a matriz cultural clássica no âmbito da família. O que a família não fizer dificilmente será recuperado pela escola e pela empresa. A volta desse cometa acontecerá sempre que se replicar essa proposta de formação.

A trajetória de vida corajosa e realizadora de José Monir (1957-2013) é orgulho para sua família e referência para os amigos e os que o conheceram. Ele continua vivendo em nós; ele continua fazendo a diferença!

Carlos Jaime Loch, Consultor de Gestão Empresarial.

Ao mestre, com carinho

José Monir Nasser costumava dizer que nós não explicamos os clássicos; eles é que nos explicam. Da mesma forma, podemos afirmar que qualquer tentativa de explicar o trabalho do professor Monir resultará em fracasso, pois toda explicação possível advém do próprio trabalho. É preciso dizer de uma vez por todas: ele é o professor e nós somos os alunos.

Aristóteles discordou de seu mestre Platão em muitas coisas, mas certa vez declarou: "Platão é tão grande que o homem mau não tem sequer o direito de elogiá-lo". Quem somos nós para elogiar ou explicar o mestre Monir? Ninguém. No entanto, tentaremos fazê-lo, do modo mais sucinto possível, para não tomar o tempo precioso do leitor.

Os textos reunidos nesta série são transcrições de aulas de José Monir Nasser sobre clássicos da literatura universal, dentro do programa Expedições pelo Mundo da Cultura, que funcionou entre 2006 e 2010. O objetivo era trazer para o conhecimento do público os temas que ocupavam o espírito dos grandes autores. São nomes e histórias que muitas vezes estão presentes na vida e na linguagem cotidiana – vide os adjetivos homérico, dantesco, quixotesco, kafkiano –, mas que em geral ficam adormecidos na poeira das estantes. A missão de Monir era trazer esses enredos e personagens clássicos para a luz do dia.

O foco das palestras de Monir não era a crítica literária ou a análise estilística, mas sim a discussão do conteúdo. Ele possuía uma verdadeira e sagrada obsessão por esclarecer mesmo as passagens mais difíceis das obras discutidas. Seu lema, repetido diversas vezes, era: "É proibido não entender!" Todos ficavam à vontade para interromper sua fala com perguntas, reflexões, ponderações, comentários. O objetivo não era transformar os alunos em eruditos, mas dar acesso a um conhecimento valioso, universal e atemporal, que pode fazer toda diferença na vida das pessoas. E fez. Monir pretendia fazer a leitura de 100 livros clássicos da literatura universal. Não foi possível: ele discutiu "apenas" 92. A lista inicial dos clássicos partiu da obra Como ler um livro, de Mortimer Adler e Charles Van Doren, sendo aperfeiçoada ao longo do tempo. Na presente seleção há dez obras: Gênesis e Jó (textos bíblicos), Fédon (de Platão), Os Lusíadas (de Camões), O Mercador de Veneza (de Shakespeare), O Inspetor Geral (de Gógol), A Morte de Ivan Ilitch (de Tolstói), Moby Dick (de Melville), O Senhor dos Anéis (de Tolkien) e Admirável Mundo Novo (de A. Huxley).

A ideia de trabalhar com os clássicos já havia sido colocada em prática por Monir e o filósofo Olavo de Carvalho, em um curso que ambos ministraram na Associação Comercial de Curitiba, patrocinado pelo IPD (Instituto Paraná de Desenvolvimento). O programa Expedições pelo Mundo da Cultura nasceu em 2006 e já no primeiro ano passou a contar com a parceria do SESI. De Curitiba, onde foram realizadas as primeiras aulas, o programa foi estendido a outras cidades paranaenses: Paranavaí, Londrina, Maringá, Toledo e Ponta Grossa. O programa também foi realizado em São Paulo a partir de 2007, desvinculado do SESI.

Em todas essas cidades, Monir fez alunos e amigos. Porque era quase impossível ouvi-lo sem considerar a sua maestria e o seu amor ao próximo. Os encontros duravam cerca de quatro horas, com um intervalo para café. Monir começava as palestras com uma apresentação genérica sobre o autor e a obra. Em seguida, havia a leitura de um resumo do livro, entremeado por observações de Monir. Esses comentários formavam um rio de ouro que conduzia o aluno pelas maravilhas da literatura universal. As quatro horas passavam com uma rapidez quase milagrosa – e você tem em mãos a oportunidade de comprovar essa afirmação.

Não bastassem a fluidez e a sutileza de suas observações, José Monir Nasser tinha a capacidade de enriquecê-las com um fino senso de humor, livre de qualquer pedantismo ou arrogância. Ao final das aulas, nota-se um inusitado clima de emoção entre os presentes. Algumas vezes, ao concluir seus pensamentos sobre a mensagem dos clássicos, Monir chegava às lágrimas, como testemunharam alguns de seus alunos e amigos.

Em cada cidade por onde Monir levou os clássicos, espalhou também as sementes do conhecimento, da cultura e dos valores eternos. Ele era um autêntico líder de primeira casta, um homem cujo sentido da vida era fazer o bem e elevar o espírito de seus semelhantes. Muito mais do que explicá-lo, cumpre agora ouvir a sua voz – nas páginas que se seguem. Jamais encontrei o professor Monir pessoalmente; mas, após ouvir as gravações e ler as transcrições de suas aulas, posso considerar-me, talvez, um aluno, um amigo, um leitor. Conheça você também o mestre Monir.

Paulo Briguet, jornalista e escritor.

Gênesis

Palestra do professor José Monir Nasser em 9 de agosto de 2008 em Curitiba. Seleção feita pelo prof. Monir. Os trechos são da "Bíblia Sagrada", Edição Ecumênica, Barsa, 1975, tradução de Padre Antônio Pereira de Figueiredo.

Gênesis

PROF. MONIR: O nosso assunto de hoje é super ecumênico: chama-se *Gênesis*. É um assunto de que todos os cristãos mais ou menos têm uma ideia, católicos ou não. Dentro do próprio islamismo existem menções ao livro do *Gênesis*, há uma porção de coincidências, há também Adão e Eva. O islamismo, afinal de contas, é uma das três religiões abraâmicas.

Gênesis é o livro que inaugura a Bíblia. A Bíblia, como toda a grande obra religiosa, começa com os primórdios. Se você pegar todos esses grandes pesquisadores, sobretudo antropólogos que têm uma visão de simbologia – como Mircea Eliade, por exemplo –, eles reconhecem em todas as culturas uma espécie de mito fundacional. É como as coisas começam. Claro que, numa cultura mais simples, esse mito fundacional é mais simples também: "Um dia veio lá um raio, daí desceu um búfalo do céu e transou com a minha avó, e daí nasceu meu pai" e assim começa...

Em um livro maravilhoso chamado *Notas para uma Definição de Cultura*, T. S. Eliot diz que toda e qualquer cultura tem base religiosa. E uma das condições

(entre outras) para uma coisa ser religião é que esta série de ideias, de dogmas, enfim, que esse corpo religioso traga sempre o mito fundacional e o mito escatológico. São dois mitos: um conta como tudo começa e outro diz como tudo vai acabar. No cristianismo isto está muito claro: começa com o *Gênesis* e termina com o *Apocalipse*. Então está aí comprovada a natureza religiosa do cristianismo, porque ele de fato tem esses dois componentes.

Mas o *Gênesis* pertence ao Antigo Testamento, que é judaico e que foi, no entanto, incorporado ao cristianismo. Tenho dito a vocês que há uma coincidência – se você pegar as três religiões abraâmicas, elas tendem a ter uma equivalência com o Pai, o Filho e o Espírito Santo (olhando pra figura da Trindade). O judaísmo é uma religião dominada pela ideia do Pai, é uma religião um pouco aterrorizante, porque é a religião da punição e da expulsão do Paraíso. O cristianismo é uma religião dominada pela ideia do Filho, que é essa ideia do amor salvífico, a ideia do sacrifício do Filho, perfeito, que salvou todo o mundo. E o islamismo, que é a mais nova das três, é uma religião baseada na ideia do Espírito Santo. Ou seja, há uma espécie de silogismo perfeito, um grande silogismo que começa com o Pai punidor, o Filho salvador, e o Espírito Santo reintegrador do Pai. É um extraordinário silogismo representado por essas três religiões ditas religiões abraâmicas – que, sob o ponto de vista rigoroso (explicava René Guénon), são as únicas religiões propriamente ditas. As outras manifestações religiosas não são exatamente religiões. Por exemplo, os budismos (todos os três[1]) e o hinduísmo são muito mais metafísicas do que religiões. São religiões apenas *lato sensu*, mas não *stricto sensu*. *Stricto sensu* só essas três abraâmicas, que

1 Nota da transcritora: As três grandes vertentes do budismo são a Theravada (o budismo mais antigo, nascido na Índia), a Mahayana (difundida na China) e a Vajrayana (difundida no Tibet).

funcionam como um enorme e perfeito silogismo. Então há menções da mesma coisa nas três. Há mais menções a Nossa Senhora no Corão do que no Novo Testamento, por incrível que pareça. Para o Corão, Nossa Senhora chama-se Miriam/Mariam, que é um outro nome mas é a mesma coisa, a mesma pessoa. Existe uma espécie de sincretismo entre essas três religiões.

O cristianismo adotou todo o corpo, quase todo o corpo da Bíblia – aliás, até mais, porque a Bíblia judaica é menor que a Bíblia cristã católica, embora seja do mesmo tamanho que a Bíblia protestante. Mas a Bíblia católica tem sete livros a mais do que a Bíblia judaica e do que a Bíblia protestante (que segue a Bíblia judaica). A Bíblia ortodoxa tem o mesmo tamanho da Bíblia católica.

O cristianismo não repudia o judaísmo no seu aspecto doutrinal e incorpora o Velho Testamento. Claro, é preciso compreender que o cristianismo é baseado no Novo Testamento, nos relatos da presença, na estada de Jesus Cristo aqui na Terra. Mas o cristianismo não deprecia o Velho Testamento, de modo que o *Gênesis* pertence ao mesmo complexo doutrinário.

Além disso, existem diferentes traduções. Como as Bíblias protestantes foram todas feitas nos episódios de dissidência, todo o mundo, começando pelo próprio Lutero, tomou liberdades que não são necessariamente muito aceitáveis na interpretação de certos textos. Então, há diferenças entre a Bíblia católica e a protestante.

Aqui nós usamos a Bíblia católica. A Bíblia que é a base desse nosso trabalho de hoje é a traduzida pelo Padre Antônio Pereira de Figueiredo, a tradução historicamente mais importante da Bíblia para o português. É um padre do

tempo de Pombal, do século XVIII. E é uma tradução muito velha, muito antiga. Para quem quiser ter uma referência do que ela é na prática, é a Bíblia da [enciclopédia] *Barsa*. Se você comprou a *Barsa*, veio uma Bíblia junto. Se você nunca abriu, esta é a melhor Bíblia, em minha opinião, de todas as disponíveis. Não só é primorosa, como tem comentários deliciosos e magníficos! Então, aquela Bíblia que está lá encostada na sua casa, por favor, bote-a em funcionamento urgente. Todo o mundo tem uma *Barsa* em casa, portanto, todo o mundo tem seguramente uma Bíblia também.

Quando analisamos uma obra como a *Teogonia*, vemos como os deuses nasceram a partir da perspectiva grega. E descobrimos que não há nada de politeísmo nos gregos. Há apenas um politeísmo aparente, um politeísmo caracterizado por um conjunto de dimensões pelas quais você pode determinar o problema. É exatamente o que acontece também no hinduísmo, que também não é essencialmente uma religião politeísta. O padre alemão Wilhelm Schmidt defende a ideia de que todas as religiões são monoteístas. Todas, sem exceção. Em todo caso, comparando a *Teogonia* e o *Gênesis*, podemos fazer algum paralelo entre os dois modos de ver o mundo. Não vamos esquecer que o mundo tal como nós o conhecemos, o mundo ocidental na sua estrutura, na sua essência moderna, é metade judaico-cristão e metade grego – essas são as influências, os DNAs que fizeram o mundo ocidental.

Nosso esforço aqui é compreender o *Gênesis* no seu sentido implícito. Não se trata de uma aula que um padre daria, não se trata de uma apresentação de natureza religiosa e exortativa. Afinal de contas, este é um curso de cultura (sem nenhuma depreciação da exortação religiosa, a que atribuo grande importância, aliás). No entanto, vamos tentar entender a obra aqui

sob o ponto de vista simbólico. Se alguém se transformar em cristão por causa do dia de hoje, eu vou ficar muito feliz, mas não é esse o objetivo do nosso trabalho aqui.

Muito bem! Será que a gente podia começar? Eu leio sempre esse primeiro pedacinho aqui:

O Gênesis é o primeiro livro do conjunto de cinco livros (Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio) chamado pelos cristãos de Pentateuco, que significa "cinco volumes", e pelos judeus de Tôra (Torah), que significa "coleção de instruções".

Então, isso que nós chamamos de Pentateuco os judeus chamam de *Torah*. Outro nome usado é Lei Mosaica, porque se pretende que estes cinco livros tenham sido escritos por Moisés. Isso hoje em dia é tido como muito improvável, porque os livros têm estilos diferentes, muitas diferenças intrínsecas que para a filologia moderna implicam impossibilidade de terem sido escritos pela mesma pessoa.

Tradicionalmente atribuída a Moisés, que a teria recebido no Sinai por volta do ano 1400 a.C., a famosa "lei mosaica", foi escrita, na verdade, por diversos narradores ao longo de muitas centenas de anos, a partir de tradições orais.

PROF. MONIR: Também queria lembrá-los de que o Velho Testamento judaico é menor do que o Velho Testamento cristão católico e ortodoxo, que aceita sete livros a mais, considerados espúrios pelos judeus e protestantes. Mas fora isso são muito parecidos e todos eles têm a mesma origem, como está explicado no próximo parágrafo aqui:

Para os judeus, o Gênesis chama-se "Bereshit", que significa "No Princípio". O nome "Gênesis" (como de resto o dos outros quatro livros) é grego, porque estabelecido na tradução "Septuaginta", em que setenta rabinos, durante setenta dias, em 260 a.C., traduziram para o grego os originais hebraicos do Velho Testamento para atender judeus de língua grega.

PROF. MONIR: O nome "Gênesis" é grego, nenhum judeu jamais o inventou, não é um nome judaico. Aliás, os nomes dos outros quatros livros também são gregos porque assim foi estabelecido na tradução Septuaginta, marcada por um LXX (70 em números romanos), uma tradução feita pelos rabinos. Em 260 a.C., setenta rabinos – diz o folclore – traduziram em setenta dias todo o Velho Testamento para o grego, apenas porque eles achavam que devia ter uma versão em grego. Nesta época o grego era já a língua mais culta do Mediterrâneo, digamos assim – da Europa, portanto, da época. E havia muito judeu que não sabia hebraico.

Não sei se vocês sabiam, mas o cativeiro da Babilônia que aconteceu por volta de 600 a.C, foi um fato tão arrasador para a história do judaísmo que, entre as coisas que aconteceram, eles desaprenderam o hebraico. O hebraico passou a ser a língua apenas do rabinato, a língua culta judaica. O judeu comum não falava hebraico. Jesus Cristo não falava hebraico, falava aramaico. Então o hebraico mais ou menos desapareceu do mundo judaico comum, uma das grandes consequências maléficas do cativeiro da Babilônia, que durou 50 anos, mais ou menos. Só voltou a ser a língua oficial judaica agora com o Estado de Israel, no século XX.

As Bíblias em outras línguas europeias, de modo geral, são baseadas na tradução Septuaginta. Mais tarde, é claro, inúmeros tradutores foram

aprender o hebraico para ler os originais. Mas a base da tradução da Bíblia usada nas línguas ocidentais é a Septuaginta – a Bíblia que São Jerônimo, por exemplo, usou para fazer a Vulgata. No ano 400 d.C., São Jerônimo fez uma versão da Bíblia que passou a ser a oficial da Igreja Católica (só havia esta naquela época) chamada Vulgata, com base na tradução Septuaginta (que já tinha 650 anos naquela altura).

A obra que tem cinquenta capítulos narra a cosmologia judaica, o nascimento e a queda do homem, a destruição do mundo pelo dilúvio, seu repovoamento pelos filhos de Noé, a história de Abraão e o início do povo judeu com as sagas de Isaque, de seu filho Jacó e, filho deste, José. A narrativa acaba com o estabelecimento dos judeus no Egito.

PROF. MONIR: Com o repovoamento pelos filhos de Noé fecha-se mais ou menos a primeira parte. O *Gênesis* que você lê até aí é um *Gênesis*, daí pra frente é outro livro muito diferente. Porque a partir do repovoamento do mundo por Noé, vai-se chegar de Noé até Abraão. Abraão é descendente de Noé e não é judeu tecnicamente falando. O seu filho é tecnicamente judeu, mas ele não, ele é descendente de Noé. Pai de Ismael, que é a origem dos árabes; pai de Isaac, que é a origem dos judeus. E a partir daí o *Gênesis* faz então basicamente a história dos três maiores patriarcas, que são Isaac, Jacó e José. Esses três são os construtores, digamos, da ideia de judaísmo que depois irá ser dada por Moisés. Acaba o *Gênesis* exatamente na hora em que os judeus se estabelecem no Egito. Acaba com a narração da morte de Jacó, que morre no Egito, mas é enterrado na Terra Prometida.

De modo que o *Gênesis* é essencialmente uma compilação de duas grandes histórias: a primeira história vai desde o início do mundo até a sua destruição

pelo dilúvio, e o seu repovoamento pelos três filhos de Noé: Cam, Jafé e Sem. Depois, a partir deste repovoamento há uma linha, uma certa dinastia, que vai acabar em Abraão. E Abraão, então, tendo o filho Isaac com Sara, é que inicia uma linha chamada judaísmo. Aí o Velho Testamento começa a contar a saga desse povo, dito povo escolhido, que é o povo judeu.

ALUNO: *Os árabes são descendentes de Isaac?*

PROF. MONIR: Não, de Abraão. Ismael é filho de Abraão com uma escrava chamada Agar. E Isaac é filho de Abraão com Sara. São duas linhagens.

ALUNO: *Uma é árabe e a outra é judaica.*

PROF. MONIR: É assim, digamos, simbolicamente. Porque este não é um livro de história etnográfica, não é um livro científico. É um livro simbólico. É preciso ter esse cuidado quando se lê simbologia. O truque para você ler isso aqui e entender é o seguinte: nós não temos nenhuma obrigação de aceitar as coisas ao pé da letra. Por exemplo, quando diz lá que fulano viveu 650 anos, você não é obrigado a aceitar isso como verdade objetiva. Eu de fato não sei quanto viveu, mas você não é obrigado a aceitar 650 anos de calendário. Por outro lado, você não tem o direito de supor que foi pouco.

Entenderam esse modo de pensar? Por exemplo, você não tem obrigação de acreditar que no paraíso havia néctar e ambrósia, que isso nascia por ali, mas também você não tem o direito de supor que seja um lugar ruim. Compreenderam? Você tem obrigação de aceitar o espírito geral daquela narrativa sem, no entanto, estar obrigado a aceitá-la como verdade objetiva.

Existe hoje esse debate extremamente asinino chamado evolucionismo versus criacionismo. No fundo, para um criacionista, no sentido cristão, a questão de saber se Deus fez o mundo de uma vez só ou devagar é completamente secundária. Deus criou o mundo! Compreenderam por que esse debate não tem sentido? É um falso debate inventado pelos evolucionistas, porque todas as vezes que alguém lhes pede provas da sua teoria, eles começam a xingar o indagador chamando-o de criacionista. Aqui nós estamos falando de coisas simbólicas, e o evolucionismo, pelo menos, se tem em conta de ciência. Se eles se têm em conta de ciência, que apresentem as provas. Toda vez que alguém pede, eles dizem: "Não, você é um criacionista porque está me pedindo provas!" É uma coisa meio imbecil; no fundo, no fundo, não tem cabimento nenhum. E, para o ponto de vista cristão, se o mundo foi feito por Deus de uma vez só ou se foi feito devagar é completamente secundário porque, seja como for, Deus fez o mundo. Se foi feito devagar ou não, é um problema para cientista descobrir mesmo. Mas aí, uma vez que você se põe na postura de cientista, é preciso que você apresente as provas, antes de mais nada, e não apenas mais um mito. Então, mito por mito, ficamos com esse aqui. O mito é simbólico, em última análise.

Estava aqui conversando com a professora Vilma, que dizia que a antropologia é simbólica. É verdade. Não existe nenhuma área do saber humano que não seja simbólica. Há dois fulanos que estudaram isso: um chama-se Leszek Kolakowski, que escreveu o livro *A Presença do Mito* (tem edição em português, difícil de achar; você acha em sebo de vez em quando) dizendo o seguinte: mesmo a conta mais árida de matemática é baseada em algum mito. No fundo, no fundo expressa algum mito implícito. E há Mary Midgley, uma filósofa inglesa que escreveu um livro chamado *The myths we live by* (*Os mitos com os quais nós vivemos*), que também é a demonstração

de que a inteligência humana não entende nada a não ser a partir do ponto de vista mítico. A partir do mito você pode inventar explicações, mas o mito é sempre a condição para a compreensão do mundo em redor. A mente humana não funciona a não ser através dos mitos.

O que nós vamos fazer a partir de agora é um pouquinho diferente da metodologia habitual... Para quem está vindo pela primeira vez hoje, de modo geral a gente faz um resumo, apenas discute o resumo e depois no final tem um debate sobre o significado da obra. Hoje vou fazer diferente. Eu vou fazer aqui uma interpretação linha a linha. Lembrando sempre que a única regra deste curso é que é proibido não entender. Então, a qualquer momento interrompam, por gentileza, quando tiverem dúvida. E eu farei os comentários que achar relevantes para a interpretação do texto. Por quê? Porque a ideia aqui é tentar descobrir o que está oculto na aparência das palavras do *Gênesis*. E essa compreensão é uma compreensão comum, não é? Quase todo o livro é assim.

Dante Alighieri dizia que há quatro maneiras de ler um livro: a primeira é a maneira poética literal, quando você só vê a parte formal. A segunda é a maneira social, quer dizer, o que aquele livro revela de interesses. (No caso do Dante, então, *A Divina Comédia* é 40% política – ele colocou todo o mundo no inferno, todos os seus inimigos... Dante nunca mais voltou para Florença, onde há um túmulo de Dante vazio. Ele não está enterrado em Florença. Dante Alighieri nunca voltou, nem depois de morto.) A terceira maneira, de acordo com Dante, é a filosófica, tentando entender o que é que aquele livro representa de ideário. E finalmente há a maneira mística, esotérica (com s), que é quando você percebe o que é que significam aquelas coisas – por exemplo, por que São Bernardo de Claraval é o guia de

Dante no terceiro percurso da sua viagem. O primeiro guia era Virgílio, que depois é substituído por Beatriz, que finalmente é sucedida por Bernardo de Claraval. Claraval é uma espécie de padroeiro dos templários, e este fato tem um significado oculto. Então, há muitas maneiras de ler um livro.

Nós vamos ler o *Gênesis* tentando perceber os significados ocultos, sem jamais, de maneira alguma, produzir qualquer contestação do seu valor religioso, no qual eu acredito piamente. Então não se trata de fazer uma leitura religiosa, mas uma leitura que parte da aceitação tácita do valor da Palavra de Deus escrita aqui. No entanto, há alguma coisa que nós vamos tentar entender aqui para resolver alguns dos mistérios do *Gênesis*. Porque se você for ler a obra literalmente, você fica muito embatucado com determinadas contradições, há coisas muito pouco explicadas ali. Há, obviamente, uma história de polêmicas religiosas em torno dessas coisas. Como é que Deus diz *"Faça-se a Luz"* e só nasce o sol no quarto dia? Não é isso? E assim por diante. Há coisas que só vamos poder entender se a gente olhar para o texto com cuidado.

Será que a gente podia começar então? Vocês estão preparados? Então vamos lá, lembrando sempre que, embora não saiba explicar tudo, eu estudei esse negócio e responderei o que souber. Quando não souber, direi simplesmente que não sei. Não dá para imaginar solucionar todos os segredos aqui e agora. Mas seguramente a gente vai sair daqui entendendo um pouco melhor o significado da obra.

Muito bem! Então começa o primeiro capítulo do *Gênesis* com a história da criação. A história da criação é o que em filosofia se chama de um modo geral de cosmologia. Então, essa parte da filosofia chamada metafísica é

composta essencialmente de dois pedaços: a cosmologia, sobre de onde vieram as coisas e a ontologia, que é uma avaliação do que as coisas de fato são. Muito bem, então.

I. História Primitiva

História da Criação

1 No princípio criou Deus o céu e a terra.

PROF. MONIR: O que significa isso? Significa que Deus criou tudo. E também significa que esse tudo divide-se, fundamentalmente, em dois pedaços: o céu, que está associado ao espírito, e a terra, que está associada à matéria. Céu e terra existem logo no início apenas para demonstrar que Deus é todo-poderoso, criador de todas as coisas. Continuamos:

2 A terra, porém, estava vazia e nua; e as trevas cobriam a face do abismo; e o espírito de Deus era levado por cima das águas.

PROF. MONIR: Aí temos a primeira dificuldade. A *Teogonia* começa assim: *"No começo é o caos"*. Então, o que significa isso, *"e as trevas cobriam a face do abismo"*? Abismo está associado a trevas. Se vamos fazer uma leitura simbólica, temos que olhar para isso da seguinte maneira: o que aconteceu no início é que, como o mundo parece completamente incompreensível – porque no início ele não tem forma nenhuma, Deus ainda não atuou sobre o mundo, não produziu forma no mundo –, então o mundo é uma coisa

que não pode ser entendida, que está muito distante e inacessível à nossa compreensão. O ser humano, quando olha para o mundo, não consegue entender nada. No início há apenas alguma coisa que não tem significado ou possibilidade de interpretação para o homem.

É o que acontecia na *Teogonia*: o caos que antecede o nascimento de Gaia e Urano na *Teogonia* é o caos da incompreensibilidade, como se houvesse uma natureza necessariamente misteriosa. No livro *Ortodoxia,* G. K. Chesterton diz que a única maneira de você poder entender alguma coisa é aceitar que tudo flutua numa espécie de mar de mistério. No começo tudo só tem mistério, a gente pode entender um pedacinho, mas em princípio ainda há aspectos completamente incompreensíveis que rodeiam o mundo em volta de nós.

ALUNO: *É à filosofia dos contos de fadas que ele se refere...*

PROF. MONIR: Ele diz o seguinte: o que diferencia os contos de fada da literatura moderna é que os contos de fada são histórias de pessoas normais, saudáveis, vivendo num mundo de monstros e malucos, e a literatura moderna é a literatura de monstros e malucos vivendo num mundo normal...

ALUNOS: *(Risos.)*

PROF. MONIR: O que me parece uma coisa de uma genialidade extraordinária. Aliás, esse livro do Chesterton, eu sugiro comprar correndo. Custa 15, 17 reais o livro, uma tradução saída do forno. Não é uma tradução maravilhosa (tanto é que eu leio lá no original, para ir corrigindo), mas afinal de contas, tradução maravilhosa é quase impossível.

ALUNO: *Ortodoxia*?

PROF. MONIR: *Ortodoxia*, de G.K. Chesterton. É um livro recém-lançado, em qualquer livraria você encontra. Custa baratíssimo, é quase de presente. A tradução é boa. É um livro de defesa filosófica do cristianismo, escrito por um dos sujeitos mais engraçados que você possa imaginar, que é esse G.K. Chesterton. Era um sujeito muito gordo e muito engraçado. Chesterton é autor de uma das frases mais inteligentes que eu já ouvi, que diz assim: "Quem não acredita em Deus, não é que não acredite em nada, é que acredita em tudo". Um negócio genial! Essa é uma frase famosa, lapidar de Chesterton. Era um sujeito muito engraçado. Caiu de moda. Ele escreveu muito, mas era jornalista demais, então sua obra tem um pouco de viés jornalístico, o que a torna um pouquinho datada. Agora, tem dois livros magníficos – um chamado *Heréticos* e depois o livro que o complementa, chamado *Ortodoxia*. Também tem um ou outro romance; não são muito importantes. Esses dois aí são os mais importantes de todos.

Aqui há um pedacinho que eu ainda não expliquei: *"e o espírito de Deus era levado por cima das águas"*. As águas representam simbolicamente a potência absoluta. Porque a água, entre os seus diversos significados simbólicos... – lembrem sempre que uma coisa nunca tem uma só simbologia. Aliás, é preciso que eu faça aqui uma interrupção para a gente falar um pouquinho sobre a palavra *simbologia*.

Símbolo vem da palavra grega *sym* = junto e *bolom* = apanhar. Portanto, símbolo é quando você, ao olhar para certa coisa – água, por exemplo –, é capaz de entender que aquele elemento chamado água tem muitos significados ao mesmo tempo. Não é apenas H_2O. Então, quando você

perde a capacidade de pensamento simbólico, você jura que a água é um elemento químico em que há uma associação do hidrogênio com o oxigênio. É uma maneira muito pobre de ver o mundo, porque a água é isso, mas também não é só isso. Ela representa uma porção de outras coisas. Representa a possibilidade total de moldagem, porque assumirá sempre a forma do seu recipiente. Significa, portanto, a possibilidade da fertilidade; não há fertilidade na natureza sem água. A água representa sexo... Eu tenho um conhecido dono de empresa que fica torturando as pessoas, mandando mensagens por telefone, mensagens românticas. Ele diz que quando chove o movimento aumenta 40%.

ALUNOS: *(Risos.)*

PROF. MONIR: A chuva tem uma conotação sexual, e assim por diante. O pensamento simbólico analisa um assunto sob diversos ângulos simultâneos. O contrário do simbólico é o diabólico. *Dia* é o contrário de *sym*. Então, etimologicamente falando, *diábolo* é aquele que separa e impede de juntar. Portanto o diabo propriamente dito, esse velho conhecido da humanidade, é aquele que impede que você veja o conjunto de significados e impõe um apenas. Não é divertido saber isso? Eu acho divertidíssimo.

É preciso também que vocês nunca esqueçam que há uma diferença muito grande entre símbolo e alegoria, apesar de que hoje em dia parece ser mais comum que se interessem por alegoria. Ambos são analogias. No entanto, alegoria é uma analogia forçada, artificial. Você vai assistir ao filme *Shrek* e sai do cinema achando que aquele filme foi inspirado no seu chefe...

ALUNOS: *(Risos.)*

PROF. MONIR: Você tem certeza absoluta de que aquele sujeito é o seu chefe. Então isso é uma alegoria, mas não é um símbolo, a não ser que o seu chefe seja verde. Ele não pode ser simbolicamente comparado com isso. No início da programação de 2008, o primeiro livro que analisei foi *O Senhor dos Anéis*, de Tolkien. Durante *O Senhor dos Anéis* eu deixei bem clara a diferença que havia entre essas interpretações alegóricas e as interpretações simbólicas. Tolkien, quando escreveu o livro, proibiu de fazer interpretação alegórica, mas foi só o que se fez. Quer dizer, a ideia de que aqueles *Hobbits* são os ingleses, e de que o Sauron é Hitler... Quer dizer, essa é uma interpretação alegórica, porque é apenas uma comparação mais ou menos arbitrária. É possível que também Hitler tenha achado que Churchill era Sauron, e não o contrário. Fiz uma interpretação simbólica mostrando que o que aquele anel representa são as pequeníssimas ideias, os pequeníssimos modelos de interpretação do mundo desenvolvidos no século XIX. A ideia central simbólica do livro é que aquele anelzinho que tem que ser destruído é o materialismo, o positivismo, o socialismo, o marxismo, todas essas ideias de interpretação do mundo que são aparentemente perfeitas, mas são fechadas em si próprias. Ou seja, elas são minúsculas, muito pequenas e não servem pra interpretar o mundo. É isso que tem de ser destruído para que o mundo não fique prisioneiro do Sauron. No livro *1984*, de George Orwell, vemos o que acontece quando Sauron pega o anel. Mas, enfim, eu queria apenas dizer que na interpretação simbólica há de haver algum conteúdo que seja real, concreto. Tudo aquilo que é simbolizado tem de ter uma ligação real e concreta com o símbolo. O simbolizado e o símbolo (o simbolizante, se quiserem falar assim), têm de ter alguma ligação intrínseca em princípio, essa é a essência da simbologia. Como não temos uma mente voltada para a simbologia, só sabemos fazer alegorias, apenas alegorias. Perdeu-se muito a riqueza da simbologia no mundo moderno. É uma pena!

Mas eu estava querendo dizer aqui é que as águas têm este sentido de mobilidade, portanto, de potência. As águas têm a potência. *"O espírito de Deus estava sobre as águas"* porque aquela enorme e indefinida matéria inicial precisava tomar forma. Na *Teogonia*, vocês lembrarão, é a mesma coisa o que fazem os Titãs e os Hecatônquiros, aqueles seres elementais violentíssimos que dão a forma geológica ao mundo. Aqui é a mesma coisa. Estamos no momento inicial em que Deus está inventando o mundo, está criando o mundo.

ALUNO: Essa tradução diz aqui: "O Espírito de Deus era levado por cima das águas". Tem uma outra tradução que diz "permanecia sobre as águas". Em razão da imutabilidade divina, também.

A melhor tradução para o trecho seria "o espírito de Deus *pairava* sobre as águas". Quer dizer, ali embaixo você tem aquele conjunto de potências; o espírito de Deus olha sobre este conjunto disforme e irá dar forma a ele. É esse o sentido verdadeiro. Mas as traduções variam sempre.

ALUNA: A ideia da eternidade. Anterior ao tempo. Não há tempo, ele paira. Porque se ele se movimenta, ele se movimenta no espaço. Então não existe mais eternidade.

Nós aqui não estamos mais falando do mundo de Deus, estamos falando do mundo já manifestado, onde há tempo. Porque no mundo de Deus não há tempo. Tempo só existe na criação. E o tempo da criação aqui já existe, porque há uma matéria que tem forma e existe de alguma maneira. O sentido fundamental é que aquela massa será moldada por Deus.

3 Disse Deus: Faça-se a luz; e fez-se a luz.

PROF. MONIR: Aí os inimigos da Bíblia, os implicantes, chatos, etc., ficam achando muito estranho que isso tenha aparecido aqui, porque, se o sol só vai aparecer lá no quarto ou quinto dia, como é que pode aparecer a luz agora? Quem leu *Os Irmãos Karamázov* deve se lembrar de que Smerdiákov, que é aquele filho ilegítimo do velho Karamázov, fica fazendo esses comentários e cada vez que faz um comentário toma uma bolacha. Com comentários aparentemente certinhos, tenta desbancar a Bíblia, porque é influenciado pelo Ivan Karamázov, que é ateu. Então fica fazendo umas piadinhas e pá!, toma uma bolacha cada vez que faz um comentário assim.

Aqui há um primeiro problema: o sol não existe ainda, mas já há luz. Só vamos entender esse sentido da luz, entendendo que essa luz contrasta com a indiferenciação: aquele abismo sem possibilidade de compreensão começa a ser entendido a partir de agora. Quer dizer, essa luz não é uma luz no sentido astral, mas no sentido simbólico... Começa a tomar forma, o mundo começa a ser compreensível. Não é no sentido de luminosidade, como a destas lâmpadas aqui e agora.

4 E viu Deus que a luz era boa; e dividiu a luz das trevas.

PROF. MONIR: O que significa "dividir a luz das trevas"? O seguinte: é separar os pedaços do mundo que nós vamos poder compreender dos pedaços que nós não vamos compreender.

O que eu estou querendo dizer com isso, voltando a pegar Chesterton como auxiliar: ele vai nos dizer que, se você não tiver a perspectiva do mistério, você

não entende nada, porque de fato não é possível imaginar a compreensão de toda a estrutura da realidade. Há coisas que serão compreendidas só no Juízo Final. Todos os atos na sua vida que foram sem sentido, e que você não entendeu por que aconteceram com você, serão compreendidos provavelmente no Juízo Final. Mas uma enorme quantidade de outras coisas serão mistérios para sempre, porque a nossa possibilidade de compreensão de alguma coisa será sempre limitada.

O que, então, significa separar a luz das trevas? Significa que Deus criou uma espécie de limite, uma fronteira a partir da qual nós não saberemos nunca, continuaremos nas trevas. Apenas para nos dizer o quanto somos criaturas, para que não percamos a nossa limitação de criatura. Haverá mistérios insondáveis o resto dos tempos, e quanto antes você os aceitar, mais inteligente você ficará. Paradoxalmente, você é mais inteligente quando parte do pressuposto de que não sabe tudo. Porque o contrário é fazer os aneizinhos do Sauron. Os aneizinhos são pressuposições soberbas de que tudo que acontece no mundo pode ser explicado pelo marxismo, por exemplo. O que é o anelzinho das pequenas explicações do século XIX, aquilo que tem de matar, que tem de destruir? São maneiras de tentar colocar o mundo na cabeça.

O que é um anelzinho? É a ideia que as pessoas têm (e que acham que funciona), de pegar o mundo inteiro e botar na nossa cabeça, quando na verdade a única maneira de conhecer alguma coisa é o contrário: botar a cabeça no mundo. Mas, para fazer isso, você tem de pressupor que muita coisa não será compreendida jamais, e é isso que significa este ato de Deus de separar a luz das trevas.

ALUNO: *Há uma frase de Santo Agostinho que diz ser mais fácil meter toda a água do mar numa poça cavada na praia do que colocar Deus no intelecto humano.*

PROF. MONIR: É verdade, isso mesmo!

5 E chamou à luz dia, e às trevas noite; e da tarde e da manhã se fez o dia primeiro.

PROF. MONIR: Aqui começa a segunda contradição. Por que a Bíblia fala *"e da tarde e da manhã se fez o dia primeiro"* e não "da manhã e da tarde"? Esse é um debate teológico infernalmente complicado; gastou-se neurônios aos milhões para tentar descobrir qual é a razão da inversão – supondo que a inversão tenha algum sentido (e provavelmente tem mesmo). A ideia de inverter é a de que depois que um determinado período passa, começa outro. Quer dizer, é dar uma ideia não de que a coisa acaba, mas de que a coisa está sempre recomeçando. Por isso é que se inverte "da manhã e da tarde" para "da tarde e da manhã". O que a Bíblia aqui está dizendo é que há uma espécie de sucessão nas coisas, o que os hindus percebem muito melhor do que nós, porque trabalham sempre com a ideia de ciclo. A ideia de ciclo é a ideia de que tudo nasce, vive e morre. Há uma sucessão interminável de ciclos. Esses ciclos, dizem os hindus, também explicam os diversos mundos que se sucedem. E esses mundos são chamados de manvantaras – é o que nós entendemos como início pelo *Gênesis* e final pelo *Apocalipse*. Pois nós também concordamos com isso. A percepção cristã desse assunto é de que esse mundo um dia acabará também. E começará o outro mundo, que é a vida eterna, digamos assim, que é um mundo de outra esfera. Aí está o sentido dessa inversão, que de modo geral é um pouco mal compreendida.

Por que Deus chamou a luz de "dia" e as trevas de "noite"? Porque a luz está associada com explicação, com aquilo que é explicável, e as trevas estão associadas com aquilo que não é. O que Deus faz agora no início da criação é criar um campo de possibilidades de compreensão humana. E esse é o sentido da luz aqui e não é o sentido da luz solar, porque o sol ainda não existe. Não há contradição nenhuma. Há apenas uma mudança de conceito do que se está falando. O conceito de luz uma hora é simbólico, e outra hora é mais físico. Mas são dois conceitos diferentes.

6 Disse também Deus: Faça-se o firmamento no meio das águas, e separe umas águas das outras águas.

PROF. MONIR: As águas de baixo das águas de cima. As águas que estão nos céus, que são as chuvas, das águas de baixo. Agora o mais importante aqui nesse ponto não é tanto essa questão das águas, mas é a ideia de que Deus inventou o espaço – quando você separa as águas de cima e as de baixo você cria o céu e a terra no sentido físico. Deus agora inventa o espaço. O que é o espaço? É a extensão da matéria. O que caracteriza este mundo manifestado são três dimensões simultâneas: o espaço, o tempo e o número. Tudo que existe no mundo manifestado está subordinado a estas três naturezas, estas três realidades. Deus aqui então inventa o espaço, e inventa o espaço pela separação das águas, ou seja, vai dando forma ao mundo. A mesma coisa que faziam Urano e Geia criando os Titãs, e os Titãs dando forma ao mundo. É a mesma ideia.

7 E fez Deus o firmamento, e dividiu as águas, que estavam por baixo do firmamento, das que estavam por cima do firmamento.

PROF. MONIR: As de baixo são os mares e as águas em geral e as de cima são as nuvens.

8 E chamou Deus ao firmamento céu; e da tarde e da manhã se fez o dia segundo.

PROF. MONIR: Aqui estamos falando já do céu real, não do céu simbólico. Porque o céu simbólico que é criado lá no início; não é que seja recriado aqui. Lembram que começou Deus criando o céu e a terra? Então, Ele não está recriando a mesma coisa aqui. Compreendem? Não há uma contradição entre este céu e o outro, porque este aqui é o céu no sentido físico, e o outro é o céu no sentido espiritual. O céu simboliza o espírito e a terra simboliza a matéria. No caso da *Teogonia*, Urano simbolizava o espírito e Geia simbolizava a matéria. Essas duas coisas existem juntas, mas o espírito que foi criado logo no início, na primeira linha, é o céu espírito, no sentido de entidade espiritual, e agora Deus está criando o céu propriamente dito, fisicamente. Ele está organizando a matéria.

9 Disse também Deus: As águas que estão debaixo do céu, ajuntem-se num mesmo lugar, e o elemento árido apareça. E assim se fez.

PROF. MONIR: Deus está organizando a matéria. Está pegando aquela matéria que era informe, ou disforme, como queiram falar – pelo menos era incompreensível – e está dando à matéria uma certa forma, a forma que o mundo tem. Esse mundo que julgamos que seja o único que existe. Então Deus está aos pouquinhos dando a matéria. Quem faz isso na *Teogonia*? São os Titãs e os Hecatônquiros, fenômenos da natureza, forças brutais da natureza. Aqui, não. Na cosmologia cristã é Deus quem faz diretamente.

ALUNA: *(Faz comentário sobre os judeus evitarem fazer negócios na segunda-feira.)*

PROF. MONIR: Olha, sempre pode ter alguma base simbólica que é bom a gente prestar atenção. Por exemplo, a gente não deve fazer reunião na terça-feira, porque terça é o dia de Marte. Marte é o deus da guerra, então reunião na terça-feira vai dar briga.

ALUNOS: *(Risos.)*

PROF. MONIR: É verdade. Martes. Em português a gente não sabe isso, porque em português a gente fala segunda, terça, quarta e quinta... Mas, em qualquer outra língua, os dias representam planetas determinados. Então segunda-feira é dia da Lua (*Monday*), terça-feira é dia de Marte, quarta-feira de Mercúrio, quinta-feira de Júpiter, sexta de Vênus, sábado de Saturno e domingo, Sol. Há certamente uma simbologia nessa história que não é de se jogar fora. Então na dúvida, na dúvida, não faça reunião na terça-feira, que é capaz de dar briga, faça em outro dia qualquer. Está certo? Se não tiver outro jeito, faça, mas evite; é melhor não fazer reunião na terça.

10 E chamou Deus ao elemento árido terra, e ao agregado das águas mares. E viu Deus que isto era bom.

PROF. MONIR: Tudo isso é Deus formatando o mundo.

11 Disse também Deus: Produza a terra erva verde que dê a sua semente; e produza árvores frutíferas que deem fruto, segundo a sua espécie, e que contenham a sua semente em si mesmas, para a reproduzirem sobre a terra. E assim se fez.

PROF. MONIR: Os judeus achavam que a grama não tinha semente nela própria. Quer dizer, dentro da biologia judaica daquela época, a concepção era que a grama não é como uma planta que dá um fruto, porque a semente da grama não é visível como a semente que está dentro de uma maçã. Por isso há essa divisão aqui. É uma divisão sem importância simbólica, apenas uma restrição de adequação do que se está dizendo aos conhecimentos biológicos da época.

12 E produziu a terra erva verde, que dava semente segundo a sua espécie; e produziu árvores frutíferas que continham a sua semente em si mesmas. E viu Deus que isto era bom. 13 E da tarde e da manhã se fez o dia terceiro.

PROF. MONIR: Aos pouquinhos, o que está acontecendo aqui? Já tínhamos o céu e as águas separadas, depois tivemos as águas e a terra separadas, e agora Deus cria os vegetais, que são os seres vivos mais básicos, mais simples. Aos pouquinhos o espírito de Deus, numa sequência de dias (embora isso seja completamente simbólico, não é preciso acreditar que seja de um dia para o outro), vai estabelecendo a forma que preside o mundo, o mundo tal como ele é hoje. Essa é a ideia.

14 Disse também Deus: Façam-se uns luzeiros no firmamento do céu, que dividam o dia e a noite, e sirvam de sinais nos tempos, as estações, os dias e os anos;

PROF. MONIR: Os luzeiros o que são? São as estrelas. E aí então finalmente aparece a luz, no sentido físico da palavra, que não é igual àquela luz fabricada logo no primeiro momento. Aquela luz do primeiro momento é uma luz, digamos assim, do intelecto, da possibilidade de compreender

o mundo, e essa luz agora aqui é a luz física propriamente dita. Portanto, não há nenhuma contradição, não há nenhum engano. Ao contrário, é só saber interpretar. Todas as aparentes contradições são de alguma maneira explicáveis numa perspectiva simbólica. Agora, numa perspectiva literal a gente fica sem saber o que fazer, não é? Aí temos de usar aquele sistema *credo quia absurdum*, que é o método que os escolásticos inventaram, de quando se depara com uma coisa que parece ser uma tremenda contradição, acreditar nela apesar de parecer absurda. Chama-se *credo quia absurdum*, que quer dizer "creio apesar de absurdo", e essa é a ideia de quem está lendo o assunto aqui de uma perspectiva dogmática. Mas se você está lendo simbolicamente, você tem muito mais poder de interpretação do que alguém que está lendo dogmaticamente o assunto. Então é preciso entender que uma leitura simbólica vai gerar conclusões extraordinárias. Daqui a pouquinho nós vamos nos surpreender com determinadas coisas que serão explicadas aqui. Mas essa é a ideia, a nossa perspectiva é uma perspectiva de natureza simbólica, e não dogmática. É o que nós estamos fazendo.

15 que luzam no firmamento do céu, e alumiem a terra. E assim se fez. 16 Fez Deus, pois, dois grandes luzeiros, um maior, que presidisse ao dia; outro mais pequeno, que presidisse à noite: e criou também as estrelas.

PROF. MONIR: O que preside ao dia é o sol, e à noite é a lua. Aqui há uma coisa interessante, porque os dois, na aparência, para a nossa dimensão humana, são do mesmo tamanho. E a razão pela qual a lua e o sol são do mesmo tamanho... A lua parece sempre maior que o sol, para ser mais preciso, porque a lua obviamente está aqui pertinho. Míseros 350.000km, que é a vida útil de um táxi. Então é pertinho, dá pra ir de táxi.

ALUNOS: *(Risos.)*

PROF. MONIR: O sol é muito mais distante. Mas no céu a aparência é de que eles são do mesmo tamanho, o que também por outro lado pode ser interpretado simbolicamente; se o sol e a lua são do mesmo tamanho é porque eles têm, de alguma maneira, uma equivalência. O sol é o princípio ativo, a lua é o princípio passivo. O sol é *yang* e a lua é *yin*. O sol é o homem, a lua é a mulher. O sol é o ato, a lua é a potência. O sol é *purusha*, a lua é *prakriti*. Todas essas equivalências simbólicas de dualidades, que são complementares uma da outra, são todas elas associadas à ideia de sol e lua. E para uma visualização a partir da terra, eles são muito parecidos em tamanho. É claro que o sol é muito maior, mas não na visualização; simbolicamente eles são iguais. Portanto não há como você preferir o passivo sobre o ativo, a substância sobre a forma... No fundo essas coisas todas são uma tão importante quanto a outra, porque no final das contas não pode haver nada que não tenha forma e substância, é preciso ter as duas coisas ao mesmo tempo. Por isso a lua e o sol têm um sentido simbólico extraordinário. Poucas coisas representam tantas simbologias diferentes quanto a lua e o sol.

ALUNA: *O sol é ouro e a lua é prata.*

PROF. MONIR: Também há esse significado associado à cor. O sol representa fundamentalmente o princípio ativo e a lua o princípio passivo, porque a lua não tem luz própria, ela reflete a luz do sol. Quando a lua está iluminada, não é que ela tenha luz; ela está refletindo a luz de alguma outra entidade, no caso a luz do sol.

ALUNO: *Também o sol como conhecimento intuitivo e a lua como conhecimento intelectivo – um possui luz própria e o outro não.*

PROF. MONIR: Pode ser visto assim também. Quer dizer, a lua e o sol são simbologias essenciais em toda cultura ocidental. Em todas as religiões elas significam alguma coisa, basta você lembrar que o símbolo do islamismo é a lua crescente com uma estrela. Não foi um designer gráfico que inventou isso, que achou que ia ser bacaninha fazer assim. Essas coisas todas têm um sentido.

O que Deus está dizendo com a criação da lua e do sol aqui é que as coisas deste mundo são feitas de dualidades complementares. Você tem homem e mulher. Homem e mulher não são dualidades excludentes. Porque nem toda a dualidade é complementar: por exemplo, a ideia do aceso e apagado, claro e escuro, é uma dualidade excludente. Quando apago a luz, tenho então escuridão; quando acendo a luz, tenho claridade que expulsa automaticamente a escuridão. Nesse caso, o escuro e o claro são como se fossem excludentes. Um menos um dá zero. A soma dos dois dá sempre zero. No caso do homem e da mulher (entre muitos outros), não tenho essa exclusão, porque os homens e as mulheres existem simultaneamente. Então é como se eu somasse meio com meio pra dar um. Toda a vez que esta dualidade não é excludente, mas complementar, tenho um processo que pode ser representado por essa dualidade da lua e do sol no céu. É esse o sentido simbólico dessas coisas, uma das estruturas de formação da realidade. Quer dizer, a estrutura da realidade é dual, e é dual nesse sentido que está aqui explícito, na criação que Deus faz neste momento.

17 E pô-las no firmamento do céu para luzirem sobre a terra, 18 e presidirem ao dia e à noite, e dividirem a luz, das trevas.

PROF. MONIR: Entenderam? Para poder mostrar a verdade das coisas. Quer dizer, estas duas luzes aí têm mais do que um papel de iluminar e não iluminar, elas são a própria demonstração da verdade cognoscível, aquele pedaço da estrutura da realidade que pode ser compreendido, é isso que significa este pedacinho aqui.

E viu Deus que isto era bom. 19 E da tarde, e da manhã se fez o dia quarto.
20 Disse também Deus: Produzam as águas animais viventes, que nadem nas águas; e aves, que voem sobre a terra, e debaixo do firmamento do céu. 21 Criou Deus pois, os grandes peixes e todos os animais que têm vida e movimento, os quais foram produzidos pelas águas, cada um segundo a sua espécie. Criou também todas as aves, segundo as suas espécies. E viu Deus que isto era bom. 22 E Ele os abençoou, e lhes disse: Crescei e multiplicai-vos, e enchei as águas do mar: e as aves se multipliquem sobre a terra. 23 E da tarde e da manhã se fez o dia quinto.

PROF. MONIR: Começa a aparecer a vida animal sobre a terra. Por quê? Porque na medida em que Deus está organizando o mundo, dá para haver animal sem ter planta? Não dá. Não há animais sem plantas, porque os animais ou comem plantas, ou comem animais que comem plantas. Portanto, não é possível haver vida animal sem que haja vida vegetal antes. O que Deus está fazendo? Lentamente está organizando o mundo. Na medida em que Ele organiza o mundo, o mundo vai se tornando capaz de receber formas mais superiores, mais sofisticadas de vida. Ou seja, vai se tornando capaz de se multiplicar. Isso na *Teogonia* acontece exatamente assim; na hora em que Urano é castrado, o mundo começa a se desenvolver às potencialidades titânicas, porque Urano é castrado por um titã – Cronos, um de seus filhos. Na medida em que a terra, do ponto de vista da *Teogonia*, está pronta pra se

desenvolver, ela vai se desenvolver em toda a multiplicidade de potências que existe na terra. A mesma coisa está acontecendo aqui. Deus tinha inventado as plantas, agora inventou os animais. E já estamos então no final do quinto dia.

24 Disse também Deus: Produza a terra animais viventes, cada um segundo a sua espécie: animais domésticos, répteis e animais selvagens, segundo as suas espécies. E assim se fez. 25 E criou Deus os animais selvagens, segundo as suas espécies; os animais domésticos, e todos os répteis, da terra, cada um segundo a sua espécie. E viu Deus que isto era bom.

26 Disse também Deus: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, o qual presida aos peixes do mar, às aves do céu, às bestas, e a todos os répteis, que se movem sobre a terra, e domine em toda a terra. 27 E criou Deus o homem à sua imagem: fê-lo à imagem de Deus, e criou-os macho e fêmea.

PROF. MONIR: Aqui há duas outras coisas muito extraordinárias. Primeiro: Deus está criando os animais. Repararam que entre o versículo 24 e o 26 não existe aquela tradicional observação: "E aí então passou a tarde e acabou o dia"? É porque, na verdade, a criação do homem é uma criação associada à própria animalidade. O homem tem uma natureza física animal. Aqui há uma continuação do processo de criação, que é a criação do homem na sua conotação animal, sua conotação bestial, biológica apenas. No entanto, disse também Deus: *"Façamos o homem à nossa imagem e semelhança"*. E Ele então, ao fazer o homem sob a sua imagem e semelhança, dá ao homem uma conotação de criador também. E é por isso que o homem em seguida recebe autorização de **presidir**, ou seja, controlar: *"presida aos peixes do mar, às aves do céu, às bestas e a todos os répteis que se movem sobre a*

terra e dominem toda a terra". Para que o homem possa ter recebido essa autorização de domínio, é preciso que ele tenha tido um diferencial com relação aos outros animais que a ele se assemelham, que é o fato de que ele foi feito à imagem e semelhança de Deus, coisa que nenhum outro animal sofreu. Nenhuma outra criatura foi feita à imagem e semelhança de Deus. Na hora em que se dá ao homem esse status diferenciado, de ter sido feito dessa maneira, ele recebe um privilégio, que é presidir sobre todos os outros seres. Vocês compreendem que isso é um fato de importância enorme? Eu não sei então se vocês também perceberam, mas: *"E criou Deus o homem à sua imagem: fê-lo à imagem de Deus e criou-os macho e fêmea"*, portanto Adão e Eva não são de modo nenhum o primeiro homem e a primeira mulher.

ALUNOS: *(Silêncio.)*

PROF. MONIR: Na verdade aqui há certa conotação genérica, simbólica, de que Deus se desdobra, digamos assim, num determinado item da criação, que é o ser humano. Mas o homem e a mulher estão criados aqui neste momento, e estão criados do mesmo modo. E a mulher também não veio da costela de Adão nenhum. Porque, conceitualmente falando, olhando aqui para o que está escrito na Bíblia, você percebe que a criação do homem e da mulher é anterior à criação de Adão. A criação de Adão é um pouco diferente do conceito que a gente imagina de um modo geral. Nós temos um folclore da ideia da criação de Adão e Eva, mas está aqui no versículo 28 a ideia da criação do homem como sendo uma espécie de privilégio, ou seja, uma criação privilegiada que Ele dá a um determinado animal, que, embora tenha sido criado tão animal quanto os outros, é feito à imagem e semelhança de Deus.

ALUNA: *Toda essa história é uma alusão à necessidade que Deus teria de uma relação social, porque se Ele cria a criatura semelhante, o semelhante é social, você não tem relação social com o dessemelhante. Entendo isso como um desejo de Deus de construir uma sociedade com a sua criatura.*

PROF. MONIR: Na verdade, Vilma, a pergunta é assim: por que Deus nos inventou? Porque no fundo a pergunta maior de todas é essa: Qual é a razão pela qual Deus nos inventou?

ALUNA: *Deus é social*.

PROF. MONIR: Eu concordo com isso de certo modo, mas explicaria de outra maneira. Não com o social, mas assim: tudo o que existe, pelo fato de existir, tem necessariamente de poder ser conhecido. Tem que ter a potência de ser conhecido. A ideia de ser agnóstico foi inventada pelo Thomas Huxley, o avô do Aldous Huxley, que queria tirar completamente a ideia de qualquer aspecto espiritual da conversa sobre evolucionismo. Thomas Huxley era uma espécie de propagandista do evolucionismo. Como ele queria tirar fora qualquer conotação que não fosse de natureza, digamos, positiva (no sentido positivista da palavra), que não fosse mensurável, ele inventou a ideia do agnosticismo, dizendo assim: "Não é que eu não acredite em Deus; eu não posso saber se Ele existe ou não". Mas o problema do agnosticismo é que ele não se sustenta, porque se alguma coisa existe obrigatoriamente se faz conhecer. Por exemplo, esse copo aqui existe e se faz conhecer pela mesa sobre a qual ele está. Por quê? Porque se o copo existe e a mesa existe, um conhece o outro, mas claro que eles não se conhecem do jeito humano de conhecer. Então a mesa conhece o copo de um jeito "mêsico" e o copo conhece a mesa de um jeito "copônico". Compreenderam que o jeito

de conhecer não é o nosso jeito humano? Ora, o que seria teoricamente alguma coisa que pudesse receber o epíteto de não ser cognoscível? Aquilo que não é cognoscível, ou seja, que não pode ser conhecido de modo nenhum, é exatamente igual ao nada. O nada é incognoscível. Portanto, se alguma coisa existe, de alguma maneira essa coisa tem que ser conhecida. E a razão pela qual nós existimos é justamente pra dizermos assim: "Mas que obra extraordinária essa que Deus fez!". Se você quiser interpretar isto sob o ponto de vista da relação social, também pode.

ALUNA: *Não, como antropóloga eu não posso sair da minha praia.*

TODOS: (*Risos.*)

PROF. MONIR: É verdade. Mas vocês compreenderam que a existência do homem está associada de alguma maneira com uma necessidade ontológica para que nós tenhamos o conhecimento da própria existência de Deus? Não estou dizendo que Deus é um sujeito vaidoso. Estou dizendo que Deus precisa cumprir também uma regra da estrutura da realidade, que é poder ser cognoscível por alguém. Portanto, apenas nós somos capazes de conhecê-lo, do modo divino, do modo à sua semelhança. É claro que Deus poderá ser conhecido sob outros aspectos. Por exemplo, uma plantinha que é destruída por uma tempestade poderá reconhecê-lo sob o ponto de vista de forças da natureza. Uma plantinha conhecerá de algum modo "plantesco"; não sei bem como, mas de outra maneira. No fundo há uma pergunta por trás de tudo isso: Afinal de contas, por que Deus nos criou?

ALUNO: *Para incentivar a procriação. Para disseminar a ideia de que Ele existe.*

PROF. MONIR: Está certo. A procriação é uma espécie de condição para que haja mais testemunhas.

28 Deus os abençoou, e lhes disse: Crescei e multiplicai-vos, e enchei a terra, e tende-a sujeita a vós, e dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, e sobre todos os animais que se movem sobre a terra.

PROF. MONIR: Entenderam? Deus já falou isso para o homem antes de Adão e Eva aparecerem. Quer dizer, o homem e a mulher já apareceram antes, e o homem e a mulher foram criados exatamente do mesmo jeito (daqui a pouquinho a Bíblia vai contar para nós como foi), mas não foi da costela do Adão que veio a primeira mulher. Os místicos judeus cabalistas chamam essa primeira mulher de Lilith. Teria sido essa a primeira mulher que veio antes de Eva. E embora não exista essa palavra na Bíblia cristã, na Bíblia rabínica há claramente a história de Lilith, que depois virou um símbolo feminista porque teria se rebelado contra a autoridade de Adão e se tornado, então, uma criatura sabotadora. Presidiria todas as sabotagens, enfim. E os rabinos acreditam seriamente na ideia de Lilith, que é uma espécie de padroeira das feministas. Mas há uma mulher anterior a Eva que é essa aqui, que nasce neste episódio descrito aqui, antes da existência de Eva. Eva vem muito depois.

ALUNA: *A mulher tem o nome de Lilith, é outra personagem. E esse que foi criado antes de Adão, não tem outro nome?*

PROF. MONIR: Cuidado, não está na Bíblia judaica isso, está nos outros livros judaicos. Cuidado. Então, não dá para comparar muito com esta história aqui, porque esta história aqui tem uma coerência interna.

ALUNA: *É isso que eu quero dizer...*

PROF. MONIR: Porque não tem Lilith nenhuma aqui. Mas está claro na própria descrição do processo pelo qual o mundo foi criado que há uma criação anterior à de Adão e Eva, que é esta aqui. E, no fundo, por que há essa criação anterior? Vocês compreendem isso simbolicamente? É a criação do conceito de macho e fêmea, que é o conceito de complementaridade – nada mais, nada menos do que a aplicação ao ser humano daquela ideia de lua e sol (de que não é possível alguma coisa existir que não seja, de alguma maneira, contrastiva com a sua). Tudo aquilo que existe de alguma maneira tem uma contraparte complementar a ela. Tudo o que existe, existe em ato porque existia antes em potência. Então, por exemplo, para que esse relógio exista em ato, ele tem que poder ter existido antes disso. Quer dizer, o ato que cria o relógio é equivalente – o ato de ter o relógio necessariamente pressupõe a potência de se ter o relógio, porque se o relógio não pudesse existir, ele não existiria em ato de modo nenhum. Então é por isso que não pode ter uma vaca que voe por si própria, porque as vacas não têm a potência do voo. Eu só tenho uma vaca que dá leite, porque a vaca tem a potência da produção de leite. Tudo aquilo que existe em ato, existe também de alguma maneira em potência. Tudo está associado a essa dicotomia, a essa dualidade complementar (que os hindus chamam de *purusha* e *prakriti*, que Aristóteles chama de ato e potência, que os chineses chamam de yin e yang...), essa ideia da complementaridade necessária que tudo tem, pois esta ideia está implícita aqui na ideia de sol e lua, que é um dos princípios que estabelece a estrutura da realidade. Então, é isso que Deus está criando aí. Mas vocês verão que há de fato a criação de uma mulher antes de Eva, ficará completamente claro daqui a alguns minutos.

ALUNA: *Pode-se dizer que Lilith é um demônio feminino?*

PROF. MONIR: É assim que os rabinos veem. Os rabinos veem Lilith como um demônio feminino, uma criatura má, que preside uma porção de maldades. As feministas não acham isso não, acham que ela é símbolo da verdadeira mulher, aquela que se rebelou contra o domínio masculino. Por quê? Porque Deus estabelece aqui no Gênesis que a mulher se submeterá ao homem. Está escrito aqui. Agora o sentido disso é diferente daquele que parece ser o sentido corriqueiro da palavra, mesmo porque esse outro é impossível de implementar, na prática não dá pra fazer. A ideia de submeter a mulher ao homem na prática é apenas um sonho utópico.

ALUNOS: *(Risos.)*

PROF. MONIR: Na prática ninguém consegue fazer isso. Mas o sentido simbólico é o que interessa aqui, e não o sentido prático, mesmo porque esse é meramente teórico. Continuamos. Vamos ler.

29 Disse-lhes também Deus: Eis aí vos dei eu todas as ervas, que dão as suas sementes sobre a terra; e todas as árvores, que têm as suas sementes em si mesmas, cada uma segundo a sua espécie, para vos servirem de sustento a vós, 30 e a todos os animais da terra, a todas as aves do céu e a tudo que tem vida e movimento sobre a terra, para terem de que se sustentar. E assim se fez.

PROF. MONIR: Deus deu o mundo para o ser humano. Deus deu o mundo para o ser humano! Vocês lembram-se do caso da *Teogonia*? Chega um momento, os Titãs se rebelam e Gaia (a mãe Terra) faz a rebelião do seu filho Cronos, o único que teve coragem de atacar o pai Uranos. Gaia faz uma foice, e com

essa foice Cronos castra Urano. E aí, tendo sido castrado, Urano não pode mais agir sobre o mundo, porque a castração representa simbolicamente a perda da potência de ação. Urano não pode ser morto. Não foi morto de fato, porque Urano é eterno, mas pode ter a sua ação impedida. Como é que você faz isso? Castra Urano. No entanto, o sangue que sai do ferimento da castração cai sobre a terra, fermenta e fecunda a terra, e produz uma porção de coisas que nascem. Mesmo castrado, o espírito continua fertilizando a terra. Mas o equivalente aqui nessa história bíblica para a ideia da castração de Urano é exatamente o descanso de Deus. Porque Urano, não podendo mais fazer nada, representa o quê? Que ele deixou o mundo por sua própria conta. O mundo tendo sido feito, agora funciona sozinho, a partir dos seus mecanismos intrínsecos. Pois essa ideia de que o mundo terá de funcionar sem a ação direta de Deus é o que se está estabelecendo aqui lentamente. Deus está aos pouquinhos passando o mundo aos seres humanos. Vocês estão entendendo isso? Chega uma hora em que Deus para de funcionar, Deus descansa, no sétimo dia. Mas essa parada da ação de Deus vocês já viram na castração de Urano. É a mesma coisa dita de dois modos diferentes, dita de maneira poeticamente diferente, mas no fundo é a mesma ideia. Castrar Urano é impedir que a ação de Deus continue diretamente. E Deus descansar é dizer assim: "Olha, Eu fiz o mundo, fiz o homem à minha imagem e semelhança. Agora, sabem de uma coisa, vocês se virem. Não quero nem saber. Vocês receberam tudo de presente. Todas as aves são de vocês, todos os peixes, todas as águas, todas as árvores, todos os animais são de vocês...". Está aqui escrito, Ele deu pra vocês domínio sobre tudo isso. Porque é a missão: "Já que vocês foram privilegiados por terem sido feitos à minha imagem e semelhança, Eu, Deus, deixarei nesse momento de ser Criador e passarei a ser **Juiz**." No sétimo dia...

ALUNA: *(Faz comentário breve.)*

PROF. MONIR: Deus é protetor, sim. Mas cuidado, hein! Porque o mundo tem uma dinâmica própria. E o mundo estabelece as suas regras independentemente de proteção. Todo mundo morre, mesmo que reze muito. Deus é capaz de fazer milagres. Ora, o que é o milagre? Milagre não é uma suspensão das leis da natureza. Milagre é uma intervenção da lei divina na lei natural. Então, Deus é capaz de fazer milagre? É, é capaz. Mas Ele em princípio deixa funcionar o mundo que ele criou com seus mecanismos próprios. Vivo recebendo reclamação disso, como se eu fosse uma espécie de balcão de reclamações de Deus.

ALUNOS: *(Risos.)*

PROF. MONIR: "Como é que pode o mundo ser tão imperfeito? Que desgraça é essa, que cai um ônibus na água e dez criancinhas morrem?!" Olha, pessoal! O mundo não pode de modo nenhum ser perfeito. É uma impossibilidade lógica. Deus está submetido às regras também. Deus não pode criar o mundo perfeito, porque o mundo perfeito seria igual a Deus e deixaria de existir automaticamente. A condição para que nós possamos existir é que o nosso mundo seja imperfeito, que a nossa natureza seja imperfeita. Deus não pode inventar o mundo tão perfeito quanto Ele, porque esse mundo não se distinguiria d'Ele. O mundo seria exatamente como é Deus; portanto nós não existiríamos.

ALUNO: *Cabe a sugestão também de não interpretar imperfeito como sinônimo de mau.*

PROF. MONIR: Mas o humano tem aspectos maus também. A ação humana produz o mal. Mas é imperfeito em todos os sentidos que você puder imaginar. Com relação a Deus, é imperfeito genericamente. Então, esse é o problema central. Deus foi criando o mundo, que é um mundo de um certo jeito, um mundo que funciona de determinada maneira – do mesmo modo que os Titãs e os Hecatônquiros criaram o mundo de Urano, o mundo tal como os gregos o concebiam – e esse mundo criado por essas forças básicas, forças fundamentais, é o mundo que funciona nas suas próprias regras. E é por isso que Deus uma hora descansa. E é por isso que Urano uma hora torna-se incapaz, pela impotência da castração, de continuar a criar o mundo. Quer dizer, o mundo é criado até certo ponto e para – do ponto de vista humano; porque do ponto de vista divino, não! Porque, como dizia Meister Eckhart, Deus está criando o mundo agora. Se para Deus não existe tempo, então para Deus todas as coisas acontecem simultaneamente. Não há para Deus essa ideia de sequência – este sequenciamento de segunda, terça, quarta, quinta e sexta-feira, de sete dias, não é do ponto de vista divino, mas do ponto de vista humano. Para Deus não há tempo nenhum, portanto todas as coisas acontecem simultaneamente. Então Deus está criando o mundo agora. Mas nós o percebemos aqui de modo sequencial porque estamos no mundo manifestado, o que é muito diferente.

Então, fundamentalmente o que acontece aqui é que Deus está dizendo com clareza que o homem, por ser feito à semelhança de Deus, herda a Terra, herda a natureza. O que não quer dizer que deva estragá-la, não é? Não é para esculhambar tudo. Por outro lado, há aí uma espécie de autoridade que temos sobre a natureza. Essa autoridade está frequentemente subvertida com essa conversa de que nós somos filhos de Gaia – somos também; de certa maneira temos aspectos naturais – mas nós temos uma autoridade

sobre a natureza que está aqui garantida por essa característica, por esse direito de origem, por termos sido feitos à imagem e semelhança do Criador.

31 E viu Deus todas as coisas que tinha feito, e eram muito boas. E da tarde e da manhã se fez o dia sexto.

PROF. MONIR: E por que eram muitos boas? Porque elas refletem a ordem divina. De alguma maneira, essas coisas todas refletem a ordem divina. Há um escritor chamado Werner Jaeger, que escreveu um livro maravilhoso chamado *Paideia*, no qual estabelece que toda a ideia da cultura grega é a de perceber a ordem cósmica e transmitir isso para as crianças, sobretudo – daí o nome "paideia" (*paideia* é "educação", "formação"). Transmitir para as crianças na poesia, na roupa, na arquitetura; enfim, tudo deveria de alguma maneira refletir a ordem cósmica.

ALUNO: *Ordem cósmica pode ser compreendida como potência, ou não?*

PROF. MONIR: Não. Como estrutura da realidade. O cosmos tem uma certa ordem.

ALUNO: *Mas é ato e potência? Os dois? As duas coisas simultaneamente?*

PROF. MONIR: As duas coisas simultaneamente. Quer dizer, a regra de que a todo o ato correspondente uma potência é ordem cósmica. Acontece que a ordem cósmica, que não é perfeita (por razões que já debati com vocês hoje), é uma ordem que os gregos imaginavam poder contar para as crianças. Por isso é que a poesia épica é a poesia formadora do espírito grego: a *Ilíada* e a *Odisseia*. Tudo começa com estas duas. Porque, mesmo

que você tenha um status existencial miserável, é obrigação dos pequenos gregos se comportarem como Aquiles, por exemplo, e Heitor, na grande Guerra de Troia. E essa é a razão pela qual contou-se a história de Hércules ou Héracles. Héracles é filho de Zeus, mas não é filho de Hera. Ele tem a potência espiritual, mas não tem a potência sentimental, amorosa. Então, toda a vida de Héracles, que são os doze trabalhos, são para poder recuperar, conseguir controlar a sua potência amorosa. A educação grega é toda ela feita em função de você emular humanamente aquilo que os poetas estão dizendo (porque no começo só há poetas, não há filósofos) que é a ordem do cosmos. Essa é a ideia do *Paideia*, um dos livros mais interessantes já escritos. Para recuperar este tesouro que foi perdido, chamado educação, não há nenhum livro melhor do que esse. *Paideia* é o mapa do tesouro chamado educação, que você escondeu num buraco e se perdeu. *Paideia* é o mapa da recuperação do conceito de educação.

Muito bem! O que aconteceu, portanto, nesse capítulo aqui (que é o primeiro capítulo, não é?) é que Deus foi aos pouquinhos montando o mundo, criando um mundo onde é possível acontecer o fenômeno da vida, em todos os sentidos. Deus foi fazendo o mundo ao ponto de torná-lo habitável. E agora vamos ver o que acontece na sequência.

2 Assim pois foram acabados o céu, e a terra com todos os seus ornatos. 2 E acabou Deus no dia sétimo a obra que tinha feito: e descansou no dia sétimo, depois de ter acabado as suas obras.

PROF. MONIR: Esse número 7 não é nem um pouco gratuito – 7 é igual a 3 + 4. Três é o número do espírito e quatro é o número da matéria. Tanto é que o *trivium* e o *quadrivium* faziam as ciências da antiguidade. Para quem quiser

relembrar isso, está para sair agora nas livrarias o livro *O Trivium*, da irmã Miriam Joseph, uma freira americana genial. É um manual de trivium, com o meu prefácio. O prefácio é incrível!

ALUNOS: *(Risos.)*

PROF. MONIR: Isso é que é cara de pau, não é? A irmã Miriam Joseph escreveu um livro que é um manual para você aprender a pensar. As três artes do espírito são: a retórica (falar, não é?), associada à gramática, portanto à correção formal, e a lógica, que é a correção de conteúdo. Então, quem quer aprender a dominar o espírito, precisa aprender estas três coisas com o trivium. Trivium é três, são as três artes liberais da mente. E há as quatro artes liberais da matéria, que são: aritmética e geometria, aritmética associada com a música e a geometria associada com a astronomia. Essas quatro artes liberais da matéria são o quadrivium. Soma três do trivium com quatro do quadrivium, dá sete. Sete dias ou os sete dias da criação. Quer dizer, até o sétimo dia Deus mais ou menos desenhou o essencial do mundo. Botou em pé aquele negócio chamado mundo. E para; não age mais agora, a não ser excepcionalmente, porque afinal de contas o mundo tem gerente, que somos nós. O mundo tem, na sua estrutura, a presença do céu e da terra. Ou seja, o mundo é feito de espírito e de matéria, e agora é problema nosso nos desvencilharmos disso. Agora é que nós vamos ver: será que vai dar certo? É o que se vai, em seguida, contar no *Gênesis*, se vai dar certo ou se não vai dar certo essa fórmula...

ALUNO: *Quando o Mário Ferreira dos Santos fala sobre potência e ato...*

PROF. MONIR: Ele está explicando o número dois. E o número dois é a ideia

da complementaridade. Então, tudo o que existe, existe necessariamente com algum duplo. Por exemplo...

ALUNO: *Desculpe, posso perguntar? Cristo, segundo o cristianismo, seria o ato em relação à potência divina?*

PROF. MONIR: É... Cristo é um ato relativo à potência... A potência divina é infinita, não é? O que Deus não pode fazer é cancelar a lógica, não pode fazer coisas ilógicas. Por exemplo, quando eu era criança, ficava aquela conversa de guri metido a intelectual no colégio, cujo argumento é assim: "Ah, Deus não pode ser Onipotente, porque se Deus fosse onipotente Deus criava um Deus maior do que Ele e aí virava segundo lugar". Mas Deus não pode inventar um Deus maior do que Ele, porque isso é ilógico, porque Deus já é infinito. Não posso inventar um infinito maior que o infinito. Compreenderam? Então Deus não pode fazer coisas ilógicas, porque a lógica vale para Deus também. De certa maneira, a lógica é uma lei divina. A coerência é de alguma maneira de uma natureza divina. Então o que acontece aí é que a potência de Deus é total, quase total. Ele [só] não pode fazer coisas que se auto-anulem. Mas ela é fundamentalmente enorme, extraordinariamente grande.

Agora, quando o Mário Ferreira dos Santos, quer explicar o que é o número 2, ele demonstra que tudo o que existe de alguma maneira tem um duplo negativo. Por exemplo, você é o Marlon, não é? Então, quando você é o Marlon, você necessariamente não é os outros homens do mundo. Compreendeu? O fato de ser o Marlon significa que os outros são um não-Marlon. E significa também que tudo aquilo que existe, existe porque existia em potência antes de existir em ato; portanto há uma dualidade que

preside todas as coisas – que é o que está simbolicamente no número 2, segundo os pitagóricos. Mário Ferreira dos Santos é um filósofo pitagórico que tenta desenvolver essa ideia.

Deus acaba tudo no sétimo dia, e esse número 7 é resumo de tudo o que havia acontecido. É a somatória de 3 + 4, que reflete o trivium e o quadrivium, por exemplo.

ALUNO: *(Faz pergunta.)*

PROF. MONIR: A lógica intrínseca disso é que primeiro vem Deus, depois vem o Verbo, depois vem Jesus. Dentro do critério cristão. Primeiro vem Deus, Deus pensa e o mundo acontece. Deus criou o mundo do nada!

ALUNA: *E o caos?*

PROF. MONIR: O caos não é uma natureza própria. O caos é uma falta de compreensão humana. Santo Agostinho diz que só se pode criar coisas por três métodos. Ou se cria por geração – caso de alguém que tem um filho – nesse caso, o filho parece com o pai; ou você cria por transformação, mas por transformação também não dá, porque teria que ter o caos antes (que seria a sua hipótese). Mas se a gente for por esse caminho, o que veio antes do caos? A gente iria para o infinito procurando isso, não encontraria, o que seria profundamente ilógico e inviável. Portanto, a única explicação possível aí na criação do mundo, segundo Santo Agostinho, é a criação *ad nihilo*, ou seja, a criação a partir do nada. Deus criou o mundo apenas pensando nele. Ah, pum, pá, criou o mundo! Embora possa parecer um pouco estranho, é o jeito de explicar mesmo, não tem outra maneira.

ALUNO: *Aqui diz que quando Deus separou o mar da terra e criou os animais e etc., Ele viu que isso era bom; quando Ele criou o homem, não disse que isso era bom.*

ALUNOS: *(Risos.)*

PROF. MONIR: É verdade. Sabe por quê? Aí temos que pedir ajuda a Ortega y Gasset, que diz o seguinte: que toda a criatura necessariamente se rebela contra o criador. O seu carro para de funcionar, o computador dá pau... sempre! Eu não posso contar aqui histórias familiares, que eu estou proibido...

ALUNOS: (*Risos.*)

PROF. MONIR: Mas todas as personagens literárias rebelam-se contra os escritores. Por isso que às vezes o único jeito que tem é matar a desgraçada da personagem. Porque as personagens literárias resolvem tomar conta da história. Por mais que seja incrível eu dizer para vocês isso, acontece sim. Basta você fazer uma experiência de inventar uma personagem literária. Você vai ver só; aquele diabinho resolve tomar conta da história, quer mandar e escrever a história que ele quiser. Então é a coisa mais natural do mundo que a criatura se rebele contra o criador. Isso que o Jorge acabou de dizer é a razão pela qual existe alguma coisa na mente de Deus que de certo modo é avessa ao homem. E essa coisa que é avessa ao homem, metafisicamente, chama-se diabo, Lúcifer. Porque os demônios não podem ser inimigos de Deus. Deus não tem inimigos. Mas eles podem ser inimigos do homem.

Portanto, o que é metafisicamente o diabo? Metafisicamente, os anjos representam aspectos da mente de Deus. Ora, há também aspectos da mente de Deus que são contrários ao homem, mas não no sentido maligno da palavra – no sentido de um milionário que vai deixar uma fortuna para um sujeito irresponsável e não está querendo fazer isso. Entenderam? É no sentido de uma cadela que não quer mais que os cachorrinhos mamem, porque acha que passou já do ponto e que os afasta. Então, nesse sentido, o diabo é uma espécie de *personal trainer* de desgraça.

ALUNOS: *(Risos.)*

PROF. MONIR: É alguma coisa que existe pra você melhorar, em última análise. Agora isso só metafisicamente falando, porque quando você baixa para níveis de realidade mais concretos, aí o mal existe objetivamente mesmo. Há um mal na natureza, que é o fato de que é a natureza te mata; a natureza tem todos os elementos assassinos e homicidas. Todos eles: tem as doenças, tem os tsunamis, tem os furacões... Todos os elementos homicidas estão na natureza. Portanto o mal faz parte da natureza. No mundo sutil há o mal sob o ponto de vista concreto e objetivo. Quando você faz essas coisas de macumba, não-sei-o-quê, essas entidades com as quais você se relaciona são todas más e essas coisas existem de fato. E metafisicamente o mal representa uma espécie de ausência do bem, ou representa um aspecto qualquer da mente de Deus, que de alguma maneira tem uma desconfiança do ser humano. Porque você tem toda a razão. Nós temos sempre um status diferente aqui das outras coisas, tanto para o bem quanto para o mal. Mas você tem razão, essa observação está perfeita.

ALUNO: *Monir, daria para definir então o demônio como sendo um aspecto da*

onipotência divina que é contrário ao homem?

PROF. MONIR: Não é da onipotência. Dentro da mente de Deus, há algum aspecto de resistência ao homem.

ALUNO: *À vontade do homem?*

PROF. MONIR: Ao homem em si. Porque o homem é uma desgraça...

ALUNO: *Não apenas à vontade?*

PROF. MONIR: Não, à nossa natureza. Nós somos ingratos, somos mal educados... para com Deus, não é? Deus tem certa razão de ter implicância conosco, porque afinal nós somos terríveis. Temos aspectos horrorosos. Entendeu? Há alguma coisa dentro da mente de Deus que é contrária ao homem. Isso é um anjo, o anjo mal. Quem é o anjo mal? É o demônio. Só metafisicamente, porque nos níveis baixos de realidade, o mal é real e concreto.

ALUNO: *Mas isso também não seria o ato?*

PROF. MONIR: Não. Ato e potência estão todos juntos aí o tempo todo.

ALUNO: *Mas o ato não seria o aspecto da estrutura divina?*

PROF. MONIR: Não. O ato é a existência do demônio. E a potência é a possibilidade de ele existir, que está prevista dentro da estrutura geral das coisas. Na natureza de Deus há a potência de sentir restrições ao homem. E

essa potência se transforma em ato pela criação de um indivíduo verdadeiro e concreto chamado demônio.

*

PROF. MONIR: A sensação que vocês podem estar tendo de que estamos meio atrasados na leitura não é verdade. Vamos ler na verdade os três primeiros capítulos que são, digamos assim, os capítulos fundacionais, em seguida eu faço uma pequena consideração sobre o resto. O que interessa mesmo é a gente entender simbolicamente os três primeiros, porque o resto todo fica claro rapidamente. Então, não se preocupem não, vamos sair daqui com uma boa compreensão do texto.

Estamos seguindo aqui os passos pelos quais Deus criou o mundo. A cosmogonia judaico-cristã, judaica em primeiro lugar e depois adotada pelos cristãos na sua integridade, e que nos mostra que de todas as ideias a mais importante agora é a ideia de que Deus criou o céu e a terra. Que esse negócio chamado mundo tem um componente espiritual e um componente material; e esses dois componentes estão associados entre si. Essa ideia preside todo o desenvolvimento da história. Deus foi criando as partes do mundo progressivamente, sob o ponto de vista humano. E agora então estamos entrando na parte em que se narra mais especificamente a criação do ser humano dentro da ideia da mitologia de Adão e Eva.

2 Assim pois foram acabados o céu, e a terra com todos os seus ornatos. 2 E acabou Deus no dia sétimo a obra que tinha feito: e descansou no dia sétimo, depois de ter acabado as suas obras.

3 E abençoou Deus o dia sétimo, e o santificou; porque neste dia cessou ele de produzir todas as obras que tinha criado.

PROF. MONIR: Deus está pronto. Portanto, a gestão do mundo passa para o homem. Deus deixa de ser criador e passa a ser juiz. Ele muda sua natureza, de uma natureza criadora para uma natureza de julgamento. Exatamente como acontece com Urano, que ao ser castrado também para de criar o mundo. Sendo castrado, não tem mais poder criativo e passa a cuidar do mundo. Espera então o advento de Zeus. Zeus é o sucessor de Urano. Enquanto isso, entre Zeus e os titãs há uma luta – que é a Guerra dos Titãs – luta essa que se resolve a favor de Zeus. Zeus acaba vencendo. Na *Teogonia*, a dupla Urano + Zeus vence a dupla Gaia + titãs (porque Crono é um titã, na verdade o nome também o inclui). A luta na *Teogonia* é essa, vencida por Urano e por Zeus, que representam o espírito vencendo a matéria. É esse o significado da *Teogonia*: é o espírito que vence a matéria. E aqui Deus criou o mundo exatamente do mesmo jeito. O mundo é feito de céu e terra, que significa que o mundo é feito de espírito e matéria. E é justamente nesse assunto, que o *Gênesis* entra agora... Então, viramos a página e começamos ali o subcapítulo *O Homem no Paraíso*.

O Homem no Paraíso

4 Tal foi a origem do céu, e da terra, e assim é que eles foram criados no dia, que o Senhor os criou, 5 e que criou todas as plantas do campo, antes que elas tivessem saído da terra; e todas as ervas da terra antes que elas tivessem arrebentado:

PROF. MONIR: Porque tudo foi criado primeiro em potência para depois ser criado em ato. Entenderam? Tudo foi criado em potência para depois ser criado em ato. Porque uma coisa que existe em ato, só existe porque antes tinha a potência de existir. Essa é uma regra absolutamente inflexível, não há como negociar isso. Essa é uma verdade indiscutível. Tudo que existe de fato só existe porque antes existia como potência.

porque ainda o Senhor Deus não tinha feito chover sobre a terra, nem havia ainda homem que a cultivasse,

PROF. MONIR: Portanto, não havia quem produzisse os atos que aproveitassem a potência da terra. E é esse o sentido da criação do homem aqui neste momento.

6 mas da terra saía uma fonte de água, que lhe regava toda a superfície. 7 Formou pois o Senhor Deus ao homem do limo da terra, e assoprou sobre o seu rosto um assopro de vida; e recebeu o homem, alma e vida.

PROF. MONIR: Aí há uma espécie de segunda criação do ser humano. O ser humano já tinha sido criado, mas acontece alguma coisa diferente nesse momento. Porque o homem tinha sido criado na época em que Deus fez os animais; agora Deus deu ao homem uma espécie de sopro de vida. Ele criou o homem do limo da terra. O limo da terra o que é? É a lama, a terra molhada, *"e assoprou sobre o seu rosto um assopro de vida, e recebeu o homem, alma e vida"*. Nesse momento finalmente o homem descobre, enfrenta a sua contradição fundamental. Nesse momento está absolutamente estabelecido que o homem é feito de terra e que, no entanto, recebeu o sopro de Deus. Portanto, o homem tem uma dualidade fundamental, que é

ser um pouquinho terra e um pouquinho céu. É o que Platão dizia, que os homens eram os intermediários entre os animais e os anjos. É essa a ideia fundamental que está escrita aqui. Quer dizer, Deus cria no homem esta dualidade existencial. Reparem que é desta ideia que a história evoluirá para o seu clímax. Porque os homens já existiam sob o ponto de vista animal, a sua existência era biológica, mas agora Deus deu a eles um sopro divino, que faz com que eles agora vivam sob esta dualidade existencial entre céu e terra.

ALUNA: *Lá atrás, quando criou o homem, Deus criou o homem à sua semelhança. O que ele quis dizer lá, diferente daqui?*

PROF. MONIR: "À sua semelhança" significa com o potencial de ser criador também. Com o potencial também de ser criador.

ALUNO: *Quer dizer que lá era potência, e agora é ato.*

PROF. MONIR: Agora é ato. Isso mesmo. Lá ele tinha a potência, agora tem o ato. Agora é possível, ele é capaz de ser um ser plenamente executador desse mundo. O homem já existe, entenderam? O homem já existe completamente nesse momento. Continuamos.

8 Ora, o Senhor Deus, tinha plantado ao princípio um paraíso, ou jardim delicioso, no qual pôs ao homem, que tinha formado.

PROF. MONIR: Que Deus tinha formado, não é? O homem que Ele formou...

9 Tinha também o Senhor Deus feito nascer da terra todas as castas de árvores agradáveis à vista, e cujo fruto era gostoso ao paladar: e a árvore da vida no meio do paraíso, com a árvore da ciência do bem e do mal.

PROF. MONIR: Agora é preciso explicar para vocês uma coisa importantíssima: quando o homem descobre a sua condição ambígua de ser ao mesmo tempo material e espiritual, quando o homem se encontra no meio dessa contradição, dessas duas realidades, dessas duas existências, o problema que passa a existir, e que conduz a vida humana – qual é o problema maior de todos, o problema que conduz toda a vida ética humana? - é o problema de saber se você vai sacrificar a vida do espírito em função da vida da matéria, ou se vai sacrificar a vida da matéria em função da vida do espírito. Porque o fato de que você está no meio dessas duas coisas significa o seguinte: a sabedoria da vida humana, no fundo, no fundo, reside no modo como você passa pela vida, pelo gerenciamento, pela gestão, enfim, pelo cuidado, pela administração dos desejos. Porque o problema central, que está por trás disso tudo, é que há a consciência (o que depois ficará claro quando se come da árvore da ciência do bem e do mal, eu já explico isso) de que existem coisas desejáveis que se tornam potencialmente desvirtuadoras daquela natureza espiritual do homem. Quer dizer, o homem passa a ser uma entidade que está o tempo todo prisioneira desses dois polos.

Agora percebam o seguinte: o espírito é representado simbolicamente pelo pai, a mãe representa a terra. Essas duas referências também acontecem fundamentalmente entre homens e mulheres. As mulheres têm muito mais natureza do que os homens têm. Não sei se vocês conhecem a Camille Paglia; eu acho a Camille Paglia ótima, divertidíssima. É uma feminista americana, mas é genial! Ela diz assim que a razão pela qual os homens quando veem shows de *strip tease* ficam todos mudos é porque para o homem a nudez

feminina é sempre um desvendamento da natureza, quer dizer, é sempre uma espécie de ato sagrado. O que não acontece no contrário. Quando as mulheres vão ver shows de homens, ficam com aquela gritaria histérica, que é uma coisa que não acontece no caso dos homens. Porque para os homens a mulher representa simbolicamente uma espécie de entidade natural misteriosíssima, que não se compreende de modo nenhum e que é de alguma maneira inacessível. É um mistério. Você não tem a menor ideia de como funciona esse negócio chamado mulher.

ALUNOS: *(Risos.)*

PROF. MONIR: O próprio Freud ficava um tempo se perguntando: "Afinal de contas, o que querem as mulheres?" Se nem o Freud entendia, como é que nós entenderemos? Então a mulher está associada à natureza, e o homem está associado ao espírito. A mulher é a matéria e o homem, o espírito. Mas cuidado! Porque a espiritualidade tem um componente positivo e um componente feminino. E a natureza também tem um componente feminino e um masculino, um componente positivo e um componente negativo. Então, o que é o componente feminino negativo? É o componente da natureza em que a natureza transforma-se numa espécie de objetivo central da vida. Quer dizer, o desejo que você possa ter sobre a natureza, que é aquilo que os homens experimentam, pode ser legítimo e pode ser ilegítimo. Então eu disse a vocês que aquelas três deusas olímpicas que sobraram depois de tudo o que aconteceu na *Teogonia* – Hera, Deméter (que é a Ceres) e Héstia (ou Vesta, em latim) – essas três aí representam os desejos legítimos e sublimados. E que aquelas que eram as titãs e que foram guardadas no Tártaro para sempre representam os desejos selvagens. E que os três deuses que sobraram também representam, de alguma maneira,

alguma sublimação do desejo. Mas o desejo continua sendo o problema aqui, porque no fundo nós desejamos coisas, desejamos determinados resultados da vida, e esses desejos que nós temos sobre a vida precisam ser entendidos como sendo desejos da carne ou desejos do espírito. Pois é esse o problema central que a humanidade precisa resolver a partir do momento em que ela foi constituída por Deus, do jeito que [Ele] fez aqui.

ALUNO: *(Faz pergunta sobre a árvore da ciência do bem e do mal ou árvore do conhecimento do bem e do mal.)*

PROF. MONIR: Não dá para fazer isso. Porque a árvore da ciência do bem e do mal (ou conhecimento do bem e do mal, que neste caso são sinônimos) está do lado da árvore da vida. E o fato de que uma está do lado da outra – ambas estão no meio do paraíso – é muito simbólico, não é? O que é a árvore da vida? É uma possibilidade, uma espécie de vitalidade central, quer dizer, permanecer vivo. A árvore da vida é a ideia de permanecer vivo. Mas a árvore da ciência do bem e do mal, ao lado dessa aí, é uma árvore que pode ser eventualmente contraditória com essa e inimiga dessa. Por isso Deus vai dizer para Adão e Eva que se eles comerem dessa árvore, eles morrerão. Por que eles morrerão? Porque a árvore da ciência do bem e do mal é simbolicamente o primado da inteligência humana no sentido mental, da capacidade humana de interpretar o mundo, dizendo o que é certo e o que é errado. Na hora em que você estabelece uma capacidade humana de interpretar o mundo e de valorar o mundo em certo e errado, o que acontece em seguida é que automaticamente você começa a desejar mudar isso que você estava adorando. Então você imagina poder mudar tudo aquilo que é indesejável, que é mau e transformar todas as coisas numa coisa boa. Nesse momento nós não nos tornamos tão criadores quanto o Deus que

tinha dito “eu vi que era bom”? Quando Deus fez isso por própria conta, no final Ele diz assim: *“Eu vi que era bom”*, mas nós seres humanos criatura achamos que não é tão bom assim. Então, não gostamos lá do modo como o rio foi desenhado e achamos que era melhor que ele corresse para cá. E aí a gente desvia o rio. A gente não gosta do frio e nem do calor, então inventa instrumentos para diminuir o frio e o calor. Ou seja, a árvore da ciência do bem e do mal é uma tentação da mente humana para, de alguma maneira, assumir o poder. E o fato de que ela é uma tentação para assumir o poder entra em contradição com a árvore da vida. Tanto é que quando Adão e Eva são expulsos, fica um anjo guardando a árvore da vida, um querubim armado, para impedir que o homem acesse a árvore da vida. Com isso Deus está dizendo que há uma contradição fundamental entre você ter a vida e tornar-se independente como criatura que se rebelou e ter a ciência do bem e do mal. Esse é o sentido dessas duas árvores plantadas no meio do paraíso.

ALUNO: *(Faz comentário sobre o homem não ter mais acesso à árvore da vida.)*

PROF. MONIR: Essas duas árvores são, de alguma maneira, contraditórias uma com a outra.

ALUNO: *Porque a ciência do bem e do mal já estava nele.*

PROF. MONIR: Não, porque ao optar pela ciência do bem e do mal, de maneira indiscriminada, podemos dizer assim: ao optar por uma adesão exaltada ao bem e ao mal, o que nós fazemos é nos descaracterizarmos como criatura. Porque nós queremos assumir o controle da definição do que seja bem e mal. Ou seja, nós nos tornamos juízes sobre os valores do mundo. E essa é a razão pela qual esta árvore da ciência do bem e do mal

pode estar em contradição com a outra, e essa é a razão pela qual o anjo a guarda. Mas isso vai ficar muito mais claro na sequência; se a gente andar mais um pouquinho, vai ficar claríssimo.

10 Deste lugar de delícias saía um rio, que regava o paraíso, e que dali se repartia em quatro braços. 11 Um se chamava Fison; e este é o que torneia todo o país de Evilate, onde nasce ouro.

PROF. MONIR: Por que quatro braços? Porque o número quatro representa simbolicamente a estrutura do mundo manifestado. Tudo que você puder imaginar em descritiva do mundo, é sempre em número de quatro: quatro estações, quatro pontos cardeais... tudo se reproduz no mundo em quatro. O quatro é o número que representa as possibilidades do mundo manifestado tridimensional. Quase tudo é resumido em quatro parâmetros. Até as sinfonias têm quatro movimentos, para se ter uma ideia de como isso é profundo. Quatro cavaleiros do Apocalipse... Então, a quantidade de números quatro que aparece é tão incrível, que é reveladora desse sentido simbólico do quatro. O quatro significa pra lá, pra cá, pra cá e pra lá, quer dizer, todas as possibilidades estão cobertas. O fato de que esses quatro rios do Paraíso correm em quatro dimensões significa que o mundo estava mais ou menos pronto, sob o ponto de vista hídrico. Mas tudo saía do paraíso. O mundo ainda tinha a sua base num lugar santificado, um lugar diferente dos outros, de onde saía tudo. O paraíso gerava a fonte de onde corriam todas as possibilidades existenciais. A matéria tinha sido feita pela fecundação do espírito. Do mesmo modo que os Titãs só nascem quando Urano fecunda Gaia, porque Gaia sozinha não é capaz de produzir o mundo, a matéria tem que ser fecundada pelo espírito porque o espírito é superior à matéria.

12 E o ouro desta terra é excelente: ali também se acha o bedélio e a pedra cornelina.

PROF. MONIR: Pedra cornelina é ônix e bedélio, um metal que era muito precioso na antiguidade.

13 O segundo rio chama-se Geon: este é o que torneia todo o país da Etiópia. 14 O terceiro rio chama-se o Tigre que corre para a banda dos assírios; e o quarto destes rios é o Eufrates.

PROF. MONIR: Essas indicações aqui são meras indicações geográficas de acordo com os conhecimentos da época, não tem importância simbólica em si mesmo. Pelo menos, eu não encontrei nenhuma e não encontrei referências que o afirmassem.

15 Tomou pois o Senhor Deus ao homem, e pô-lo no paraíso das delícias, para ele o hortar e guardar.

PROF. MONIR: Veja, fomos postos no paraíso para hortar. Hortar é fazer horta. Supunha-se que aí houvesse alguma interferência humana já. Mesmo no paraíso, o ser humano não iria viver passivamente. Quer dizer, mesmo no paraíso, haveria aí alguma possibilidade de interferir, que é criar hortas. Essa é a ideia.

16 E deu-lhe esta ordem, e lhe disse: Come de todos os frutos das árvores do paraíso. 17 Mas não comas do fruto da árvore da ciência do bem, e do mal. Porque em qualquer tempo que comeres dele, certissimamente morrerás.

PROF. MONIR: Não morrerás fisicamente. Não é da morte física que Deus está falando. Deus está falando da morte da alma. Atropelada pelo quê? Pela exaltação dos desejos. Esse é o ponto central de toda essa história. Qual é a morte que advém de comer da árvore da ciência do bem e do mal? A descoberta do bem e do mal transforma o homem num produtor de ações concretas para transformar a matéria ao seu gosto. Pois essa ideia de produzir uma ação indiscriminada, insaciável, de produção de bens da matéria para si próprio, mata a alma. Porque o homem deixa de ser espírito e matéria, e passa a ser só matéria.

ALUNO: *(Faz comentário sobre a ganância.)*

PROF. MONIR: É, entra a ganância, mas entra mais do que a ganância. Entra uma coisa chamada vaidade, soberba. Mas no fundo também entra a ganância, sim. A ganância não é um pecado capital. Os pecados capitais são chamados de capitais porque são cabeças de outros pecados. Capital vem de *capita* [cabeça]. Então, os sete pecados capitais são origem, são cabeças de chave – como se fosse um campeonato de futebol –, estão na cabeça de chave de pecados subsidiários a eles.

ALUNO: *A morte da alma é quando deixa de ser espírito e matéria?*

PROF. MONIR: Se Deus fez tudo de acordo com o céu e a terra – havia céu e havia terra; era espírito e era matéria – e Ele fez o homem desse modo também, então na hora em que o ser humano come o fruto da árvore da ciência do bem e do mal, ele, sabendo julgar o que é bem e o que é mal, portanto, criando critérios de valor para si próprio, começa a produzir uma vida cujo único objetivo central é atender os seus desejos. Portanto, o que

mata a alma é subordinar o homem aos seus desejos desorganizados. Então, é isso o que significa a morte. Não é a morte do corpo, mas é a morte da alma. Como é que a alma morre? Morre quando ela está direcionada pelos desejos indiferenciados, completamente incontroláveis. Essa é a morte que se produz.

ALUNA: *(Faz comentário sobre Prometeu.)*

PROF. MONIR: É a mesma ideia. A história de Prometeu é exatamente igual à história da criação do homem. Porque nos dois casos há uma rebelião contra o espírito. Prometeu rebela-se contra Zeus e Adão rebela-se contra Deus... Estou falando aqui de Adão no sentido genérico da palavra, porque Adão, vocês verão, é mais do que um nome do sexo masculino, é um nome genérico. A rebelião de Adão contra Deus, contra o Criador, é a mesma rebelião de Prometeu contra Zeus. No fundo, estamos falando da mesma história. Insisto, há uma espécie de unidade central nas mitologias fundacionais. A professora Vilma, que estudou os índios, estava me contando aqui que dentro das mitologias indígenas acontece a mesma coisa. Você conta sempre a mesma história porque essa história não é deliberadamente inventada por um literato, tem uma marcação profunda na alma do ser humano. Está dentro da estrutura da condição humana. Você consegue falar apenas mitologicamente. Se o homem tivesse que explicar sem mito, não ia conseguir.

PROFª. VILMA: *O homem é programado pelo gênio da informática.*

PROF. MONIR: Pois é. Há alguma coisa que unifica todos os seres humanos. A história de Prometeu e a história de Adão são a mesma história. E eles não

conversaram um com o outro, não houve *benchmarking*. Não conversaram um com o outro. Simplesmente está dentro de todo o ser humano a potência de produzir esta explicação sobre si mesmo.

18 Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só: façamos-lhe uma ajudante semelhante a ele.

PROF. MONIR: O homem já não estava mais só, porque Deus já havia inventado o homem e a mulher. *"Não é bom que o homem esteja só: façamos-lhe uma ajudante semelhante a ele"*. Mas a mulher já tinha sido inventada nessa altura. Está escrito lá em cima que a mulher já existia.

19 Tendo pois o Senhor Deus formado da terra todos os animais terrestres, e todas as aves do céu, ele os levou a Adão, para este ver como os havia de chamar.

PROF. MONIR: E esses animais terrestres, as aves do céu, foram formados da terra, eles não tiveram sopro divino. Portanto, eles não são iguais a Adão, eles estão num nível inferior. E a primeira vez que aparece a palavra Adão é agora. Adão em hebraico significa "o homem". Mas é "o homem" no sentido genérico da palavra, como espécie humana. Cuidado: prestem atenção, vai dar para entender agora.

E o nome, que Adão pôs a cada animal, é o seu verdadeiro nome. 20 Ele os chamou pelo nome, que lhes era próprio, assim as aves do céu, como os animais da terra: mas não se achava ajudante para Adão, que fosse semelhante a ele.

PROF. MONIR: Não havia nenhum outro animal que fosse semelhante a ele. O homem ainda não é capaz de valorar nada porque não houve pecado

original ainda; ele continua sendo aquele ser criado macho e fêmea no mesmo ambiente por Deus, e que tem um status especial porque, além de ser a imagem e semelhança, a ele foi dado um sopro divino que só esse homem tem. Agora vamos ver como é que Ele cria a Eva!

21 Mandou pois o Senhor Deus um profundo sono a Adão; e quando ele estava dormindo, tirou Deus uma das suas costelas, e pôs carne em seu lugar.

PROF. MONIR: A primeira coisa estranha aqui é que isso tenha acontecido enquanto Adão dormia. Se Adão dormia, estava inconsciente. Portanto este ato não é um ato deliberado da mente de Adão.

22 E da costela que tinha tirado de Adão, formou o Senhor Deus uma mulher, que Ele lhe apresentou.

PROF. MONIR: O que é essa mulher que se forma a partir de Adão, já que Adão era aquele sujeito que tinha a capacidade de desejo, que tinha consciência dessa duplicidade, da sua condição terrestre e da sua condição espiritual? Isso que a gente está chamando de Eva não é nada mais do que um aspecto associado simbolicamente à ideia da mulher, mas é um aspecto do desejo exacerbado que é simbolicamente a parte negativa da matéria. Se a mulher representa a natureza e a matéria, ela representa isso positivamente nos desejos, digamos, legítimos que se deve ter sobre a matéria, todos eles, e no desejo exacerbado, que é o desejo doentio. Do mesmo modo, o homem representa o espírito legítimo e o espírito doentio – esses dois componentes o tempo todo. Nasce aí no homem a ideia da Eva; é uma maneira de explicar o que nasce dentro do homem, o Adão, que é homem e mulher ao mesmo tempo. Não no sentido de androgenia. Cuidado! Não é homem e mulher

porque é um ser andrógino tipo Ney Matogrosso. É homem e mulher no sentido de que está composto de dois sexos. Há homens e mulheres. Nasce dentro do homem uma espécie de desejo exacerbado, que é a ideia da Eva. A Eva representa um aspecto feminino, sem dúvida, mas é um aspecto feminino que também está nos homens. Não é a mulher a agente da fraqueza. Eva é um aspecto feminino que não obrigatoriamente precisa existir, pode não estar presente também. Pode ser um aspecto feminino benigno, que é um desejo legítimo, e não o desejo ilegítimo exacerbado que substitui a espiritualidade.

23 Então disse Adão: Eis aqui agora o osso de meus ossos, e a carne da minha carne.

PROF. MONIR: Quem está falando isso é Adão, não é Deus. Adão está dizendo que aquilo que há ali é o osso do osso e a carne da carne. É alguma coisa profundamente imanente à própria natureza de Adão.

Esta se chamará Virago, porque de varão foi tomada.

PROF. MONIR: A expressão virago modernamente é muito ruim, porque virago é o nome que se dá para uma mulher masculinizada. Tanto é que há uma motocicleta chamada Virago, que é uma motocicleta arrojada. Mas a tradução aqui é no sentido de que em hebraico homem é *ish* e mulher é *ishá*, quer dizer, o nome da mulher veio do nome do homem. É por isso que ele está dizendo isso aqui.

24 Por isso deixará o homem a seu pai e a sua mãe, e se unirá a sua mulher: e serão dois numa mesma carne.

PROF. MONIR: E o que o homem está deixando? Quem é o pai do homem? O espírito. E qual é a mãe do homem? É o desejo material legítimo. Mas o homem se unirá à ideia do desejo exacerbado, e é isso que no fundo será o pecado original. Porque esse pai e mãe aqui não são o pai e mãe materiais e biológicos, mas são o pai e mãe simbólicos. Quando então nasce dentro do homem o desejo exacerbado, que é a cobiça do lugar de Deus, a vontade de produzir todos os desejos terrestres que são irrealizáveis, porque não é possível resolver todos os desejos terrestres. Está se desenvolvendo aqui a potência do pecado original. A potência do pecado original se desenvolve na medida em que dentro do ser humano nasce o desejo do ilimitado, que não é a Eva como indivíduo separado. A Eva é apenas um aspecto da psicologia humana, o aspecto de submeter a sua vida aos desejos da matéria, embora eles sejam completamente irrealizáveis. Eva deixa de ser a primeira mulher; ela não é mais, mas para ser aquele pedaço que há em todo o ser humano, que tem uma natureza simbolicamente feminina, que é a tendência a ter todos os desejos do mundo sobre as coisas da matéria. E submeter a vida a esses desejos é igual a fazer uma redução ontológica da existência humana.

Estou dizendo pra vocês que Eva não é a primeira mulher; a primeira mulher já existia nessa altura. Eva é um aspecto da natureza humana, da psicologia humana, que está subordinado aos desejos da matéria. Isso impede que haja a realização ontológica humana; e o resultado, portanto, é a expulsão do paraíso.

25 Ora, Adão e sua mulher estavam nus e não se envergonhavam.

PROF. MONIR: Por que é que não se envergonhavam? Porque ainda não tinham cometido o pecado original, quer dizer, ainda não tinham exercido

o ato que estava presente nessa potência. Havia apenas a potência, e não o ato. A potência não envergonha ninguém, mas o ato envergonha. É por isso que eles não se chateavam de estar nus. Muito bem.

Tentação e Queda

3 É de saber que a serpente era o mais astuto de todos os animais da terra, que Deus tinha feito: e ela disse à mulher: Por que vos mandou Deus que não comêsseis do fruto de todas as árvores do paraíso?

PROF. MONIR: O que a serpente representa simbolicamente? A serpente tem uma mordida fatal. Mas ela é fatal pra quê? Para a alma. Ela pode ser fatal para o corpo também, mas nesse caso aqui ela é simbolicamente fatal para a alma. Porque a serpente significa a vaidade e a soberba. E é isso que essencialmente passa pela cabeça do homem. Adão é o homem genericamente, homem e mulher, entenderam? Adão é igual à espécie humana. Não apenas um homem do sexo masculino. Tirem da cabeça essa ideia, senão vocês não entendem simbolicamente a história. Adão é a espécie humana. E a espécie humana chamada Adão agora é tentada pela serpente. Ora, a serpente está aonde? Está dentro do próprio ser humano. A serpente é um estado da alma, é uma maneira de a alma se manifestar. A serpente representa a tentação da soberba e da vaidade. A vaidade é um tipo de soberba.

No sistema grego, helênico, quem é que representa a serpente? A Medusa, que é o equivalente grego à serpente cristã. A Medusa também tem a cabeça feita de cobras. E a serpente tem uma característica – sempre

procurando as simbologias - que se associa a essa; a serpente tem a língua bifurcada. Portanto, a serpente é um símbolo da consciência moral. Porque a consciência moral é necessariamente uma espécie de bifurcação da vontade. Eu faço ou não faço. Consciência moral é uma sensação que você tem de que precisa escolher entre duas coisas. A história da bifurcação da vontade é basicamente a escolha entre matar o corpo ou matar a alma. Não existe outra... Quando você faz uma coisa má porque estava querendo mais dinheiro, você matou a alma e ficou com o corpo. Quando você assassina alguém, faz uma coisa má, para resolver uma vaidade pessoal.

Vocês se lembram do Édipo? O problema do Édipo é que ele tinha *hybris*. Ele mata o pai por causa de um acidente de trânsito. Era uma boa razão pra ele matar, não só o pai, mas cinco pessoas, como ele matou no mesmo dia? Quer dizer, o que mata Édipo, a razão pela qual ele é condenado, depois toma consciência e se arrepende, é que Édipo era um sujeito cheio de *hybris*. Por isso que ele se chama Édipo, que significa "pé inchado". Ora, o que é o pé? É o modo pelo qual você anda pela vida. O que é "pé inchado"? É um sujeito que anda pela vida cheio de *hybris*, cheio de vaidade, cheio de gás humano, e que não consegue colocar-se na posição de criatura. Esse é o problema do Édipo. É por isso que ele acaba cumprindo a profecia do oráculo.

O problema central aqui é vencer a vaidade humana. O problema central do ser humano agora é que, uma vez que ele tem essa potência de se tornar parecido com Deus, emular Deus de alguma maneira, ele precisa descobrir que não é Deus, que é criatura. Ele não pode perder jamais essa possibilidade. Portanto, o problema que Adão tem que resolver – que o ser humano tem que resolver, porque Adão não é apenas o homem do casal, Adão é o ser humano inteiro – é o problema da *hybris*. Um judeu não fala assim, porque

hybris é para os gregos. Mas o judeu fala em vaidade. A expressão judaica mais próxima é vaidade. É esse o problema em que Adão vai ser testado.

2 Respondeu-lhe a mulher: nós comemos dos frutos das árvores, que há no paraíso. 3 Mas do fruto da árvore, que está no meio do paraíso, Deus nos mandou que não comêssemos, nem a tocássemos, sob pena de morrermos.

PROF. MONIR: Morrer é abandonar o caminho evolutivo de baixo para cima. Isso acontece quando você tenta realizar um desejo ilegítimo e irrealizável. Em vez de você subir e ir para o superconsciente, você afunda cada vez mais na matéria – e vai acabar aonde? No subconsciente, ou seja, na lata de lixo psíquica (olhando sob o ponto de vista psicanalítico). O que Deus agora providencia é um teste para saber se o ser humano é capaz ou não de entender a sua santidade intrínseca, a sua santidade imanente, e recusar a vaidade, representada pela serpente. Esse é o sentido da história! Nós precisamos destituir a Eva de primeira mulher, senão a gente não entende nada. Mesmo porque nós sabemos que já houve uma mulher antes. Chame-se Lilith ou não, tanto faz, mas já existia mulher antes da Eva. E não fui eu que inventei isso, não li isso na coluna social do céu. Estou lendo aqui com vocês um texto da Bíblia em que não há nenhuma divergência nesse ponto.

4 Mas a serpente disse à mulher: Bem podeis estar seguros que não haveis de morrer: 5 porque Deus sabe que tanto que vós comerdes desse fruto, se abrirão vossos olhos; e vós sereis como uns deuses conhecendo o bem e o mal.

PROF. MONIR: Quem é que vem com essa desculpa? É a própria mente humana. A mente humana é que se autojustifica da maneira mais picareta que você puder imaginar. A mente humana é que arruma qualquer desculpa

para qualquer ato. Por isso, a palavra mentira vem da palavra mente, porque você encontra desculpa para fazer qualquer coisa. E o Adão aqui – insistindo que Adão não é mais um homem, mas o ser humano –, encontrará qualquer boa razão para justificar a sua vaidade. É o que ele fará comendo o fruto, quer dizer, rompendo com aquele acordo que tinha feito com Deus.

ALUNO: *No curso de Olavo de Carvalho, ele fala a respeito do nosso juiz interior, o antagonista. Não sei se a Eva poderia ser este antagonista?*

PROF. MONIR: Não. Eva é um aspecto decaído da natureza humana. Porque a mulher tem o componente positivo e o componente negativo. O homem tem o componente positivo e o negativo. O que o homem representa? O espírito. O que a mulher representa? A natureza, a matéria. São as duas representações. Então o homem é o sol, a mulher é a lua. A mulher não tem luz própria, o sol é que ilumina a lua. Essas são as representações simbólicas dos dois sexos. Ora, me acredite, isso não é nem um pouco cultural, é da natureza das coisas. Muito bem! Então o que a Eva representa? Representa o sentido feminino decadente, que é a exaltação do desejo. Há, no entanto, um componente feminino que é o desejo da natureza completamente legítimo, o desejo que todo o mundo tem de ter uma vida, de sobreviver, de poder cuidar dos seus próprios filhos, de ter uma retribuição pelo seu esforço. Não há nada demais em você ter prazeres da carne, você se divertir com comida... O problema todo está quando a existência humana passa a ser uma procura indiscriminada e insaciável de satisfazer os desejos. É isso que Eva representa. É isso que nasceu dentro do ser humano. E por outro lado o espírito, que é o homem, representa também uma parte positiva e uma parte negativa. Também tem seus componentes positivos e negativos. Do mesmo modo que quando você tem um problema físico qualquer

aparece uma dor em algum lugar para avisá-lo disso, quando você tem um problema espiritual de estruturação da sua vida, aparece uma culpa em algum lugar para lembrá-lo disso. Portanto, não há meio nenhum de viver sem culpa. Essa ideia moderna de que a gente pode ficar à vontade, que nada tem problema, que não há pecado debaixo do Equador é um troço de uma primariedade ontológica muito grande... Só a cabeça de brasileiro é capaz de inventar um negócio desses, imaginar que o carnaval não acaba nunca mais... O carnaval é teoricamente, historicamente, um período de quatro dias sem culpa. Dá para fazer tudo o que você quiser. No Império Romano havia até este sistema: durante os dias de carnaval, os empregados podiam mandar nos patrões, com a condição de que fossem mortos na quarta-feira de cinzas.

ALUNOS: *(Risos.)*

PROF. MONIR: A culpa representa um aviso da sua vida de que você está errando em alguma coisa na fórmula ideal. Portanto, a culpa tem o mesmo papel que a dor tem para a perturbação física. A perturbação moral é uma coisa que vem de um tribunal interno. A culpa é o veredicto de um tribunal interno que todo o mundo tem e sem o qual nenhuma lei externa funcionaria. Porque as leis externas, mesmo que variem de tempo em tempo, de sociedade para sociedade, só funcionam de alguma maneira porque apenas confirmam as sentenças de primeira instância, que são as sentenças do seu tribunal interno.

ALUNA: (Faz comentário.)

PROF. MONIR: A culpa funciona daquele jeito maravilhoso que a *Teogonia* nos ensinou. Tem sempre dois caminhos: bifurca-se nas Fúrias (ou Eríneas) e nas Eumênides. A culpa é gerada na *Teogonia* pelas gotas de sangue do ferimento de Urano que caem sobre a terra. Então, quando Cronos mata o pai, sente culpa. Esta culpa é formada aí nesse momento, e cria aquilo que os gregos chamavam de Eríneas e que os romanos chamam de Fúrias, que são três mulheres que se lembram de tudo aquilo que você fez de errado, moram no inferno e não aceitam nenhuma autoridade que não seja de Cronos para trás. Elas não aceitam a autoridade de Zeus, só aceitam a autoridade dos Titãs para trás, mas a de Zeus não, porque são mais velhas que os olímpicos. Zeus não existia quando as Fúrias foram inventadas. E essas Fúrias passam o dia inteiro no inferno, a sua vida inteira lembrando os habitantes do Hades tudo o que eles fizeram de errado, o tempo todo, sem perder nenhum detalhe e nenhuma particularidade dos crimes que eles cometeram. Como vocês podem ver, tinha que ser mulher para exercer essa função, não poderia ser homem, de jeito nenhum. Está muito adequado, e tal.

ALUNOS: *(Risos.)*

PROF. MONIR: Essas criaturas chamam-se Eríneas; os romanos as chamam de Fúrias. A mais famosa delas é Megera. Depois que Édipo cega a si próprio, aceitando a responsabilidade dos seus atos, ele é guiado pela sua filha Antígona, que representa o princípio feminino de pureza, o casamento do céu e da terra. É o Édipo, agora com o pé desinchado, consciente da sua humildade, da sua precariedade, que casa com o céu. O céu é quem? Antígona. E ele é a terra, que percebeu e tomou consciência de seus males. Antígona então conduz o pai cego para o santuário das Eumênides, que são

as Eríneas positivas. Porque a culpa pode virar Erínea; se ela vira remorso, aquela culpa que nunca nos deixa, um sofrimento permanente e contínuo...

ALUNO: Isso é sofrimento moral?

PROF. MONIR: O sofrimento moral não é isso, mas a dúvida sobre o que fazer ou não fazer. É especialmente aquela dor que você tem na hora em que precisa decidir. Por exemplo, lá na empresa onde trabalho, descobri que um amigo meu, que, aliás, é padrinho dos meus filhos – estou dando exemplo – realizou um roubo na empresa. Denuncio ou não denuncio? Essa dúvida, essa bifurcação da vontade é o que estabelece o sofrimento moral. Agora, o que acontece aí não é isso. Depois que você cometeu um ato mau, você tem culpa. Se essa culpa é transformada em Erínea, ela se chama remorso – remorso vem de remoer –, ou então ela se transforma em arrependimento.

ALUNO: *(Faz comentário.)*

PROF. MONIR: Esse é todo o sentido da confissão cristã. Porque a confissão cristã é baseada na ideia de que, ao você contar os pecados para alguém espiritualmente superior e se arrepender deles, essa pessoa pode inocentá-lo; quer dizer, ela não o inocenta, ela o perdoa. E você, então, não precisa mais carregar aquele piano pela vida afora. O problema todo está em não cair nas mãos das Eríneas, mas cair nas mãos das Eumênides, que são as mesmas criaturas com focos diferentes. As Eríneas são o foco do remorso e as Eumênides são o foco do arrependimento. E o arrependimento torna a vida viável.

A culpa é sempre uma manifestação do espírito de que alguma coisa está errada na sua vida, de que você devia rever o que fez. Ela funciona para o espírito do mesmo modo que a dor funciona para o corpo. E não adianta você aparecer com a ideia de que dá para viver a vida sem culpa, porque não dá, não é uma vida humana! Os animais vivem sem culpa. Por exemplo, o seu cachorro quando foge de casa e você briga com ele, ele não fica daquele jeito acabrunhado porque ele tem culpa; ele acha que você não o ama mais, ele vê em você uma hostilidade. Mas ele não raciocina assim: "Puxa, eu não devia ter saído atrás daquela cachorrinha!"

ALUNOS: *(Risos.)*

PROF. MONIR: "Ela era realmente um pedaço de cachorra, eu não pude evitar, estava meio aberto o portão, mas eu não devia ter feito isso..."

ALUNOS: (*Risos.*)

PROF. MONIR: O seu cachorro não faz isso. Ele não tem a menor ideia de ter feito alguma coisa errada. Porque os animais não têm consciência moral. Os animais têm uma visão de fazer o que são programados para fazer. Na África, quando um leão mata os filhotinhos de uma leoa porque quer que ela volte para o cio, ele não faz isso com nenhum problema moral. Ele simplesmente mata; pronto e acabou. Não tem sofrimento nenhum por causa disso. Ora, se você atropelar um cachorro ali, sem ser de propósito, tentando evitar, e mesmo assim atropelar, você não vai ficar um tempo muito mal? Nós temos sentimento moral, mas os cachorros não têm. Nós temos sofrimento, e eles não têm. Então essa é a questão fundamental aqui. Não há vida humana sem culpa.

ALUNO: *Monir, por exemplo o [personagem] Mersault no livro O Estrangeiro. Ele age como um sociopata...*

PROF. MONIR: Ele não tem consciência moral. Porque o problema da consciência moral é o seguinte: como é horroroso o sofrimento moral derivado da bifurcação da vontade, então você fica arrumando jeitos de não sofrer isso tudo. Como é que você faz para não sofrer? Bom, há três metodologias básicas.

A primeira é a do Raskólnikov, do *Crime e Castigo*. Você cria a tese de que os sistemas morais que servem para os outros para você não servem, porque você é como o Napoleão, um sujeito especial. Como Napoleão matou um monte de gente e mesmo assim tem aquele túmulo lá no Les Invalides, que é uma maravilha... Nenhum rei da França tem aquele túmulo. Napoleão é, indiscutivelmente, a mais importante personagem da história da França de todos os tempos. No entanto, Napoleão matou milhares de pessoas. Raskólnikov diz assim: "Não, eu não tenho que sofrer, porque eu de fato matei uns quatro, cinco, mas Napoleão matou milhões, e qual é o problema?" Aristóteles dizia que esse é o pior tipo de desviado moralmente, porque o sujeito não tem capacidade de sentir arrependimento. Significa que ele está perdido.

O segundo jeito pelo qual você tenta impedir o sofrimento moral é quando você diz assim: "Não fui eu quem fez isso". Entenderam? É o Dr. Jekyll e o Mr. Hyde. Quer dizer, quem é que cai na gandaia de madrugada e faz misérias? Não é o Dr. Jekyll, é o Mr Hyde. Então ele não acha que é o responsável, porque atribui os maus atos a um duplo seu, sobre o qual ele não tem responsabilidade moral nenhuma. É o negócio do *Second Life*.

A terceira alternativa para você tentar impedir o sofrimento moral é fazer como faz o Meursault [de *O Estrangeiro*], dizendo assim: "Na verdade, na verdade, não há problema moral. Problema moral é um negócio que a sociedade inventou. Então, sistemas morais, regras morais, são todos externos à minha pessoa". É isso que Meursault pensa.

ALUNO: *Mas ele se tornou isso ou foi por opção dele?*

PROF. MONIR: Nós não sabemos, porque o livro começa com ele dizendo assim: "Hoje morreu a minha mãe". E ele vai lá no enterro e não tem uma lágrima. Fica incomodadíssimo de ter que se incomodar com isso. Ele não tem sofrimento moral desde o início.

ALUNO: *Mas foi o meio que o transformou naquilo?*

PROF. MONIR: Nós nunca saberemos. A verdade é que o Meursault de Camus é o homem do século XX, que não se importa. É o Jean-Paul Sartre. Cada vez mais o Camus foi descrevendo melhor o Jean-Paul Sartre. Quando Jean Paul Sartre descobriu que estava sendo descrito pelo Camus, brigou com ele.

Mas, enfim, não dá para a gente conceber o ser humano sem sofrimento moral. Por mais que seja uma meta do mundo moderno viver sem culpa. Viver sem culpa é absolutamente impossível, porque significa rebaixar-se a um nível ontológico inferior ao humano. Significa viver como um animalzinho vive. É abdicar da condição humana, perder a sua face humana, é transformar-se naquele inseto em que se transforma Gregor Samsa, em *A Metamorfose,* de Franz Kafka.

Esse é o problema que o homem está gerando aqui. Adão é o homem no sentido genérico, homem e mulher. E ele tem um componente que é a exaltação do desejo, que é o que se representa simbolicamente pela palavra "Eva". Essa exaltação do desejo é o que o levará para a desgraça na confrontação com o desafio sobre comer ou não comer da árvore da ciência do bem e do mal. Reparem como isso vai acontecer. Vamos lá.

6 A mulher, pois, vendo que o fruto daquela árvore era bom para se comer, e era formoso, e agradável à vista, tomou dele, e comeu, e deu a seu marido, que comeu do mesmo fruto como ela.

PROF. MONIR: Portanto, é o ser humano quem comeu. Quer dizer, a vaidade achou que era legítimo comer aquilo porque era bom.

7 No mesmo ponto se lhes abriram os olhos, e ambos conheceram que estavam nus; e tendo cosido umas com outras, umas folhas de figueira, fizeram delas umas cintas.

PROF. MONIR: A figueira representa para o mundo antigo, judaico, a mesma coisa que representa a maçã no mundo moderno. A figueira tem um sentido de tentação do desejo. E o que significa fazer com folhas de figueira a cobertura da genitália? Perceber-se nu é perceber o pecado que se cometeu, perceber a culpa. O que é que faz a culpa, como primeira atividade? Faz a contenção da capacidade de agir. Que é o que você faz cobrindo a genitália, que afinal de contas é o modo pelo qual nós agimos para nos multiplicarmos – sobretudo a genitália masculina, que tem um aspecto fálico, um aspecto de ação sobre o mundo. Você cobre isso com uma folha de figueira porque de alguma maneira é o reconhecimento do fracasso que nós fizemos ao

comer daquela árvore. Do ferimento profundo que nós fizemos na alma ao casarmos com o mundo da matéria, que é o prazer de comer aquele fruto. Não quer dizer que a ciência do bem e do mal seja sempre ruim, não. Mas a desobediência é, porque essa sim é soberba. É a soberba da desobediência que está sendo comida aqui. Mas vamos ver pra onde é que vai isso.

ALUNA: *O que representa a figueira, mesmo?*

PROF. MONIR: A figueira, o figo, representa uma fruta parecida com o que a maçã representa. Maçã não é assim um negócio que os donos de motel usam para fazer a decoração dos quartos?

ALUNOS: *(Risos.)*

ALUNO: *Big Apple!*

PROF. MONIR: É, tem até motel chamado assim. O negócio de maçã virou símbolo de sexo, não? E a figueira representa o quê? Procure no dicionário de simbologia para descobrir isso. A figueira representa, no mundo antigo, o mesmo sentido que tem a maçã no mundo moderno. Quer dizer, é um fruto que representa o desejo carnal, digamos assim. Cobrir o sexo com uma folha de figueira, que é o que eles fizeram com a tal da cinta, é uma maneira de autopunição ao refrear a sua potência de ação, já que a sua potência de ação estava comprometida por uma espécie de domínio da matéria sobre o espírito. Isso se chama *queda*. É cair do espírito alto para a matéria embaixo. A matéria está embaixo e o espírito está em cima. Queda é simplesmente despencar daquelas alturas.

8 E Adão, e sua mulher, como tivessem ouvido a voz do Senhor Deus, que andava pelo paraíso, ao tempo que se levantava a viração depois do meio-dia, se esconderam da face do Senhor Deus entre as árvores do paraíso. 9 E o Senhor Deus chamou por Adão, e lhe disse: Onde estás? 10 Respondeu-lhe Adão: Como ouvi a tua voz no paraíso, e estava nu, tive medo e escondi-me.

PROF. MONIR: É a culpa, não é?

11 Disse-lhe Deus: Donde soubeste tu que estavas nu, se não porque comeste do fruto da árvore, de que tinha ordenado que não comesses?

PROF. MONIR: Porque o fruto da árvore é que dá consciência do bem e do mal. Adão só sabe que está nu porque percebeu que fez uma coisa má. Mas ele só poderia ter consciência disso se tivesse comido o fruto da árvore, que é o que de fato aconteceu. Deus sabia (é claro que Deus já sabia antes) que ele tinha feito isso, mas o obriga a confessar. Para ver o que ele faz com essa culpa.

12 Respondeu Adão: A mulher que tu me deste por companheira, deu-me desse fruto, e eu comi dele.

PROF. MONIR: Tá vendo? É a mania de botar a culpa nos outros.

ALUNOS: (*Risos.*)

PROF. MONIR: "Não fui eu, foi o diabo que fez." Compreenderam que ele reage à provocação de Deus da pior maneira possível? Quer dizer, negando a consciência e a responsabilidade pela culpa, coisa que Édipo não faz. Embora

Édipo não soubesse que eram o pai e a mãe, ele assumiu a responsabilidade total por meio do ato de cegar os olhos. E é por isso que Édipo vai para o céu. Zeus o leva direto para o céu, ele não vai para o Hades. Mas Adão, não. O ser humano, ao ser cobrado da sua responsabilidade, a primeira coisa que faz é culpar os outros. Está aqui Adão botando a culpa na Eva – que não é uma mulher. Eva não é uma mulher independente de Adão.

13 E o Senhor Deus disse para a mulher: por que fizeste tu isto? Respondeu ela: A serpente me enganou e eu comi.

PROF. MONIR: Eva é simbolicamente equivalente ao que é Pandora para os gregos. Como é a história da Pandora? Prometeu tinha um irmão chamado Epimeteu. E esse, diferentemente do Prometeu, é um desmiolado. Prometeu é aquele sujeito que tem a capacidade de prever ("Pro" significa "prever"). E Epimeteu é aquele sujeito que primeiro faz as coisas e depois pensa sobre o que fez. Na verdade, Prometeu e Epimeteu são a mesma pessoa, é a mesma coisa. Só que Prometeu é o sujeito com a capacidade intelectual de julgar seus passos futuros, e Epimeteu não é. Então Epimeteu foi encarregado por Zeus de distribuir as habilidades para os bichos. E deu lá para o tigre a velocidade, deu para a cobra o veneno, deu para as formigas a pequenez, a capacidade de se esconder... E, quando distribuiu tudo, não viu que não tinha sobrado nada para os seres humanos. Prometeu, para compensar isso, vai lá e rouba o fogo do Hefesto, que é primo dele, porque Hefesto é filho de Hera e Hera é tia dele. Não que faça muito sentido ficar preocupado com essas relações de parentesco, é apenas para dar um tom assim de coluna social à nossa história.

ALUNOS: (*Risos.*)

PROF. MONIR: Prometeu rouba de Hefesto o fogo sagrado da inteligência e entrega para os homens. Zeus, quando fica sabendo disso, fica furioso e amarra Prometeu naquela pedra, no Cáucaso, onde ele ficaria preso até o fim dos tempos. Para poder compensar o fato de que agora os homens são espertos, Hera manda Pandora como uma primeira mulher. Pandora é a primeira mulher, porque não havia mulher ainda. Do mesmo modo que está aqui na Bíblia, Pandora não é uma mulher em si, mas um aspecto da existência humana que é simbolizado por uma figura feminina. E Pandora traz como dote uma caixa onde estão todos os problemas do mundo, todas as preocupações e desastres. Primeiro Prometeu tinha feito Epimeteu prometer que jamais aceitaria presentes do céu. Começou aí o esquecimento. Depois abriu a caixa e soltaram-se todos os males do mundo. E agora os homens, embora inteligentes, terão que passar a vida lutando para resolver os males do mundo. Essa é a história de Pandora, que é exatamente igual à história de Eva. É um aspecto da vida humana que é capaz de produzir um enlouquecimento pelo desejo. Desejos irrealizáveis e mais absurdos que você possa imaginar passam a ser o objeto de vida humana. É isso que mata a alma. No fundo as histórias da *Teogonia* e do *Gênesis* são muito parecidas, se pensarmos bem.

Condenação; promessa do Redentor

14 E o Senhor Deus disse à serpente: Pois que tu assim o fizeste, tu és maldita entre todos os animais e bestas da terra: tu andarás de rojo sobre o teu ventre, e comerás terra todos os dias da tua vida.

PROF. MONIR: Porque a serpente é vaidade, é soberba. Qual é o castigo que você dá à soberba? Jogá-la no chão e torná-la rastejante durante o resto da vida. A soberba passa a ser punida com um exercício de humildade permanente.

15 Eu porei inimizades entre ti, e a mulher; entre a tua posteridade e a dela.

PROF. MONIR: Aí Ele já não está mais falando de Eva. Está falando da mulher propriamente dita, no sentido que ela representa de natureza legítima, pura e inocente. É nesta mulher que Ele porá inimizade. Quer dizer, no aspecto positivo da mulher, que não é mais a Eva. Esta mulher que se tornará inimiga da serpente é a mulher nos seus aspectos angelicais, nos seus aspectos puros e elevados – o pedaço positivo da mulher, simbolicamente representado. E não é Eva. De fato, não está escrito Eva aí. Se você pensar bem, de fato não está mesmo. Olha só como é que continua isso.

Ela te pisará a cabeça e tu procurarás mordê-la no calcanhar.

PROF. MONIR: Pois não é Nossa Senhora? É Nossa Senhora que faz isso. A mulher, então, porque representa o desejo legítimo, irá apertar a cabeça do desejo ilegítimo, da vaidade. Este ato é que mantém a vaidade controlada. Então você tem a definição teológica da mulher nesse ponto. É desta mulher que Ele está falando. Não é Eva. Mas é a mulher no seu aspecto, digamos, simbólico, arquetípico e positivo. Que é aquilo que representa a parte boa da materialidade, ou seja, a parte boa da mãe natureza, por exemplo, da capacidade de gerar a vida, etc.

16 Disse também à mulher: Eu multiplicarei os trabalhos dos teus partos. Tu

parirás teus filhos em dor, e estarás debaixo do poder de teu marido, e ele te dominará.

PROF. MONIR: Por que a mulher será dominada pelo marido? (Aqui não é Eva também.) Porque o Espírito tem que dominar a matéria, poxa! É só por isso. Quer dizer... O princípio que a mulher representa, que é a matéria, tem que ser dominado pelo espírito. Mas em que sentido? Ele tem que ser subordinado, porque se você não subordina, acontece o que aconteceu exatamente cinco minutos antes. O que Deus faz aqui é a descrição das regras pelas quais o mundo devia funcionar. Então, o que significa "Eu multiplicarei os trabalhos dos teus partos"? A terra, que ela representa, irá sempre ter filhos com dor. Todo o prazer terrestre implicará alguma dificuldade. "Tu parirás teus filhos em dor." Todos os filhos do prazer terrestre, todos os filhos da terra, serão sempre dolorosos: custarão alguma coisa, serão sempre passíveis de inveja. O sujeito passa a vida inteira para comprar um carro e roubam ali na esquina. Todos os frutos dos prazeres terrestres serão sempre dolorosos e nunca serão fáceis. E a mulher representa isso mesmo. Ela é dominada pelo marido, não porque a mulher seja inferior, mas porque simbolicamente é a matéria subordinada ao espírito. Então, não se trata da mulher e do homem. Porque na mulher e no homem concretamente existem as duas coisas. Mas é apenas a simbologia dos dois sexos que está aqui. Não se está mais falando de Eva, nessa altura do campeonato. Se a gente não consegue entender isso, separar isso, não entende a história!

17 A Adão porém disse: Pois que tu deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste do fruto da árvore, de que eu te tinha ordenado que não comesses; a terra será maldita por causa da tua obra: tu tirarás dela o teu sustento à força de trabalho. 18 Ela te produzirá espinhos e abrolhos: e

tu terás por sustento as ervas da terra. 19 Tu comerás o teu pão no suor do teu rosto, até que te tornes na terra, de que foste formado. Porque tu és pó, e em pó te hás de tornar.

PROF. MONIR: Por quê? Porque Adão, ao fazer a escolha da terra, perdeu a forma divina. Então agora ele irá existir dentro das condições da materialidade, que é o que está aqui descrito. O ser humano irá existir dentro das condições da materialidade porque perdeu a forma divina ao ter feito a escolha que fez. Nesse momento, está claramente estabelecida a existência de um Deus juiz, e não mais um Deus criador. Deus perdeu aquela sua conotação de criação, e agora é um Deus juiz, na plenitude total da palavra. Estabelecendo, então, o destino que o homem terá a partir dos acontecimentos que existiram aí.

20 E Adão pôs à sua mulher o nome de Eva, por causa de que ela havia de ser a mãe de todos os viventes.

PROF. MONIR: Eva significa "desejo". E o desejo passa a ser a mãe da humanidade. O problema da humanidade passa a ser entender o que fazer com isso. Esse desejo é fundamentalmente descrito aqui nesses três primeiros capítulos que estabelecem toda a estruturação do pensamento judaico. Nesses três capítulos, que nós lemos aqui com pormenores, está estruturada completamente a concepção existencial, a concepção cosmológica judaica: o homem é um ser no meio, entre o céu e a terra. Quer dizer, ele está entre o espírito e a matéria. E ele tem consciência disso. Ele tem consciência de que representa simbolicamente Deus. Ele é uma espécie de modelo divino. Foi criado à imagem e semelhança. No entanto, ao ter comido esse fruto, ou seja, ao ter experimentado os frutos da terra e ter

percebido que há muita coisa nesse mundo que podia ser mais gostosa e mais agradável, o homem cria então uma tensão interna permanente entre o desejo de atender o céu, e subir, e o desejo de descer para a terra. Esse é o mundo em que nós vivemos. Essa é a situação existencial que nós vivemos. Adão! Simbolicamente todos os homens fizeram a escolha errada e fomos então expulsos do paraíso. A expulsão do paraíso será lida logo em seguida.

Adão e Eva expulsos do Paraíso

21 Fez também o Senhor Deus a Adão, e a sua mulher, umas túnicas de peles, e os vestiu com elas.

PROF. MONIR: Ué, qual é o sentido de usar túnica de peles?

ALUNA: *O animal.*

PROF. MONIR: Então! Fomos animalizados. Usar túnica de peles? Porque ninguém disse que estava frio, não é? Para esconder a nudez, mas... O sentido de usar túnica de peles é que o homem comporta-se agora como um animal. Ele escolheu a vida material, e não a vida espiritual. A nossa aparência se animalizou. Nós nos tornamos animalescos, na medida em que perdemos a face divina, aquela existência ontologicamente definida.

22 E disse: Eis aqui está feito Adão como um de nós, conhecendo o bem, e o mal.

PROF. MONIR: Que ironia, não?

Mas agora, para que não suceda que ele lance a mão, e tome do fruto da árvore da vida e coma dele, e viva eternamente.

PROF. MONIR: Embora a tradução seja meio esquisita, é assim: "Agora vamos tomar providências para que ele não possa pôr a mão na árvore da vida, já que escolheu ter a ciência do bem e do mal."

23 E o Senhor Deus o pôs fora do paraíso, para que cultivasse a terra, de que tinha sido formado.

PROF. MONIR: E quem cultiva a terra é o primeiro filho de Adão e Eva, que se chama Caim. Esse filho de Adão e Eva – não é que Adão seja homem e Eva uma mulher, mas é o filho daquela criatura humana chamada Adão, que é homem e mulher ao mesmo tempo, com o componente de exaltação. Tanto é que toda esta linhagem de filhos de Caim está condenada à destruição pelo dilúvio. Quer dizer, não deu certo de modo nenhum. Não foi possível recuperar. Aquele pecado original gerou, como consequência dele próprio, a inviabilização dessa primeira humanidade inventada por Deus. Então, quem é Caim? Caim é agricultor, e não é pastor. Porque justamente Deus o obrigou a ser agricultor. Vamos ver como é que continua isso.

24 E depois que o deitou fora do paraíso, pôs diante deste lugar de delícias a um querubim com uma espada cintilante e versátil, para guardar a entrada da árvore da vida.

PROF. MONIR: Muito bem! Vamos para o item quatro agora.

Caim e Abel

4 Ora Adão conheceu a sua mulher Eva e ela concebeu e pariu a Caim, dizendo: Eu possuí um homem por graça de Deus.

PROF. MONIR: "Eu tive um filho por graça de Deus."

2 Depois teve a Abel, irmão de Caim. Abel porém foi pastor de ovelhas, e Caim lavrador.

PROF. MONIR: Qual é a diferença dos dois? Caim é um ser fixo, ele é agricultor. Abel é um ser móvel. Por ser um ser móvel, é menos associado à terra, porque o móvel está sempre mudando de lugar. Abel representa um estado menos materializado do que Caim.

3 Passado muito tempo aconteceu fazer Caim ao Senhor as suas ofertas dos frutos da terra. 4 Abel também ofereceu das primícias do seu rebanho, e das suas gorduras. Olhou o Senhor para Abel e para as suas ofertas; 5 não olhou porém para Caim, nem para as que ele lhe tinha oferecido.

PROF. MONIR: Abel dá lá uns carneirinhos, e tal, e o Caim dá as coisas que ele plantava. Por que Deus gosta mais dos carneirinhos de Abel do que das coisas plantadas por Caim? Porque o sacrifício que Abel dá é o sacrifício do sangue, portanto é um sacrifício mais poderoso, mais profundo, mais denso do que o sacrifício das coisas plantadas. No entanto, Caim não reconhece isso, fica furioso porque a sua vaidade, a sua *hybris* novamente foi mobilizada.

E Caim se irou grandemente, e o seu rosto pareceu descaído. 6 E o Senhor lhe disse: Por que andas tu irado? E por que trazes esse rosto descaído? 7 Porventura se tu obrares bem, não receberás por isso galardão? E se obrares mal, não será bem depressa o pecado à tua porta? Mas a tua concupiscência estar-te-á sujeita, e tu a dominarás.

PROF. MONIR: Concupiscência é desejo. Deus está dizendo para Caim que ele tem de controlar os seus desejos: a raiva e a inveja. É isso que Édipo tem de fazer, que Hércules tem de fazer e que Caim tem de fazer. Tem de controlar os seus desejos porque senão ele vai à bancarrota. Caim continua sendo um sujeito que não consegue compreender, continua sendo desespiritualizado como foram seus pais – pelo menos naquele momento em que houve o acontecimento do paraíso.

8 Disse Caim a seu irmão Abel: Saiamos fora. E quando ambos estavam no campo, investiu Caim contra seu irmão Abel e matou-o.

PROF. MONIR: Inveja. A inveja é o crime fundador da humanidade. Sim, um ato de inveja funda a humanidade. A inveja, a *hybris,* um ato de submissão aos desejos, um ato de soberba humana. Pois essa história que se está contando aqui é a mesma história da *Teogonia*. Exatamente igual. É a mesma história do *Édipo-Rei*. É a mesma história. Sempre parecida.

9 E o Senhor disse a Caim: Onde está teu irmão Abel? Ao que Caim respondeu: Eu não sei. Acaso sou eu o guarda de meu irmão? 10 Disse-lhe o Senhor: Que é o que fizeste? A voz do sangue de teu irmão clama desde a terra até a mim. 11 Agora pois serás maldito sobre a terra, que abriu a sua boca, e recebeu o sangue de teu irmão da tua mão. 12 Quando tu a tiveres cultivado, ela te não

dará os seus frutos. Tu andarás vagabundo e fugitivo sobre a terra. 13 E Caim disse ao Senhor: O meu crime é muito grande, para alcançar dele perdão. 14 Tu me lanças hoje fora da terra; e eu serei obrigado a me esconder de diante da tua face; e andarei vagabundo e fugitivo na terra. O primeiro pois, que me encontrar matar-me-á. 15 Respondeu-lhe o Senhor: Não será assim mas todo o que matar a Caim, será por isso castigado sete vezes em dobro. E pôs o Senhor um sinal em Caim, para ninguém, que o encontrasse, o matar. 16 E Caim tendo-se retirado de diante da face do Senhor, andou errante pela terra, ficou habitando no país que está ao nascente do Éden.

PROF. MONIR: Deus consente de alguma maneira que a humanidade seja fundada por um crime. Porque Ele protege Caim contra a morte. Ele deixa Caim sair pelo mundo, porque não havia outro filho – Abel tinha sido morto. Depois haverá outro filho de Adão e Eva chamado Set. Mas, por enquanto, é apenas o Caim. E esse Caim sai pelo mundo protegido pela mão de Deus para que não seja hostilizado, pelo menos não seja morto. Esse Caim é o fundador da humanidade a partir de um crime. Com isso, o que se está dizendo aqui é que não há nenhuma característica mais extraordinária dentro da experiência humana, da psicologia humana, do que a tendência à inveja. A tendência a querer dar vez aos seus desejos irrefreáveis, que são completamente incontroláveis. É isso que estabelece a psicologia humana, em sua última estrutura, em sua última natureza. É o que está aqui na Bíblia.

17 E conheceu Caim a sua mulher, a qual concebeu, e pariu Enoc. E ele edificou uma cidade, à qual pôs o nome do seu filho Enoc. 18 Enoc porém gerou a Irad, e Irad gerou a Maviael, e Maviael gerou Matusael, e Matusael gerou a Lamec, 19 o qual teve duas mulheres, uma chamada Ada, outra Sela. 20 Ada pariu a Jabel, que foi pai dos pastores, e dos que habitam em tendas. 21 O nome de seu

irmão foi Jubal que foi pai dos que tocam cítara e órgão. 22 Sela também pariu a Tubalcain, que foi trabalhador de martelo, e hábil em obras de bronze e de ferro. A irmã de Tubalcain se chamou Noema.

23 Ora, uma vez disse Lamec a suas duas mulheres Ada e Sela: Mulheres de Lamec escutai a minha voz, ouvi o que vou a dizer-vos: Eu matei um homem com uma ferida, e um rapaz à força de pisaduras. 24 De Caim tomar-se-á a vingança sete vezes, e de Lamec setenta vezes sete.

25 Tornou Adão a conhecer a sua mulher, e ela pariu um filho, a quem pôs o nome de Set, dizendo: O Senhor me deu outro filho em lugar de Abel, que Caim matou. 26 Set também teve um filho, a quem pôs o nome de Enos: este começou a invocar o nome do Senhor.

PROF. MONIR: Reparem agora apenas na primeira linha do item 5.

Descendência de Adão

5 Eis aqui a descendência de Adão. Deus o fez à sua semelhança no dia, que o criou. 2 Ele os criou macho e fêmea, e os abençoou, e os chamou pelo nome de Adão no dia da sua criação.

PROF. MONIR: *"E os chamou pelo nome de Adão"*. Vocês estão entendendo que Eva não é exatamente como se interpreta de modo geral? Compreenderam que se a gente for juntando os pedacinhos do mosaico, nós vamos descobrindo aí um maravilhoso vitral da catedral de São Marcos em Veneza? Muito bem! A gente não vai poder ler até o fim. Embora, eu

garanto, se vocês lerem até o fim com a perspectiva da interpretação que foi feita aqui, vocês entenderão tudo muito melhor do que entenderam até hoje. Mas fundamentalmente a história que vem adiante é assim:

Os filhos de Set, que são os filhos de Deus, casam com os filhos da terra, que são os filhos de Caim. Mesmo assim, Deus está muito infeliz com o resultado dessa humanidade que Ele gerou, porque essa humanidade é profundamente inviável. E aí decide destruí-la criando, então, o dilúvio. Esse dilúvio representa o fato de que tudo nesse mundo é cíclico, que as coisas nascem e morrem. Mas Deus não pode começar do zero sempre; então, o que Ele faz? Começa o mundo novo a partir dos elementos que sobraram do mundo velho. E é por isso que Noé é convidado por Deus a fazer uma arca e enchê-la com casais de animais – dos animais puros, que são os mais consumidos, são sete casais de cada um e dos animais impuros são dois (afinal são animais que não serão comidos com tanta intensidade) – e essa arca então representa não a preservação biológica do mundo que estava morrendo, porque afinal as águas ficaram 150 dias cobrindo toda a terra. E tanto a dinastia de Set quanto a de Caim foram totalmente destruídas. Quando finalmente as águas baixam, de Noé saem então as sementes e matrizes do novo mundo que nasceria a partir daí. Isso significa que Deus faz o novo mundo com os elementos do anterior. Quando os ciclos acabam, os novos ciclos acontecem a partir de elementos sobreviventes do mundo anterior.

É a história de Robinson Crusoé, que é maravilhosa! Incentivem os adolescentes, façam-nos ler, ou pelo menos aconselhem. Robinson Crusoé é o sujeito que cai numa ilha com salvados de um naufrágio. Ele constrói um mundo novo a partir dos salvados. A história de Robinson Crusoé é a

história da reconstituição do mundo a partir dos salvados do mundo. É isso que não foi possível fazer dos salvados da família de Caim. Na verdade, Noé é um descendente de Caim, quer dizer, continuou existindo, mas não exatamente aquele mundo. Noé era um fato excepcional, era uma exceção. Deus reconstrói o mundo por meio dos três filhos de Noé: Jafé produz os homens do norte, acima da arca; Sem, de onde vêm os semitas, faz o meio, que são basicamente os árabes e judeus – os povos ditos semitas; e Cam faz o mundo de baixo. Essa é a teoria. Finalmente, então, o mundo se repovoa a partir dessas três dinastias, que têm muitos e muitos filhos, muitos e muitos filhos... Até que numa dessas dinastias nasce um sujeito chamado Abraão. Abraão é parente de Noé. Noé, eu acho, está quatro ou cinco gerações aquém de Abraão. Com Abraão, Deus faz uma espécie de acordo. Porque tendo em vista o fato de que agora era preciso não errar mais e constituir uma humanidade que fosse capaz de representar a verdadeira natureza humana, Deus teria escolhido um povo, o povo judeu – que mais tecnicamente falando nasce com Isaac, o primeiro filho de Abraão com Sara, que gerará em seguida Jacó, e [esse, por sua vez,] José. Esses três aí vão até o fim do *Gênesis,* que acaba no Egito quando aqueles 40 judeus se estabelecem lá e há a morte dos dois patriarcas ainda vivos, Jacó e José, que haviam se reencontrado no Egito.

Essa história a partir de Noé é um livro completamente diferente do anterior. Já é o livro da tentativa de produzir uma solução existencial, civilizatória para devolver a natureza humana – a ideia de fazer um novo acordo com Deus. Isso só acontece, em primeiro lugar, com Moisés depois do cativeiro do Egito, quando os seres humanos concordam com os dez mandamentos. Então os dez mandamentos foram colocados dentro de uma arca, a Arca da Aliança, que sumiu durante o cativeiro na Babilônia e não se sabe onde está.

É um desses assuntos polêmicos, exóticos do mundo moderno. E os judeus então ficam 40 anos no deserto – como disse a Vilma, para poder fazer um trechinho desse tamanho, ridículo, ficaram 40 anos – o que não significa que eles tenham se perdido no deserto. Há uma teoria de que Moisés era homem, e então não queria nunca perguntar a ninguém o caminho.

ALUNOS: *(Risos.)*

PROF. MONIR: Essa parece ser a teoria mais provável de por que demorou 40 anos para chegar à Terra Prometida. A Terra Prometida não tinha nenhum segredo, porque tanto Abraão quanto Jacó e José já tinham estado lá, em Canaã. Não tinha placa, mas todo o mundo sabia onde era.

ALUNOS: *(Risos.)*

PROF. MONIR: No entanto, 40 anos parece que são perfeitos para produzir a destruição, permitir a morte de toda a população antiga que estava contaminada com a ideia da subordinação. Ibn Khaldun acha isso. Nos *Prolegômenos*, ele defende que um povo que fica muito tempo escravo perde a capacidade de organização. É por isso que não era possível voltar à Terra Prometida e enfrentar uma guerra para recuperá-la – pois ela estava ocupada – sem que houvesse uma depuração dos elementos já ultrapassados e obsoletos daquele povo. Essa é a razão pela qual os judeus ficaram 40 anos no deserto. Esperando amadurecer um povo novo.

Daí para a frente o Velho Testamento irá falar de todas essas vicissitudes e dessas coisas judaicas que são idas e vindas, erros e acertos, pecados e redenções. Até que os judeus tivessem vindo para o mundo moderno. Essa

história toda é interrompida bruscamente pelo advento de Jesus Cristo, um advento traumático para o judaísmo, que não o aceita como o Messias. Então, entra como uma luva nisso o Novo Testamento, que é a história do sujeito que ensinou como é que se faz para preservar a alma.

Quer dizer, se todo o problema estabelecido nessa cosmologia é a escolha entre a preservação da alma e a submissão aos desejos exaltados, então o que Jesus Cristo faz é ensinar uma metodologia de preservação da alma. E é essencialmente essa a ideia central do cristianismo. Se havia uma visão pessimista no Velho Testamento, que até mesmo passou pela destruição de todo um povo, pelo dilúvio, o Novo Testamento é a garantia da fórmula de que será possível salvar a alma. É isso essencialmente o que se chama de cristianismo, uma metodologia de preservação da alma, ou seja, da preservação da pureza da alma.

Aquilo que o *Gênesis* está nos contando – então, resumindo a ópera o máximo possível – é que o ser humano está submetido à tensão de dois polos: um polo espiritual e um polo material. E que toda a vez que nós desrespeitamos isso pra baixo, nós nos desumanizamos. Uma pessoa normal, que ainda tenha algum resquício de forma divina, sentirá culpa por fazer isso, e a culpa representa então uma chamada ao arrependimento e à recuperação da potência de subida. Essa potência de subida não é garantida, porque depois de comido o fruto da árvore da ciência do bem e do mal, os desejos são absolutamente preponderantes. É por isso que Eva é a mãe de toda a humanidade, porque Eva representa simbolicamente o desejo exaltado. Mas Eva é um componente do ser humano, está no homem e na mulher. É o componente do desejo, que é a parte exaltada, digamos assim, pervertida do desejo legítimo da matéria – absolutamente legítimo!

No entanto, ele de alguma maneira pode se transformar no objetivo da vida e é isso que desumaniza o homem, o que o torna ontologicamente um animal. Porque o animal pode viver submetido ao império dos seus desejos, mas o ser humano não pode.

A história que vocês acabaram de interpretar comigo é exatamente igual à *Teogonia*, na sua essência é a mesma coisa. A *Teogonia* é a luta de Urano/Zeus contra Gaia/Titãs, incluído Cronos nos Titãs. Enquanto Cronos e Gaia representam a materialidade, Zeus e Urano representam a espiritualidade. Mas, de certa maneira, também acontece aí no caso de Urano e Zeus a mesma coisa que acontece aqui na Bíblia, porque Urano criou o mundo, mas Zeus apenas o julga. Zeus é uma espécie de deus julgador do mundo; ele não é mais criador do mundo porque o mundo tem sua dinâmica própria, sua própria agenda – funciona sozinho. E quem é que cuida do mundo, quem é que tem essa autoridade? Essa autoridade é uma autoridade humana, e dessa autoridade é que nascem todos os problemas, porque é preciso agora saber o que fazer, e o que fazer, no fundo, é a essência do dilema moral. Portanto, o ser humano é aquele sujeito que podia muito bem ser definido como sendo aquela criatura que não sabe o que fazer.

Mas se você não sabe o que fazer, então é bom pedir ajuda para alguém. Se você for capaz de ser criatura e humilde e perguntar o que é que Deus queria que você fizesse, então você cumpre o seu papel humano ontologicamente previsto.

Parece que esta é, dentro da nossa perspectiva de tempo, o que se pode dizer sobre o *Gênesis* como interpretação simbólica da história. Contanto que vocês aceitem escapar um pouquinho das histórias que ouviram

quando estudavam na escola dominical, quando iam para a igreja domingo. De fato, é preciso a gente olhar simbolicamente para a história senão ela parece profunda e irremediavelmente contraditória, e se for assim nós não vamos entender nada mesmo.

É bom lembrar que Adão não é o nome de um homem, mas o nome de uma espécie chamada espécie humana que tem um componente dentro de si, o componente que a põe a perder, que é o desejo exaltado. E é da gestão desse desejo exaltado que nasce a possibilidade de santidade ou perdição humana. Perdição para o ser humano equivale a perder a forma divina. É o que acontece com Gregor Samsa, apesar de que ele não fez nada para merecer aquele destino. Os outros o usam como bode expiatório, porque ele era o único que estava tentando pagar a dívida dos pais. Se vocês lembrarem bem de *A Metamorfose*, Gregor Samsa estava tentando pagar a dívida dos pais, que é a dívida de Adão e Eva, no sentido simbólico. Mas Gregor Samsa tem aquela forma desfigurada mesmo, que é o que acontece com o homem caído.

Este me parece ser o conjunto de comentários que eu gostaria de ter feito hoje na nossa reunião aqui sobre o primeiro livro do Pentateuco, o *Gênesis*. Então, pessoal: dúvidas, perguntas, considerações?

ALUNO: *O ser humano pode ser dividido em três partes: intelecto, corpo e alma, ou em corpo e alma, segundo o Gênesis... Onde se situaria a alma – mais para o intelecto ou mais para o corpo – do ponto de vista da filosofia perene?*

PROF. MONIR: Situa-se exatamente na nomenclatura que se decidiu usar, porque para o mundo oriental o homem é composto dessas três partes: um

corpo, um espírito e uma alma– que têm nomes diferentes destes que eu estou usando. Agora, os judeus não pensam assim; eles veem corpo e alma. Não é que eles estejam errados, simplificando exageradamente. Como é que faz Aristóteles? Aristóteles diz que a alma é dividida em três pedaços, e tem um pedaço da alma, um dos componentes da alma, chamado intelecto, que não pode ser humano. Tem de ser, de alguma maneira, divino. Depois, quando Aristóteles se transforma na maior influência teórica do cristianismo... não esqueçam nunca o seguinte, o cristianismo ocidental, esse aqui da escolástica, é uma coisa assombrosa, porque 100% da doutrina cristã ocidental está defendida filosoficamente pela escolástica. Então não há nenhum dogma, nenhuma afirmação, nada no cristianismo que não possa ser de alguma maneira explicável, até mesmo a própria existência de Deus, que não é algo de crença, é algo de demonstração. O cristianismo oriental ortodoxo não tem nenhuma explicação de nada, porque é 100% místico, é todo ele místico. Mas o cristianismo ocidental não é místico. Ele só é místico acidentalmente – nos mosteiros, etc. Mas numa média dos cristãos... Vocês são místicos? Não. Vocês são pessoas normais. Vocês têm visões na rua? Tem alguém aqui que para e vê Nossa Senhora no ponto de ônibus? Vocês não veem essas coisas porque o cristianismo ocidental não é místico, é um cristianismo intelectualizado.

Depois que Aristóteles influencia o cristianismo, quando você junta aquilo tudo há um consenso de que o ser humano é composto de **corpo** (que é humano e portanto dissolvível, solúvel); há um pedaço chamado **alma** (também solúvel) – aquilo que se chama *psiquê* – que também é humana de alguma maneira e se dissolve com o tempo (as que se dissolvem mais lentamente geram essas experiências espiritistas, etc.); e há por último uma coisa chamada **espírito ou intelecto –** essas palavras sempre foram sinônimas. Você encontra por aí intelecto e mente como sinônimos, mas

cuidado! Porque historicamente intelecto é igual a espírito e não a mente, pois tem uma natureza transcendente.

Os judeus também acham isso, só que eles não dão os mesmos nomes e nem estruturam a explicação desse jeito. Mas é preciso lembrar que aí há uma questão de nomenclatura. E não há nenhuma possibilidade de você ter uma coincidência total de todas as coisas. Porque mesmo os hindus explicam isso de outro jeito. O que há consensualmente é que um pedaço da existência humana não é humano, é transcendente. Eu sempre digo assim: é como se o cirurgião tivesse esquecido uma tesoura dentro do ventre do operado. Isso é o intelecto, o espírito. Quer dizer, é um pedaço de Deus que ficou dentro de nós e que permanece aí, mais ou menos nos ligando ao cirurgião pelo resto da existência. É mais ou menos essa comparação que eu acho que funciona bem aqui. No fundo, há essa tripartição, com toda a certeza.

ALUNO: (*Faz comentário sobre a crítica que se faz a Descartes, de que ele tira o espírito do homem e o transforma puramente em matéria, que é corpo e alma*.)

PROF. MONIR: Mas os judeus não acham isso. Tanto é que o homem, aquele primeiro homem que é inventado (lembram-se do primeiro homem?) – aquele que foi o primeiro, que não foi Adão nem Eva. O primeiro homem, quando é inventado, recebe um sopro de Deus. Esse sopro de Deus é o espírito. Não é humano, porque é de Deus. Tá certo? Deus tirou o barro, a lama do chão, e fez o homem. Quer dizer, o homem é natural. A matéria é matéria, mas o sopro de Deus é divino. Então, a existência do homem tem um componente extraordinário, espiritual, que é o sopro de Deus. O homem só passa a ter a mente quando? Quando é que nasce a mente no

homem? Quando ele come o fruto da árvore da ciência do bem e do mal. Aquela capacidade de alma, no sentido *psiquê,* grego, ou seja, a capacidade de ter inteligência humana, a capacidade de gerenciamento de ideias, é o que acontece com você quando você come o fruto da árvore. Mas o espírito é anterior à ingestão do fruto.

ALUNO: *Matou a charada. Era essa a dúvida. Obrigado!*

PROF. MONIR: Vocês percebem que dentro da explicação judaica, embora desestruturadamente, também estão esses três componentes. Que tal?

ALUNA: *Eu fico pensando, o que é que Deus queria mesmo criar? Qual é o melhor homem? É aquele homem inocente que só tinha alma, ou esse homem crítico?*

PROF. MONIR: Mas não são só essas duas opções, não é? O problema é que ser feito à semelhança de Deus é, portanto, ter a consciência dessa dualidade e ter uma enorme responsabilidade. Quando eu disse para vocês que o diabo era uma espécie de aspecto negativo de resistência de Deus ao homem, então, no fundo é isso que é. O que é o diabo, na linguagem judaica? É o opositor. Satanás significa "opositor". O que o diabo tenta fazer? Impedir que o homem se divinize. Porque Deus falou assim: "Ah, Eu vou inventar o homem". Mas aí alguma coisa dentro Dele falou assim: "Pô, mas eu não gosto dessa ideia, porque o homem vai incomodar." Então, a explicação para a rebelião de Lúcifer é o quê? É a inveja que Lúcifer tem do fato de que nós saberemos tanto quanto alguns anjos. Ao ser humano foi prometido que ele saberia tanto quanto sabem os anjos. Não tanto quanto sabe Deus! Alguns aspectos. Então Lúcifer se rebela quanto a isso por inveja

do ser humano. E passa, a partir daí, a fazer um esforço de impedir que nós atinjamos essa meta. Então ele é opositor. O que é o diabo? – é aquele que separa, que impede a visão simbólica das coisas. Ele é um inimigo do ser humano, tentando impedir que nós executemos esse projeto existencial que é de nos tornarmos divinizados – o projeto original de Deus para o homem. Deus queria nos dar esta possibilidade de ser assim mas, ao mesmo tempo, Ele nos dá o poder de decisão, de tomar as decisões certas. O problema humano passa a ser um problema ético, moral. Quer dizer, ou você casa com o céu ou casa com a terra – você não pode ficar só com um dos dois; você tem os dois componentes. Então, é preciso casar com os componentes terrestres legítimos e descasar daqueles que são exacerbados e exasperados. E é preciso casar com os componentes espirituais legítimos. Porque há componentes espirituais ilegítimos o tempo todo, que são os componentes demoníacos e diabólicos. O problema todo é esse. A nossa vida é uma coisa extraordinária! Não podia ser melhor desenhada do que isso! (Claro, Deus não é incompetente, não é?) *(Risos.)* Mas esse mundo que Ele viu que é o melhor de todos, é esse mundo que nos dá a possibilidade do mérito. E a possibilidade do mérito é aquilo que nos diviniza. É quando a gente é capaz de escolher a alma – alma agora no sentido espiritual – no lugar de escolher a matéria. É quando nós somos capazes de reconhecer a nossa verdadeira condição no mundo, reconhecermo-nos dentro da nossa totalidade, do nosso desenho ontológico, que é esse desenho que Deus fez.

Esse é o problema com que a *Teogonia* e o *Gênesis* lidam. Cada um conta do seu jeito. A *Teogonia* conta do jeito grego, o *Gênesis* conta do jeito judaico. E os índios contarão lá de um jeito indígena, de um modo diferente... Mas todo mundo conta para você a mesma história, porque no fundo esse é o resumo da vida humana. E você verá essa mesma estrutura – essa estrutura

tensional fundamental humana – aparecer em todas as grandes obras de literatura. Não há nenhuma obra de literatura que não tenha dentro de si um componente tensional, que é esse, porque senão ela não serve para nada! Para que serve um negócio que não diz coisa com coisa? É literatura moderna. É aquela [frase] do Chesterton, que alguém citou hoje, e diz assim: "O que caracteriza os contos de fada e a razão pela qual eles são eternos, é que o conto de fada sempre lida com uma pessoa normal que está vivendo num mundo de loucos e monstros." E a literatura moderna é a literatura caracterizada por um sujeito que é louco e um monstro que vive num mundo normal. Entenderam a diferença entre essas duas coisas? Pois o que essas histórias, digamos, cosmogônicas estão querendo contar para você, é como é o ser humano normal. Só isso! O que o "Gênesis" está contando para você é como é o ser humano normal. E o mundo é feito de loucos e monstros. Muito bem, então sejamos normais dentro desse mundo de loucos e monstros!

Se vocês jogam fora essa referência, a nossa mente, que só sabe inventar mentiras, só consegue produzir monstruosidades que tendemos a achar que são normais. Pois o homem decaído é um homem profundamente anormal. É um homem que tem pele de animal, que se caracteriza por uma animalidade que não está no desenho original. O desenho original não tinha esse componente. Tinha apenas limitadamente, com o espírito presidindo a matéria, que é aquela ideia do marido que preside a mulher (Isso é, simbolicamente, não é?). Mas isso é o homem normal. O problema todo do mundo moderno é que nós precisamos recuperar, de qualquer maneira, o sentido da normalidade da condição humana, que desapareceu completamente. Nós não temos mais ideia do que seja isso. Você só vai

descobrir isso fazendo o quê? Fazendo estas escavações geológicas aqui nessas obras, que têm – se foi o Moisés que escreveu isso – 3.400 anos. Mas se você for pela linhagem que acha que isso foi escrito ao longo de anos, então, esses livros do Velho Testamento têm pelo menos 2.400 anos. Nesses livros velhos é que estão as explicações do modo como as coisas de fato são.

É por isso que não dá para a gente pensar em nenhum processo de cultura que não seja pela recuperação, digamos, genética, das bases humanas, senão a gente não consegue entender nada. E aí, então, os aneizinhos do Sauron [de *O Senhor dos Anéis*] passam a ser a preciosidade do mundo. Você inventa uma teoriazinha maluquinha e acha que o mundo todo vai acabar nessa teoriazinha. Mas o problema é que essas teoriazinhas aí são todas elas profundamente antagonistas da estrutura da realidade e da condição humana. Nada disso vai dar certo! Esse é o problema central de cultura. Cultura é isso: é recuperar o sentido da normalidade. É esse o nosso objetivo aqui: produzir a recuperação da normalidade. Não é saber coisas exóticas, interessantes e divertidas. Isso é fruto secundário. O que interessa fundamentalmente é recuperar o sentido da normalidade humana. Normalidade essa que foi perdida completamente. Vivemos hoje num mundo de malucos mesmo. De maluco fingindo que o mundo é igual a ele. Era esse o sentido da nossa conversa sobre o *Gênesis*.

3 Viveu porém Adão cento e trinta anos, gerou à sua imagem, e semelhança um filho, a quem por nome chamou Set. 4 E depois que gerou a Set viveu Adão ainda oitocentos anos, e gerou filhos e filhas. 5 E todo o tempo que Adão viveu foram novecentos e trinta anos, e morreu.

6 Set em idade de cento e cinco anos gerou a Enos. 7 E depois que gerou a Enos viveu ainda oitocentos e sete anos, e teve filhos e filhas. 8 E todo o tempo da vida de Set foram novecentos e doze anos, e morreu.

9 Enos tendo vivido noventa anos, gerou a Cainan. 10 E depois do nascimento de Cainan viveu ainda oiticentos e quinze anos, e gerou filhos e filhas. 11 E todo o tempo da vida de Enos foram novecentos e cinco anos, e morreu.
12 E Cainan em idade de setenta anos gerou a Malaleel. 13 E depois do nascimento de Malaleel viveu ainda oitocentos e quarenta anos, e gerou filhos, e filhas. 14 E todos os dias da vida de Cainam foram novecentos e dez anos, e morreu.

15 Malaleel, tendo vivido sessenta e cinco anos, gerou a Jared. 16 E depois do nascimento de Jared viveu ainda oitocentos e trinta anos, e gerou filhos, e filhas. 17 E todo o tempo da vida de Malaleel foram oitocentos e noventa e cinco anos, e morreu.

18 Jared em idade de cento e sessenta e dois anos gerou a Enoc. 19 E depois do nascimento de Enoc viveu ainda oitocentos anos, e gerou filhos, e filhas. 20 E todos os dias da vida de Jared forma novecentos e sessenta e dois anos, e morreu.

21 Enoc em idade de sessenta e cinco anos gerou a Matusalém. 22 E Enoc andou com Deus, e viveu trezentos anos depois do nascimento de Matusalém, e gerou filhos, e filhas. 23 E todo o tempo da vida de Enoc foram trezentos e sessenta e cinco anos. 24 E ele andou com Deus, e não apareceu mais porque o Senhor o levou.

25 Matusalém em idade de cento e oitenta e sete anos gerou a Lamec. 26 E depois do nascimento de Lamec viveu ainda setecentos e oitenta e dois anos, e gerou filhos e filhas. 27 E todo o tempo que viveu Matusalém, foram novecentos e sessenta e nove anos, e morreu.
28 Lamec em idade de cento e oitenta e dois anos gerou um filho. 29 E ele lhe pôs o nome de Noé, dizendo: Este nos consolará em nossos trabalhos, e nas obras das nossas mãos sobre a terra, que o Senhor amaldiçoou. 30 E depois do nascimento de Noé viveu ainda quinhentos e noventa e cinco anos, e gerou filhos e filhas. 31 E todo o tempo da vida de Lamec foram setecentos e setenta e sete anos, e morreu.

Noé porém tendo de idade quinhentos anos gerou a Sem, Cam, e Jafé.

Heróis antediluvianos

6 Como os homens tivessem começado a multiplicar-se, e tivessem gerado suas filhas; 2 vendo os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, tomaram por mulheres as que de entre elas escolheram. 3 E Deus disse: O meu espírito não permanecerá para sempre no homem, porque é carne; e o tempo da sua vida não será senão cento e vinte anos.

4 Ora naquele tempo havia gigantes sobre a terra. Porque como os filhos de Deus tivessem tido comércio com as filhas dos homens, pariram estas aqueles possantes homens, que tão famosos são na antiguidade.

História do Dilúvio

5 Vendo pois Deus que a malícia dos homens era grande sobre a terra, e que todos os pensamentos dos seus corações, em todo o tempo eram aplicados ao mal: 6 arrependeu-se de ter criado o homem no mundo; e tocado interiormente de dor, disse: 7 Eu destruirei de cima da face da terra o homem, que criei. Estenderei a minha vingança desde o homem até aos animais, desde os répteis até às aves do céu: porque me pesa de os ter criado. 8 Porém Noé achou graça diante do Senhor.

9 Eis aqui os filhos que Noé gerou. Noé foi um homem justo, e perfeito, no meio dos homens que então viviam: ele andou com Deus. 10 E gerou três filhos, Sem, Cam e Jafé.

11 Ora toda a terra estava corrompida, e cheia de iniqüidade diante do Senhor. 12 Vendo pois Deus que toda a terra estava corrompida, (porque toda a carne tinha corrompido o seu caminho sobre a terra) 13 disse a Noé: Eu tenho resolvido dar cabo de toda carne. A terra está cheia das iniquidades, que os homens têm nela cometido, e eu os farei perecer com a terra.

14 Faze para ti uma arca de madeira alisada. Farás nela uns pequenos repartimentos, e betumá-la-ás por dentro e por fora.

15 E eis aqui como a hás de fazer. Ela terá trezentos côvados de comprido, cinqüenta de largo e trinta de alto. 16 Farás na arca uma janela: e o teto que a há de cobrir, será de um côvado. Porás também nela uma porta a um lado, e disporás um andar em baixo, um no meio, e outro terceiro andar. 17 Sabe que tenho determinado mandar sobre a terra um dilúvio de águas e fazer perecer nele todos os animais viventes, que houver debaixo do céu; e tudo o que houver sobre a terra será consumido. 18 Eu farei um concerto contigo, e tu entrarás na

arca, tu, e teus filhos e tua mulher e as mulheres de teus filhos contigo. 19 Farás também entrar na arca dois animais de cada espécie, machos e fêmeas para que vivam contigo. 20 Entrarão contigo de cada espécie de ave dois; de cada espécie de animais terrestres dois; de tudo o que se arrasta sobre a terra dois para que possam viver. 21 Tomarás pois também contigo de todas as coisas, que se podem comer, e as meterás na arca, para te servirem de sustento a ti, e aos animais. 22 Fez pois Noé o que Deus lhe tinha ordenado.

7 Disse o Senhor a Noé: entra na arca tu, e toda a tua família: porque eu conheci que eras justo diante de mim, entre todos os que hoje vivem sobre a terra. 2 Toma de todos os animais limpos sete machos e sete fêmeas; e dos animais imundos dois machos e duas fêmeas. 3 Toma também das aves do céu sete machos e sete fêmeas, para se conservar a casta sobre a terra. 4 Porque daqui a sete dias hei de chover sobre a terra quarenta dias e quarenta noites; e hei de destruir da superfície da terra todas as criaturas, que fiz.

Entra Noé na arca

5 Fez Noé tudo o que o Senhor lhe tinha ordenado. 6 Tinha ele seiscentos anos de idade, quando as águas do dilúvio inundaram a terra. 7 Entrou Noé na arca com seus filhos, sua mulher, e as mulheres de seus filhos, para se salvarem das águas do dilúvio. 8 Os animais limpos, e os imundos, e as aves com tudo o que tem movimento sobre a terra, 9 entraram também na arca com Noé dois e dois, macho e fêmea, conforme o Senhor tinha mandado a Noé. 10 Passados pois que foram os sete dias, se derramaram sobre a terra as águas do dilúvio.

11 No ano seiscentos da vida de Noé, no dia dezessete do sétimo mês do mesmo ano se romperam todas as origens do grande abismo, e se abriram as cataratas do céu. 12 E caiu a chuva sobre a terra quarenta dias e quarenta noites. 13 Tanto que amanheceu aquele dia, entrou Noé na arca com seus filhos Sem, Cam e Jafé, sua mulher e as mulheres de seus filhos; 14 todos os animais silvestres, segundo a sua espécie; e todos os animais domésticos, segundo a sua espécie; tudo o que se move sobre a terra, segundo a sua espécie; tudo o que voa, segundo a sua espécie; todas as aves e tudo o que se eleva no ar. 15 Todas estas espécies de animais entraram com Noé na arca, dois e dois, macho e fêmea, de toda a carne vivente e animada. 16 Os que entraram pois eram machos e fêmeas, e de todas as espécies, conforme Deus o tinha mandado a Noé; e o Senhor o fechou por fora.

17 Durou o dilúvio quarenta dias, e quarenta noites; as águas cresceram até elevarem a arca muito alto por cima da terra. 18 As águas inundaram tudo, e cobriram toda a superfície da terra: a arca porém era levada sobre as águas. 19 As águas cresceram, e engrossaram prodigiosamente por cima da terra; e todos os mais elevados montes, que há debaixo do céu, ficaram cobertos.

20 Tendo a água chegado ao cume dos montes, elevou-se ainda por cima deles quinze côvados. 21 Toda a carne que se move sobre a terra foi consumida: todas as aves, todos os animais, todas as bestas, e tudo o que anda de rastos sobre a terra. 22 Todos os homens morreram; e geralmente tudo o que tem vida e respira debaixo do céu. 23 Todas as criaturas, que havia sobre a terra, desde o homem até às bestas; tanto as que andam de rastos, como as que voam pelo ar, tudo pereceu. Ficaram somente Noé, e os que estavam com ele na arca. 24 E as águas tiveram a terra coberta cento e cinquenta dias.

8 Tendo-se o Senhor lembrado de Noé e de todos os animais silvestres e de todos os animais domésticos que estavam com ele na arca, mandou um vento sobre a terra, que fez diminuir as águas. 2 E as origens do abismo se fecharam, como também as cataratas do céu, e as chuvas que caíam do céu se suspenderam. 3 E as águas levadas de uma parte a outra se retiraram de cima da terra e começaram a diminuir depois de cento e cinqüenta dias. 4 E no dia vinte e sete do sétimo mês, parou a arca sobre os montes de Armênia. 5 Entretanto as águas iam sempre em diminuição até ao décimo mês; e no primeiro dia do décimo mês apareceram os cumes dos montes.

6 Tendo-se passado quarenta dias, abriu Noé a janela que tinha feito na arca, e deixou sair o corvo, 7 o qual saiu, e não tornou, até que as águas, que estavam sobre a terra, se secaram. 8 Despediu também a pomba depois do corvo, para ver se as águas se tinham já retirado de cima da superfície da terra. 9 E a pomba, como não achasse onde pôr o pé, tornou a voltar para a arca, porque as águas ainda estavam derramadas sobre toda a terra: e Noé, estendendo a mão, tomou a pomba, e a tornou a meter na arca.

10 E depois de ter esperado ainda outros sete dias, segunda vez largou a pomba da arca. 11 Voltou ela para Noé sobre a tarde, trazendo no bico, um ramo verde de oliveira. Assim conheceu Noé, que as águas se tinham retirado de cima da terra. 12 Ainda contudo esperou Noé outros sete dias, e deixou ir a pomba, que não tornou mais a ele.

Sai Noé da arca e oferece um sacrifício

13 No ano seiscentos e um da vida de Noé, no primeiro dia do primeiro mês, tendo-se as águas retirado totalmente de cima da terra, abriu Noé o teto da arca; e olhando dali, conheceu que toda a superfície da terra estava seca. 14 Ao dia vinte e sete do segundo mês, toda a terra estava seca. 15 Então falou o Senhor a Noé, e lhe disse: 16 Sai da arca tu, e teus filhos, tua mulher, e as mulheres de teus filhos. 17 Faze sair também todos os animais, que nela estão contigo, de toda a carne, tanto de aves como de bestas, como de répteis, que andam de rastos sobre a terra: Entrai na terra, crescei e multiplicai-vos nela. 18 Saiu pois Noé com seus filhos, sua mulher e as mulheres de seus filhos. 19 Saíram também da arca todas as bestas silvestres, os animais domésticos e os répteis que andam de rastos sobre a terra, cada um na sua espécie.

20 Ora, Noé edificou um altar ao Senhor; e tomando de todas as reses e de todas as aves, ofereceu-lhas em holocausto sobre o altar. 21 O que foi assim agradável ao Senhor, como um suave cheiro; e ele disse: Não amaldiçoarei mais a terra por causa dos homens: porque o espírito e o pensamento do coração do homem são inclinados para o mal desde a sua mocidade. Não tornarei pois a ferir de morte todo vivente como fiz. 22 Ver-se-ão sempre as sementes, e as searas; o frio e o calor; o verão e o inverno; o dia e a noite sucedendo um ao outro todo o tempo que a terra durar.

Deus abençoa a Noé

9 E Deus abençoou a Noé e seus filhos, e disse-lhes: Crescei e multiplicai-vos e enchei a terra. 2 Temam e tremam em vossa presença todos os animais da terra, todas as aves do céu, e tudo o que tem vida e movimento na terra. Em

vossas mãos pus todos os peixes do mar. 3 Sustentai-vos de tudo o que tem vida, e movimento: eu vos deixei todas estas coisas quase como os legumes e ervas. 4 Excetuo-vos somente a carne misturada com sangue, da qual eu vos defendo que não comais. 5 Porque eu tomarei vingança de todos os animais, que tiverem derramado o vosso sangue; e vingarei a vida do homem da mão do homem, que lha tiver tirado, ou ele seja seu irmão, ou seja qualquer estranho. 6 Todo o que derrama o sangue humano será castigado com a efusão do seu próprio sangue. Porque o homem foi feito à imagem de Deus. 7 Vós porém crescei e multiplicai-vos sobre a terra, e enchei-a.

Concerto de Deus com Noé

8 Disse também Deus a Noé e a seus filhos com ele: 9 Eis vou eu a fazer um concerto convosco, e com a vossa posteridade depois de vós. 10 e com todos os animais, que estão convosco; tanto aves, como animais domésticos, e bestas feras do campo; com todos os que saíram da arca e com todas as bestas da terra. 11 Vou a fazer um concerto convosco, e não tornarei mais a fazer morrer pelas águas do dilúvio todos os animais; nem daqui em diante haverá mais dilúvio que assole a terra. 12 E disse Deus: Eis aqui o sinal do concerto, que eu vou fazer convosco, e com toda a alma vivente que está convosco, em todo o decurso das gerações futuras para sempre. 13 Eu porei o meu arco nas nuvens, e ele será o sinal do concerto, que persiste entre mim e a terra. 14 E quando eu tiver coberto o céu de nuvens, aparecerá o meu arco nas nuvens. 15 E eu me lembrarei do concerto, que fiz convosco, e com toda a alma, que vive e que anima a sua carne. E não tornará mais a haver dilúvio, que faça perecer nas águas toda a carne. 16 E o meu arco estará nas nuvens: e eu vendo-o, me lembrarei do concerto, que há entre Deus e todos os animais, que animam toda a carne que há sobre a terra.

17 Disse também Deus a Noé: Eis aqui o sinal do concerto que eu fiz com todos os animais, que há sobre a terra.

Filhos de Noé

18 Os três filhos de Noé, que tinham saído da arca com ele, eram estes: Sem, Cam, e Jafé. Cam porém é o pai de Canaã. 19 Destes três filhos de Noé saiu todo o gênero humano, que há sobre toda a terra. 20 E como Noé era um lavrador, começou a cultivar a terra, e plantou uma vinha. 21 E tendo bebido do vinho, embebedou-se e apareceu nu na sua tenda. 22 Cam pai de Canaã, achando-o neste estado, e vendo que seu pai tinha à mostra as suas vergonhas, saiu fora, e veio dizê-lo a seus irmãos. 23 Mas Sem, e Jafé, tendo posto uma capa sobre seus ombros, e andando para trás, cobriram com ela as vergonhas de seu pai. Eles não lhe viram as vergonhas, porque tinham seus rostos virados para outra parte. 24 Noé tendo acordado do sono, que lhe causara o vinho, como soubesse o que lhe tinha feito seu filho menor, disse: 25 Maldito seja Canaã: ele seja escravo dos escravos, a respeito de seus irmãos. 26 E acrescentou: o Senhor Deus de Sem seja bendito, e Canaã seja escravo de Sem. 27 Dilate Deus a Jafé, habite Jafé nas tendas de Sem; e Canaã seja seu escravo.

28 Ora Noé viveu ainda depois do dilúvio trezentos e cinquenta anos 29 E tendo vivido ao todo novecentos e cinquenta anos, morreu.

Origens e dispersão dos povos

10 Eis aqui as gerações dos filhos de Noé, que eram Sem, Cam e Jafé, e eis aqui os filhos que lhes nasceram depois do dilúvio.

2 Os filhos de Jafé foram Gomer, Magog, Madai, Javan, Tubal, Mosoc e Tiras. 3 Os filhos de Gomer foram Ascenez, Rifat e Togorma. 4 Os filhos de Javan foram Elisa, Tarsis, Cetim e Dodanim. 5 Estes repartiram entre si as ilhas das nações, estabelecendo-se em diversos países, onde cada um teve a sua língua, as suas famílias, e o seu povo particular.

6 Os filhos de Cam foram Cus, Misraim, Fut e Canaã. 7 Os filhos de Cus foram Saba, Evila, Sabata, Regma, e Sabataca. Os filhos de Regma foram Saba e Dadan. 8 Ora, Cus foi pai de Nemrod, o qual Nemrod começou a ser poderosos na terra. 9 Ele foi um robusto caçador diante de Deus. Daí veio este provérbio: robusto caçador diante do Senhor, como Nemrod.

10 A cidade capital do seu reino foi Babilônia, além das de Arac, Acad e Calana na terra de Senaar. 11 Daquela terra passou ele à Assíria, onde edificou Nínive, e o lugar chamado Ruas da Cidade, e o outro chamado Cale. 12 Fundou também Resen, entre Nínive e Cale. Esta é uma grande cidade.

13 Quanto a Misraim, ele teve por filhos a Ludin, a Anamin, a Laabim e a Neftnim, 14 a Fetrusim, e a Casluim, donde saíram os filisteus e os casturinos. 15 Canaã gerou a Sidon, que foi seu filho primogênito; 16 ao Heteu, ao Jebuseu, ao Amorreu, ao Gergeseu, 17 ao Heveu, ao Arceu, ao Simeu, 18 ao Aradeu, ao Samareu, e ao Amato: destes é que vieram os povos cananeus, que depois se

difundiram por diversos lugares. 19 Os limites porém de Canaã eram desde o caminho, que vem de Sidônia para Gerara, até Gaza, e até entrar em Sodoma, em Gomorra, em Adama e em Seboim até Leza. 20 Estes são os filhos de Cam, segundo as suas alianças, as suas línguas, as suas famílias, os seus países e as suas nações.

21 Sem, que foi pai de todos os filhos de Heber, e irmão mais velho de Jafé, teve também diversos filhos. 22 E estes filhos de Sem foram Elão, Assur, Arfaxad, Lud e Arão. 23 Os filhos de Arão foram Us, Hul, Heter e Més. 24 Arfaxad porém gerou a Sala, que foi pai de Heber. 25 Heber teve dois filhos, um por nome Faleg, porque em seu tempo sucedeu a divisão da terra, e seu irmão por nome Jectan. 26 Jectan teve por filhos a Elmodad, a Salef, a Asarmot, a Jaré, 27 a Adorão, a Usal, a Decla, 28 a Ebal, a Abimael, a Saba, 29 a Ofir, a Hevilá, a Jobab. Eis aqui todos os filhos de Jectan. 30 O país onde eles habitaram, estendia-se desde Messa até Sefar, monte do Oriente. 31 Eis aqui, quais foram os filhos de Sem, segundo as suas famílias, as suas línguas, as suas regiões, e os seus povos.

32 E estes são os descendentes de Noé, segundo os diversos povos, que deles saíram. Destas famílias é que procedem todas as nações da terra depois do dilúvio.

Torre de Babel

11 Ora, na terra não havia senão uma mesma língua e um mesmo modo de falar. 2 E os homens tendo partido do Oriente, acharam um campo na terra de Senaar, e habitaram nele. 3 E disseram uns para os outros: Vinde, façamos ladrilhos e cozamo-los no fogo. Serviram-se pois de ladrilhos por

pedras, e de bertume por cal traçada. 4 E disseram entre si: Vinde, façamos para nós uma cidade, e uma torre, cujo cume chegue até o céu; e façamos célebre o nosso nome, antes que os espalhemos por toda a terra. 5 O Senhor porém desceu, para ver a cidade, e a torre, que os filhos de Adão edificavam, e disse: 6 Eis aqui um povo, que não tem senão uma mesma linguagem; e uma vez que eles começaram esta obra, não hão de desistir do seu intento, a menos que o não tenham de todo executado. 7 Vinde pois, desçamos, e ponhamos nas suas línguas tal confusão, que eles se não entendam uns aos outros. 8 Desta maneira é que o Senhor os espalhou daquele lugar para todos os países da terra, e que eles cessaram de edificar esta cidade. 9 E por esta razão é que lhe foi posto o nome de Babel, porque nela é que sucedeu a confusão de todas as línguas do mundo. E dali os espalhou o Senhor por todas as regiões.

Genealogia de Sem

10 Eis aqui a genealogia dos filhos de Sem. Sem tinha cem anos, quando gerou a Arfaxad, dois anos depois do dilúvio. 11 E depois do nascimento de Arfaxad, viveu ainda Sem quinhentos anos, e gerou filhos e filhas. 12 Arfaxad tendo trinta e cinco anos gerou a Sala. 13 E depois que gerou a Sala viveu ainda Arfaxad trezentos e três anos, e gerou filhos e filhas. 14 Sala tendo trinta anos gerou a Heber. 15 E depois que gerou a Heber viveu ainda quatrocentos e três anos, e gerou filhos e filhas. 16 Heber tendo trinta e quatro anos gerou a Feleg. 17 E depois do nascimento de Feleg viveu ainda quatrocentos e trinta anos, e gerou filhos e filhas. 18 Feleg tendo trinta anos gerou a Reu. 19 E depois do nascimento de Reu viveu ainda duzentos e nove anos, e gerou filhos e filhas. 20 Reu tendo trinta e dois anos gerou a Sarug. 21 E depois do nascimento de Sarug viveu ainda duzentos e sete anos, e gerou filhos e filhas. 22 Sarug tendo trinta anos gerou a

Nacor. 23 E depois do nascimento de Nacor viveu ainda duzentos anos, e gerou filhos e filhas. 24 Nacor tendo vinte e nove anos gerou a Tara. 25 E depois do nascimento de Tara viveu ainda cento e dezenove anos, e gerou filhos e filhas. 26 Tara tendo setenta anos gerou a Abrão, a Nacor, e a Arão.

O Livro de Jó

Palestra do professor José Monir Nasser em 4 de agosto de 2007 em Curitiba. Excertos selecionados pelo prof. Monir da Bíblia Sagrada, Editora Barsa, 1975, tradução do padre Antônio Pereira de Figueiredo

O Livro de Jó

PROF. MONIR: Queria começar dizendo que, como sempre insisto logo no início de todos os nossos encontros – sei que pareço chato, mas queria deixar claro isso – esse não é um curso de literatura. É um curso de cultura. E por ser um curso de cultura, não está muito preocupado em trabalhar apenas com obras literárias no sentido comum da palavra. Já disse a vocês algumas vezes, agora vou insistir, que isso que chamamos de conhecimento está presente na humanidade em mais de uma fonte. As fontes, genericamente falando, onde você obtém conhecimento são as seguintes:

A primeira fonte de conhecimento é aquilo que se chama de **tradição**. Tradição é um nome genérico que a gente quase nunca ouve, e que engloba aquilo que está nas grandes religiões – como por exemplo *O Livro de Jó* – com aquilo que está nos ditos tradicionalistas, por exemplo, no Mário Ferreira dos Santos. Mário Ferreira dos Santos está nos falando de conhecimento pitagórico, até pré-pitagórico, porque Pitágoras, na verdade – se é que existiu essa pessoa – apenas atualizou um conjunto de coisas muito mais velhas do que ele. Então, quando digo tradicionalismo,

estou falando de René Guénon, de Frithjof Schuon, de Mário Ferreira dos Santos, de Pitágoras; enfim, dessas fontes que refletem coisas muito antigas e que estão nas grandes religiões. E quando estou falando de grande religião, estou falando apenas daqueles grandes movimentos religiosos que têm algumas características que podem ser chamadas de religião. Não estou falando de coisas que são duvidosas ou meras seitas. Estou falando daquelas manifestações densas e completas do fenômeno religioso, como o cristianismo, o hinduísmo, o budismo, o judaísmo, o islamismo. A primeira fonte de conhecimento humano, portanto, vem do conhecimento tradicional, que na prática está ou nas religiões ou nos tradicionalistas, como é o caso do Mário Ferreira dos Santos.

A segunda fonte de conhecimento humano vem da filosofia. E aí você escolhe se chama a ciência de um capítulo da filosofia, o que é perfeitamente legítimo, ou se você inventa uma terceira categoria chamada ciência. Rigorosamente falando, a ciência é apenas um pedaço da filosofia que, por ter uma delimitação muito estreita de objeto e de metodologia, acaba funcionando com uma cara própria. Mas vamos chamar aqui, nesse momento – também não é esse o assunto do dia, não é? – vamos dizer que a segunda fonte de conhecimento humano está no conhecimento filosófico de que a ciência é um capítulo.

É muito diferente o conhecimento filosófico do conhecimento tradicionalista, embora possa se chegar à mesma conclusão pelos dois caminhos. Quando Boécio diz para você que para Deus todos os momentos são simultâneos, ele faz essa conclusão a partir de um raciocínio filosófico. Quando você pergunta a mesma coisa para um físico, ele dirá que Deus tem velocidade

infinita, que vem dar exatamente na mesma. Como o conhecimento na verdade é um só, há apenas uma diferença nos caminhos pelos quais você faz.

O Fernando, que está ali, que fez o Caminho de Santiago. Fernando, não me deixe errar desta vez, quantas vezes, Fernando?

FERNANDO: *Três vezes.*

PROF. MONIR: Três vezes. Ele fez o caminho de Santiago por três caminhos diferentes. Compreenderam? Ele chegou a Santiago igual, só que escolheu três vias diferentes. Então, a mesma coisa é o que eu estou falando aqui. O conhecimento humano vem: número 1, da tradição; número 2, da filosofia, incluindo sob este nome também a ciência; e a terceira fonte é a literatura. Posso chegar à mesma conclusão sobre a natureza de Deus por um bom romance, escrito por alguém que foi capaz de entender isso. Então, é claro que cada coisa dessas tem a sua agenda própria. No entanto, não há outros meios de se obter conhecimento nesse mundo a não ser por estas três vias. Como aqui estamos preocupados com a cultura, portanto com o conhecimento, para nós é um pouco indiferente o meio pelo qual a coisa vem. É por isso que misturamos aqui ensaios filosóficos com obras literárias puramente falando e, hoje, com um exemplo de uma obra da tradição, que é a obra chamada *O Livro de Jó*, que está no Velho Testamento.

Imagino que a maioria de vocês sejam cristãos, então, é muito provável que vocês já tenham entrado em contato com esta obra. Mas o nosso método aqui vocês já sabem como funciona; a gente nunca supõe que vocês conheçam o assunto, por razões apenas de prudência. Então vamos fazer

a leitura de um resumo da obra. Nesse caso fazer o resumo foi muito difícil, porque fiquei naturalmente constrangido de editar Deus. É uma coisa difícil fazer isso... Editar Dostoievski eu faço com a maior cara de pau do mundo; agora, editar Deus, é um pouco difícil você entrar no mérito, se você deve resumir... Então, o que eu acabei fazendo foi quase uma transcrição de tudo. A obra é dividida como se fosse uma obra dramática, é escrita em prosa no prólogo, em prosa no epílogo e no meio tem uma parte poética, que é um grande debate entre Jó e quatro pessoas que se apresentam para tentar explicar por que ele era tão mau, qual é a razão de ele estar assim.

Mas, mesmo assim, vocês receberam o resumo. Íamos fazer também uma cronologia de Deus, [mas] achei que não era bom fazer isso. Era melhor não entrar nessa, sabe, porque isso ia acabar não dando certo. No entanto, sobre a obra em si, há algumas coisas interessantíssimas.

Ninguém sabe quem escreveu *O Livro de Jó*. As maiores apostas são que tenha sido Moisés, embora isso não se saiba. Esses livros muito antigos são como as pinturas de antigamente: ninguém assinava. Também não se sabe muito bem quando foi feito. A teoria mais crível é de que foi feito depois do exílio da Babilônia. Até porque é uma obra muito própria para quem passou muitos anos em desgraça, como os judeus exilados na Babilônia. E isso significa que a obra teria sido escrita nos anos 400 a.C., quatrocentos e alguma coisa. Está mais para 400 a.C. do que para 500 a.C., embora o exílio na Babilônia tenha sido nos anos 500 a.C. Mas ninguém sabe isso de verdade. Pode-se pressupor que essa obra tem em torno de 2.400 anos, que, para assuntos do Velho Testamento, até que não é tão velho assim. Esse é, na verdade, um dos livros mais novos do Velho Testamento.

A obra é estruturada em 42 capítulos. Uma coisa interessante sobre essa obra é que ela está muito próxima, cronologicamente, do teatro trágico grego. São mais ou menos contemporâneos.

No teatro grego existe o "coro": um grupo de pessoas – até hoje se faz assim - que fala no fundo da cena, e que representa a voz do povo. A função do coro é representar a opinião pública, a opinião da população. Pois aqui em *O Livro de Jó* os tais dos três amigos de Jó de alguma maneira também representam isso, uma espécie de coro grego – para mostrar que há aí mais uma coincidência interessantíssima entre o modo como foi escrito literariamente *O Livro de Jó* e o teatro grego. É claro que as coincidências param aí; são obras muito diferentes, com objetivos diferentes. Mas, enfim, é mais ou menos assim que está estruturado o nosso *O Livro de Jó*.

Então, apenas como uma última informação, antes de começar a ler a nossa história: vocês sabem que a tragédia grega é estruturada como se tudo acontecesse ao contrário da comédia. O que é comédia? Comédia é uma situação típica em que alguma coisa está bem, aí há uma desgraça e depois a coisa melhora, é como se fosse um "U": Reparem que a estrutura da comédia é um "U". A estrutura da Bíblia e do cristianismo também é assim: estávamos bem no Paraíso Perdido, depois há a Queda e, no final, quando vier o Juízo Final, nós vamos melhorar. Então a estrutura da Bíblia também é feita em "U". A estrutura em "U" é exatamente contrária à estrutura da tragédia. Na tragédia é assim: você de alguma maneira está mal, aí você melhora, e depois você piora. Na tragédia grega, todo o mundo se dá mal no final. O cristianismo é o contrário da tragédia grega, porque o cristianismo é aquela situação em que, apesar de tudo, nós salvamos nossa alma. Não esquecer que é exatamente o que acontece com Jó. Jó era um sujeito muito

rico, tinha muitas posses – nós veremos aqui em seguida – e acontece com ele um desastre total. No final desta história toda, de todas essas tribulações, Jó sai redimido, no final sai vencedor. Ou seja, a estrutura de *O Livro de Jó* é mais ou menos a estrutura da própria Bíblia, corresponde à estrutura da própria Bíblia.

Feitos esses comentários iniciais, queria convidá-los então para lermos o resumo de *O Livro de Jó*, lembrando que mantive a maior parte das coisas tais como estão lá e usei a mais importante tradução em português, que é a tradução do padre Antônio Pereira de Figueiredo, aquela que está na enciclopédia Barsa. O padre Figueiredo, que é um português, há muito tempo falecido, era da corte do Pombal e fez, digamos, o mais significativo esforço de tradução da Bíblia. Não só pelo próprio processo de tradução, mas porque ele recheou a obra inteira de observações e comentários absolutamente imprescindíveis para entender o texto. Então, na opinião deste curso, se você quiser comprar uma Bíblia e não tem ainda, compre a tradução do padre Antônio Pereira de Figueiredo. Apesar de ser já muito antiga, não demonstra o peso dos anos. E é a tradução que nós usamos aqui.

Então, permitam que eu leia o *caput*.

Resumo da Narrativa

Embora de modo conjectural, estima-se a criação de O Livro de Jó no século seguinte ao do exílio babilônico, que ocorreu entre 587 aC e 538 aC.

PROF. MONIR: Esse exílio foi de gravidade tão grande, tão grande que, para vocês terem uma ideia, os judeus desaprenderam o hebraico. Tiveram que reaprender o hebraico, reestruturar a língua usando como base a própria língua árabe, que é prima do hebraico. Foi tão grave, tão grave, tão grave que Israel quase perdeu suas características culturais.

A obra está estruturada como um drama em três atos, antecedidos de um prólogo e seguidos de um epílogo. O conjunto está dividido em quarenta e dois capítulos. Embora o ambiente da ação esteja impregnado de monoteísmo judaico, há uma boa chance de nem Jó, tampouco seus interlocutores serem judeus.

PROF. MONIR: Não se tem certeza de que Jó é de fato judeu. Ninguém sabe quem ele é. É seguro que os personagens do livro raciocinam como se fossem judeus, em termos dos conceitos religiosos judaicos. Essa gente de que se fala aqui deveria ter morado em algum lugar do outro lado do Rio Jordão, a divisa natural entre Israel e os seus vizinhos. Essa gente aqui deve ter sido um conjunto de povos tribais, de natureza não-judaica, de raça não-judaica, mas que de alguma maneira estava ali unificada pela ideia do monoteísmo – embora ninguém saiba isso.

A cidade de Hus, palco dos acontecimentos, estaria à leste da Palestina, possivelmente na Arábia.

PROF. MONIR: Onde hoje é a Arábia.

A tradução utilizada neste resumo é a do padre Antônio Pereira de Figueiredo (1725-1797).

PROF. MONIR: A tradução da Barsa, que é sempre a melhor, na dúvida.

Segundo Northrop Frye, O Livro de Jó ocupa o lugar de "um Gênesis poético e profético".

PROF. MONIR: Então, nós vamos ler *O Livro de Jó*, lembrando que é um escrito bíblico, portanto é completamente simbólico e poético, e a gente tem que ter um pouquinho de paciência para entender tudo. Mas não é difícil, eu fico aqui ajudando nos pontos mais graves. Vamos lá.

Prólogo

Virtude e prosperidade de Jó

1 Havia um varão na terra de Hus, por nome Jó, e era este um varão sincero, e reto, e que temia a Deus, e se retirava do mal. 2 E nasceram-lhe sete filhos, e três filhas. 3 E possuía sete mil ovelhas, três mil camelos, e quinhentas juntas de bois, quinhentas jumentas, e família numerosíssima: e este varão era grande entre todos os orientais.

PROF. MONIR: O que significa que Jó não era judeu. Esse é o ponto do qual se desconfia, porque um oriental, para um judeu, é quem mora do outro lado do Rio Jordão. É uma tribo semítica qualquer, mas não judaica. Essa é a principal razão pela qual se desconfia do "não-judaismo" de Jó, embora isso não faça a menor diferença. Não tem a menor importância. É completamente secundário.

4 E seus filhos iam, e se banqueteavam em suas casas, cada um em seu dia. E mandavam convidar as suas três irmãs para virem comer e beber com eles. 5 E tendo decorrido o turno de dias de banquete, mandava Jó chamar a seus filhos, e os purificava, e levantando-se de madrugada oferecia holocaustos por cada um deles. Porque dizia: Talvez que os meus filhos tenham pecado, e que tenham ofendido a Deus nos seus corações. Assim o fazia Jó todos os dias.

PROF. MONIR: Com isso se quer dizer que Jó era um sujeito piedoso. Cumpria com suas obrigações religiosas e cuidava que os filhos não estivessem pecando. Está aqui o narrador nos falando muito bem de Jó, como sendo uma pessoa de grande envergadura moral. Se vocês não entenderem qualquer pedaço, por favor, me interrompam que eu explicarei. Estamos num ponto que não é difícil de entender, então, estamos indo em frente.

ALUNO: *(Faz pergunta.)*

PROF. MONIR: A palavra holocausto significa sacrifício. É que hoje em dia chama-se holocausto a perseguição aos judeus. Mas é apenas uma maneira simbólica de falar –quando alguém faz qualquer sacrifício, está fazendo um holocausto. Fazer um sacrifício de um bichinho para a divindade é um holocausto. Então Jó pegava lá os animaizinhos e os matava fazendo sacrifício para Deus, como compensação por algum mal que tivesse sido feito pelos seus parentes, pelos seus filhos. Ele tem 10 filhos. Sete filhos e três filhas.

6 Mas um certo dia como os filhos de Deus se tivessem apresentado diante do Senhor, achou-se também entre eles Satanás.

PROF. MONIR: Aqui Satanás está posto como filho de Deus. De qualquer lado que você olhe, a origem de Satanás é criação divina. Satanás, quando você olha como Lúcifer, era um anjo. E também é criação divina quando você olha apenas simbolicamente, não como uma entidade real. Pois o que é o diabo sob o ponto de vista simbólico? É um aspecto da mente de Deus que é contrário ao homem. Quer dizer, ou você o vê sob o ponto de vista factual, como um ser existente – então, nesse caso, ele é um anjo caído – ou você o vê simbolicamente – e simbolicamente o diabo é um aspecto da mente de Deus que é adversário do homem. De qualquer um desses dois modos, Satanás é, de alguma maneira, criação de Deus – embora Deus não seja criador do mal, é sim de Satanás. É preciso tomar cuidado para não imaginar que Deus é o autor do mal, porque esta é a hipótese não cristã. Se você acha que o bem e o mal lutam no cosmos para ver quem ganha, então você deixou de ser cristão e tornou-se um maniqueísta. O maniqueísta não é cristão. Ele é o sujeito que não acha que há um Deus Todo-Poderoso, mas que há duas forças que se confrontam – o bem e o mal. Então, o maniqueísta põe o mal no mesmo status, na mesma altura de Deus. Para você poder ser cristão, como condição para tanto, você não pode acreditar nisso. Você tem de achar que há apenas um Deus e que Deus não é o inventor, nem o gestor, nem o criador do mal. Quem cria o mal é Satanás, mas ele também tem alguma independência. Como nós também temos. Temos um poder enorme de fazer mal. E, no entanto, não podemos atribuí-lo a Deus. Então aqui é preciso tomar um pouquinho de cuidado com isso. Satanás é filho de Deus nesse sentido.

7 E o Senhor lhe disse: Donde vens tu? Ele respondeu, dizendo: Girei a terra, e andei-a toda. 8 E o Senhor lhe disse: Acaso consideraste tu a meu servo Jó, que não há semelhante a ele na terra, varão sincero e reto, e que teme a Deus, e

que se afasta do mal? 9 Satanás respondendo, disse: Acaso Jó teme debalde a Deus? 10 Não o circunvalaste tu a ele, e a sua casa, e a todos os seus bens, não tens abençoado as obras de suas mãos, e as suas possessões não têm crescido na terra?

PROF. MONIR: Circunvalar é circundar com valas. Quando você quer proteger um castelo, você enche de valas em volta para evitar que bandidos entrem. Então, circunvalar é proteger. O diabo está dizendo o seguinte para Deus: que Jó só é bacana, só é legal, só é temente a Deus porque é um sujeito bem de vida. Se ele fosse um sujeito que não tivesse as mesmas condições, detestaria Deus e acusaria Deus, automaticamente. Então, o diabo está dizendo "Olha, peraí. Você acha que ele é bacana, mas ele só é assim porque Você o protege."

ALUNO: *(Faz pergunta.)*

PROF. MONIR: Debalde é em vão. Continuamos.

11 Mas estende tu um pouco a tua mão, e toca em tudo o que ele possui, e verás se ele não te amaldiçoa na tua mesma cara.

12 Disse pois o Senhor a Satanás: Olha, tudo o que ele tem está em teu poder: somente não estendas a tua mão contra ele, e Satanás saiu da presença do Senhor.

PROF. MONIR: Então, Deus topou fazer uma aposta com o diabo. Disse para o diabo que ele poderia fazer o que quisesse com Jó, exceto matá-lo. O que está escrito aqui *"só não estendas a tua mão"* significa "não o mate", o resto pode fazer. E vai haver, então, agora uma provação para saber se Jó

vai continuar gostando de Deus mesmo quando for pobre, mesmo tendo se transformado numa pessoa sem posses. Esse é o enredo da história. O diabo vai produzir misérias na vida desse pobre coitado. Mas percebam um detalhe importantíssimo: o diabo só irá agir autorizado por Deus. O diabo está autorizado expressamente por Deus. Daí dá para entender também que o diabo é uma criatura – seja qual for a interpretação que você faça dele – que tem muito pouco poder na prática. O diabo não tem poder nenhum. A coisa de que o diabo mais gosta nessa vida é que nós o achemos mais poderoso do que ele é. O que ele mais gosta é de ser supervalorizado, sem a menor dúvida. No fundo, ele tem muito menos poder do que a gente imagina. Está provado por este pedacinho aqui da história.

Primeira provação e resignação de Jó
13 E um dia em que seus filhos e filhas estavam comendo e bebendo vinho em casa de seu irmão primogênito, 14 veio ter com Jó um mensageiro, que lhe disse: Os bois lavraram, e as jumentas pastavam junto a eles, 15 e vieram sobre eles de repente os sabeus, e levaram tudo, e passaram à espada os criados, e só eu escapei para te trazer a nova.

PROF. MONIR: Apareceram uns sabeus (habitantes de Sabá) e levaram todos os animais embora e mataram os criados. Já está, aqui, a ação prática do demônio.

16 E estando ainda este falando veio outro, e disse: Fogo de Deus caiu do céu, e ferindo as ovelhas, e aos pastores os consumiu, e escapei eu só para te trazer a nova.

PROF. MONIR: A desgraça continua.

17 Ainda este falava, e eis que chegou outro, e disse: Os caldeus se dividiram em três esquadrões, e se lançaram sobre os camelos, e os levaram, e até também passaram à espada os criados, e só eu escapei para te trazer a nova.
18 Ainda este estava falando, e eis que entrou outro, e disse: Estando teus filhos e filhas comendo e bebendo vinho em casa de seu irmão mais velho, 19 de repente se levantou um vento muito rijo da banda do deserto, e abalou os quatro cantos da casa, a qual caindo esmagou a teus filhos e morreram, e só eu escapei para te trazer a nova.
20 Então se levantou Jó, e rasgou os seus vestidos, e, tosquiada a cabeça, prostrando-se em terra, adorou, 21 e disse: Nu saí do ventre de minha mãe, e nu tornarei para lá. O Senhor o deu, o Senhor o tirou: como foi do agrado do Senhor, assim sucedeu. Bendito seja o nome do Senhor. 22 Em todas estas coisas não pecou Jó pelos seus lábios, nem falou coisa alguma indiscreta contra Deus.

PROF. MONIR: Bom, perdeu todas as propriedades, perdeu todos os servos - exceto os que vieram dar as notícias. Ele, de um homem riquíssimo, tornou-se um sujeito sem nenhuma posse. No entanto declara – e esta frase ficou famosa – que nasceu nu e pode muito bem ser enterrado nu, sem nenhum problema. Jó não está, de modo nenhum, rebelado contra Deus. Até esse momento, aceita com toda a tranquilidade o que lhe aconteceu, como sendo uma decorrência natural da vida. Ficou claro para vocês o que está acontecendo? É o diabo agindo.

A doença, segunda provação, e a visita dos amigos

2 E sucedeu que em certo dia viessem os filhos de Deus: e apresentando-se diante do Senhor, veio também Satanás entre eles, e pôs-se na sua presença, 2 e disse o Senhor a Satanás: Donde vens tu? Ele respondeu, dizendo: Girei a terra, e andei-a toda. 3 E disse o Senhor a Satanás: Não tens considerado ao meu servo

Jó, que não há outro semelhante a ele na terra, varão sincero e reto, e que teme a Deus, e que se retira do mal, e que ainda conserva a sua inocência? Mas tu me tens incitado contra ele para o afligir em vão. 4 E Satanás respondeu, dizendo: O homem dará pele por pele, e deixará tudo o que possui pela sua vida:

PROF. MONIR: *"Dar pele por pele"* é uma expressão antiga que significa "o homem prefere preservar a saúde". Quer dizer, o homem preservará o seu estado físico antes de qualquer coisa. Então, o diabo está dizendo assim: "Olha, tudo bem, Você por enquanto estava certo, mas e se eu deixá-lo muito doente? Quer ver como ele vai te amaldiçoar?" É isso que o diabo está propondo a Deus, que Ele vá mais radicalmente na direção do teste.

5 e senão estende a tua mão, e toca-lhe nos ossos e na carne, e então verás se ele te não amaldiçoa cara a cara. 6 Disse pois o Senhor a Satanás: Eis aqui ele está debaixo da tua mão, mas guarda a tua vida.

PROF. MONIR: "Pode deixá-lo doente, mas não o mate", é isso que Deus diz para o diabo.

7 Tendo pois saído Satanás da presença do Senhor, feriu a Jó duma chaga maligna, desde a planta do pé até o alto da cabeça: 8 Jó assentado num monturo, raspava com um pedaço de telha a podridão.

PROF. MONIR: Imaginem o sujeito nu, com o corpo todo chagásico, cheio de feridas, raspando a si mesmo com um caco de telha. É nisso que Jó foi transformado. Sem família, sem os dez filhos, sem nenhuma propriedade e sem saúde – como uma espécie de pária da sociedade. Foi executado o plano do diabo. O diabo vai desaparecer da história, depois desse capítulo não vai mais voltar – aparentemente, pelo menos. Continuamos, por favor.

9 E sua mulher lhe disse: Ainda tu perseveras na tua simplicidade? Louva a Deus e morre.

PROF. MONIR: Esse *"Louva a Deus e morre"* é uma espécie de ironia. A mulher de Jó está aqui criticando Jó por ser excessivamente passivo.

10 Jó lhe respondeu: Falaste como uma das mulheres tolas. Se nós temos recebido os bens da mão de Deus, por que não receberemos também os males? Em todas estas coisas não pecou Jó com os seus lábios.

11 Portanto três amigos de Jó tendo ouvido todo o mal, que lhe havia sucedido, vieram cada um do seu lugar a verem-no, Elifaz de Teman, e Baldad de Suas[2], e Sofar de Naamat.

PROF. MONIR: Esse nome Baldad de Suas varia ao longo do texto, é escrito de vários modos; nós mantivemos como estava lá, porque não sabemos se é erro ou se é uma maneira diferente de falar a mesma coisa. Tudo indica que essas designações atrás dos nomes são cidades de onde essas pessoas vieram. Todas tribos minúsculas. Esses amigos, quando sabem da desgraça de Jó, vêm consolá-lo, vêm conversar com ele. E é esse o miolo da obra, escrito poeticamente. Vamos ler alguns trechos, porque do miolo foram selecionados só alguns versículos para que conseguíssemos ler aqui no tempo que temos. Então começa a ação em que Jó discute com esses três amigos, depois com um quarto, os acontecimentos que o afligiram.

2 Nota do resumidor: Este nome aparece com diferentes grafias ao longo do texto: Suas, Suita, Suíta e Su.

Porque se tinham ajustado para juntos o virem visitar, e para o consolarem. 12 Tendo pois de longe levantado os olhos, não o conheceram, e exclamando choraram, e rasgados os seus vestidos lançaram pó ao ar sobre as suas cabeças. 13 E se assentaram com ele na terra sete dias e sete noites, e nenhum lhe dizia palavra: porque viam que a dor era excessiva.

PROF. MONIR: Agora sabemos que Jó está sofrendo. Imaginem a queda de status social que houve aí. Imensa, não? Muito bem! Começa agora o diálogo. Está todo o mundo entendendo a história? Fundamental é entender a história. Se não a gente não vai entender o sentido dela. Lembrem que a única coisa proibida nesse curso é não entender. Pode discordar o quanto quiser, mas até para discordar tem que entender.

ALUNO: *(Faz comentário.)*

PROF. MONIR: Às vezes é um pouco difícil de compreender essas coisas. O que significa que Jó é um sujeito sincero? O que é uma pessoa sincera? "Sincero" é o tipo da palavra estranha, a gente nunca sabe bem o que ela quer dizer. As mulheres, de modo geral, dizem que gostam e que queriam ter homens sinceros. Eu acho isso um perigo enorme! Se eu fosse mulher, iria querer ter um homem bem mentiroso. Já imaginaram um homem sincero assim?

– Querido, fulana é mais bonita que eu?
– Mas ***muito*** mais bonita do que você!

Acho que as mulheres quando dizem que querem um homem sincero, no fundo querem dizer que querem um homem que goste delas de verdade... A palavra "sincero", aqui no sentido bíblico, significa simples, singelo, uma

pessoa com aquilo que se chama de pobreza de espírito. Ninguém entende que Deus gosta de pobreza de espírito porque as pessoas pensam que "pobre de espírito" é um sujeito cavalgadura, truculento. Mas não é esse o sentido da expressão. "Pobre de espírito" é aquele sujeito que, embora tenha um monte de dinheiro, não faz com o dinheiro um culto religioso. É o sujeito que não transformou o dinheiro no sentido da vida. A simplicidade de Jó é que ele, no fundo, apesar de ser muito rico, mas muito rico, extraordinariamente bem-sucedido, não era um sujeito com uma vida de ostentação, não tinha uma vida de autoglorificação. Ele é uma pessoa humilde e modesta. E a mulher está furiosa com ele por causa disso, tanto é que ela vai embora. Talvez não apareça aí (deve estar num dos itens que foram retirados), mas ela o abandona. A mulher de Jó vai embora porque acha que aquilo ficou muito sem graça, não é? De rainha do Oriente Médio para enfermeira...

ALUNA: *(Faz comentário.)*

PROF. MONIR: Não falei simplório. Ele era um sujeito humilde, modesto, que tinha uma vida concreta, real... Não era uma pessoa excessivamente ostensiva. Tinha uma visão e uma vida muito real.

ALUNO: *(Faz comentário.)*

PROF. MONIR: "Paciência de Jó" vem desta história, mas "escravos de Jó" não. Então "escravos de Jó" tem outra origem qualquer que não é *O Livro de Jó*. Muito bem, continuamos.

I. Disputa de Jó com os Amigos

Primeiro ciclo de discursos – Lamentações de Jó

3 Depois disso abriu Jó a sua boca, e amaldiçoou o dia do seu nascimento, 2 e falou assim:

3 Pereça o dia em que eu fui nado, e a noite em que se disse: Foi concebido um homem.

PROF. MONIR: *"Fui nado"* é ter nascido. É uma expressão fora do comum, mas está certo. Isso é uma tradução de 1700 e alguma coisa. Jó, na primeira conversa com os amigos, pela primeira vez se lamenta da sua situação. Lamenta-se em que sentido? No sentido de dizer que a vida dele está muito ruim. Não está dizendo ainda que Deus é injusto com ele; só está dizendo que a vida está ruim. Seria uma coisa muito estranha ele dizer que estava bom. Não estava.

4 Converta-se aquele dia em trevas. Deus desde o alto céu não olhe para ele, nem ele seja esclarecido pela luz.

8 Amaldiçoem-na (a noite solitária) aqueles que amaldiçoam o dia, e os que estão prontos para suscitar o Leviatã:

PROF. MONIR: O Leviatã aqui é no sentido de forças ocultas da natureza. A gente vai gastar um bom tempo nesse assunto. Mas *"suscitar o Leviatã"* aqui é convocar as forças da natureza, os demônios.

11 Por que não morri eu dentro do ventre de minha mãe, por que não pereci tanto que saí dele?

PROF. MONIR: “Por que não pereci logo que eu saí dele, assim que saí dele?” –é o modo poético antigo de falar. “Por que eu não morri quando nasci?”, essa é a ideia.

20 Por que foi concedida luz ao miserável, e vida aos que estão em amargura de ânimo?

21 Os que esperam a morte, e não lhes vem, conto os que cavam em busca de um tesouro:

22 E que ficam transportados de alegria quando acham o sepulcro.

26 Porventura não dissimulei? Não me calei? Não estive sossegado? E veio sobre mim a indignação.

PROF. MONIR: Reparem que pulamos vários versículos aqui no meio, senão não dá tempo de ler. Jó está se lamentando de que às vezes era melhor não estar vivo. Acho que nenhuma pessoa aqui presente nunca passou por uma experiência igual à de Jó. Quer dizer, claro que a experiência de Jó é ficcional e dramática. Mas seguramente garanto que todo o mundo aqui já passou por experiências de vida muito ruins e é possível que tenhamos nos sentido do mesmo jeito. Não deve ser incomum, na vida de quem está aqui, ter-se sentido alguma vez desejando não ter nascido. Vocês já não sentiram isso? É uma coisa normal nos seres humanos, não tenham dúvida – e por causa de coisas muito mais simples do que essa aqui. Aqui é coisa muito grave, não?

Elifaz acusa Jó – primeiro discurso

4 Então respondendo Elifaz de Teman, disse: 2 Se começarmos a falar-te, talvez que tu o leves de má mente, mas quem poderá conter a palavra concebida!

3 Eis aqui ensinaste a muitos, e deste vigor a mãos cansadas:

6 Onde está aquele teu temor, a tua fortaleza, a tua paciência, e a perfeição dos teus caminhos?

7 Lembra-te, te peço, que inocente pereceu jamais? Ou quando foram os justos destruídos?

8 Antes bem tenho visto, que os que obram iniquidade, e semeiam dores, e as segam,

9 pereceram a um assopro de Deus, e foram consumidos pelo espírito da sua ira.

5 17 Bem-aventurado o homem a quem Deus corrige. Não desprezes pois a correção do Senhor:

PROF. MONIR: O primeiro amigo de Jó diz assim: “Olha, você precisa parar de reclamar e entender que se Deus está te corrigindo com males é porque é para o seu bem. Não perca a oportunidade de compreender que isso é ruim, mas é para o seu bem”. Quando alguém fala assim com o outro, está pressupondo que haja alguma culpa, porque Jó só pode ser culpado... Se ele está sendo punido e está sofrendo, é porque, de fato, fez alguma coisa errada e deve receber esta punição com bom olhos. Elifaz está dizendo para ele não reclamar, que pode ser bom para ele e ele não sabe.

Primeira resposta de Jó a Elifaz

6 Jó pois respondendo, disse:

2 Oxalá se pesassem numa balança os meus pecados, pelos quais mereci a ira: e a calamidade que padeço.

PROF. MONIR: Entenderam? Jó não está dizendo que ele não tem pecado, ele está dizendo que acha a sua condição absolutamente desproporcional aos pecados que ele pode ter tido. Vocês já imaginaram que, porque alguém tomou um chope a mais, fosse lhe acontecer uma coisa equivalente a essa?

O que Jó está dizendo é que há uma desproporção entre os pecados que ele possa ter feito – certamente ele pecou – e o que aconteceu com ele. Ele perdeu tudo, exceto uma vida doentia. O resto, ele perdeu. Imaginem: todos os dez filhos, todas as propriedades, tudo o que ele tinha. Então Jó está reclamando aqui da desproporção entre o pecado e a penalidade. Continuamos.

3 Ver-se-ia que esta era mais pesada que a areia do mar: pelo que as minhas palavras estão também cheias de dor:

24 Ensinai-me, e eu me calarei: e se eu talvez ignorei alguma coisa, instruí-me.

PROF. MONIR: Então me conte onde foi que eu pequei. Quem é que vocês conhecem – os que são veteranos aqui do curso - que tem a mesma atitude? Exatamente assim? É Josef K. quando quer saber do processo, do que ele está sendo acusado. É claro que Josef K. não admite nem a possibilidade de ter pecado. Jó admite, mas ele quer saber qual foi o pecado tão grande. Diz assim: *"é pesado como a areia do mar"*. Porque a areia do mar é pesada? Porque ela é molhada, úmida. Se vocês repararem bem, a base de Kafka é todo o Velho Testamento. Já disse para vocês tantas vezes isso: que não dá para entender Kafka fora da cosmologia judaica. Northrop Frye, um dos maiores críticos literários do século XX, diz que todos os esquemas literários – todos, sem exceção – estão na Bíblia. Ele escreveu um livro chamado *O Código dos Códigos*, que vocês encontram no comércio, um livro monumental. Cuidado: não é *O Código da Bíblia*. Tem um outro livro com este nome, que é uma picaretagem enorme. É *O Código dos Códigos,* de Northrop Frye. Ele demonstra que todos os esquemas literários possíveis saíram da Bíblia. A Bíblia é a matriz de todos os esquemas literários que existem. O livro é imperdível, maravilhoso! *O Código dos Códigos*! Continuamos, por favor.

25 Porque murmurastes vós de umas palavras de verdade, não havendo de vós algum que me possa arguir?

26 Compondes discursos somente com o fim de increpar, e proferis palavras ao vento.

PROF. MONIR: Increpar é repreender.

27 Arremeteis contra um pupilo, e esforçai-vos por arruinar o vosso amigo.

PROF. MONIR: Jó está falando isso para os três amigos, que ficam insistindo que ele é culpado.

28 Com tudo isso acabai o que começastes. Aplicai o ouvido, e vede se eu minto.

29 Respondei vos peço sem contenda: e dizendo o que é justo, julgai.

30 E não achareis iniquidade alguma na minha língua, nem na minha boca soará estultícia alguma.

PROF. MONIR: Estultícia é estupidez. O sujeito que é estulto é um sujeito estúpido. Os amigos estão dizendo para ele: "Você deve ter merecido isso, porque não é possível, Deus não pode não ser justo. Se você se deu muito mal é porque você fez alguma coisa muito grave". Mas Jó diz assim: "Mas espera aí, quer me explicar o que eu fiz? Quero saber o que foi que eu fiz, eu não me lembro de ter feito nada tão grave". E os amigos, então, ficam dizendo que ele está se recusando a admitir que é um pecador. Ele não está fazendo isso; mas continua achando que há uma injustiça no caso dele. Essa é a ideia desse diálogo de Jó com seus amigos.

7 A vida do homem sobre a terra é uma guerra: e os seus dias são como os dias dum jornaleiro.[3]

PROF. MONIR: Não é jornaleiro no sentido do sujeito que vai entregar o jornal na tua casa. É jornaleiro no sentido de alguém que trabalha por jornada diária, um diarista, como é hoje a diarista.

2 Assim como o escravo deseja a sombra, e como o jornaleiro espera pelo fim do seu trabalho:

PROF. MONIR: Para receber o dinheiro.

5 A minha carne está coberta de podridão e de imundícia do pó, a minha pele se secou, e se encolheu.

11 E por isso não reprimirei a minha língua, falarei na tribulação do meu espírito, conversarei com a amargura da minha alma.

16 Perdi as esperanças, não viverei jamais. Perdoa-me, que nada são os meus dias.

20 Pequei, que te farei eu, ó Libertador dos homens? Por que me puseste contrário a ti, e me tenho feito pesado a mim mesmo?

21 Por que não me tiras o meu pecado, e por que não apagas a minha iniquidade? Eis aí vou agora dormir no pó: e se tu me buscares pela manhã, não subsistirei.

PROF. MONIR: Estarei morto! Terei morrido. Ele está dizendo para Deus: "Oh, Deus, já que eu sou pecador, por que o Senhor não me diz qual é e não me tira o pecado? Eu confesso". Ele está rebelado. Reparem, sobre o ponto de vista da aposta entre Deus e o diabo, vocês não têm a nítida impressão

---

3 Nota do resumidor: "jornaleiro" significa aquele que trabalha por jornada diária.

de que o diabo está ganhando a aposta? Está ganhando a aposta! Jó no fundo não para de reclamar do que lhe aconteceu. Aconteceu com ele uma coisa muito terrível. Ele está reclamando e chamando Deus às falas, dizendo: "Olha, quero saber como é esse negócio."

Primeiro discurso de Baldad contra Jó

8 Respondendo pois Baldad Suita, disse:

2 Até quando falarás tu semelhantes coisas, e as palavras da tua boca serão um espírito multiplicado?

3 Porventura Deus perverte seus juízos? Ou o Todo-Poderoso destrói o que é justo?

20 Deus não rejeitará ao homem sincero, nem dará a mão a malignos:

21 Até que a tua boca se encha de riso, e os teus lábios de júbilo:

22 Os que te aborrecem serão cobertos de confusão: e a casa dos ímpios não subsistirá.

PROF. MONIR: Baldad está dizendo que Deus não pode ser mau e nem injusto, portanto se ele está sofrendo, é por alguma boa razão.

Baldad associa-se com a tese de Elifaz de que os pecados são castigados com os males.

Primeira resposta de Jó a Baldad

9 E respondendo Jó, disse:

2 Eu sei verdadeiramente, que isto é assim, e que o homem comparado com Deus não é justo.

3 E se quiser disputar com Deus, não lhe poderá responder por mil coisas uma sequer.

20 Se eu pretender justificar-me, a minha boca me condenará: se mostrar-me inocente, Ele me convencerá de culpado.

21 Ainda quando eu seja sincero, isto mesmo ignorará a minha alma, e me será tediosa a minha vida.

22 Uma só coisa é que digo, Deus aflige assim o inocente como o ímpio.

PROF. MONIR: Aqui o importante é isto: Jó está estabelecendo a tese de que Deus irá perseguir tanto um quanto outro, ou seja, que não há retribuição terrena para os atos de bondade. A tese que os outros estão defendendo é a de que Deus, sendo justo, dará uma recompensa para aqueles que se comportarem bem, e um castigo para o injusto também. E o que aqui Jó está dizendo é que essa tese não funciona, que não é verdade que os bons serão tratados de um modo diferente dos ímpios, porque ele se acha bom e vê que os ímpios prosperam. Vocês nunca tiveram essa impressão na vida? Vocês nunca sentiram às vezes na vida que, mesmo sendo bons, não obtêm os mesmos resultados dos maus, que prosperam a olhos vistos? Vocês compreendem que quando vocês se sentem assim estão exatamente na mesma posição de Jó? No fundo, só tem sentido esse nosso encontro aqui se quando saírem daqui (às 19h30, pontualmente, como sempre) vocês souberem o que fazer. Se vocês saírem daqui sabendo menos do que quando entraram, não vai ter valido a pena. O sentido é que você nunca deve deixar de desvincular a sua vida daquilo que você está lendo. Isso é fundamental.

23 Se Ele fere, mate por uma vez, e não se ria das penas dos inocentes.

PROF. MONIR: Então, já que Deus quer acabar comigo me mate de uma

vez e não fique rindo da minha situação aqui chagásica, bubônica – sei lá, aquela situação ruim que ele vivia.

24 A terra foi entregue nas mãos do ímpio, cobre com um véu os olhos dos seus juízos: se não é Deus, quem é logo?

PROF. MONIR: Logo, Deus não é justo. Vocês não têm ideia do tamanho desta frase, não é? Porque esta frase é a base de toda a rebelião metafísica moderna. Quando Albert Camus escreveu o livro *O Homem Revoltado*, foi em cima desta frase. Quer dizer, o homem moderno – do século XX – acha que é isso mesmo, que Deus é um sujeito incompetentíssimo. É Ivan Karamázov – em *Os Irmãos Karamázov* – dizendo assim: "- Eu gosto de Deus, mas acho que Ele é muito burro; como pode fazer um mundo tão imbecil como esse?" O problema do homem moderno, que é um sujeito que acha que Deus é incompetente, é que ele resolve colocar no lugar o SUS para resolver o problema. Então, aí é que a coisa realmente não vai funcionar nunca mais. A concepção do homem contemporâneo é a de um sujeito que acredita piamente nisso. Que Deus é burro, que Ele é incompetente. E que é por isso que o mundo foi entregue na mão do ímpio; porque Deus não sabe dirigir o mundo.

27 Quando disser: Já não falarei assim: mudo o meu rosto, e de dor me atormento.
29 Mas se ainda assim sou um ímpio, porque trabalhei eu em vão:
34 Tire Ele a sua vara de cima de mim, e não me amedronte o seu terror.
35 Falarei, e não temerei: porque eu não posso cheio de medo responder.

PROF. MONIR: "Se é o ímpio que manda, por que eu me esforcei à toa? Qual é o sentido do meu esforço se era para acabar do jeito que eu estou? Fiz

tudo certo, e agora olha como é que eu estou! Devendo para todo mundo, quebrado, minha mulher foi embora, perdi os filhos." Os que sobraram não falam comigo. Isso é uma coisa que acontece com todo mundo, é uma situação até comum, pode acontecer com qualquer pessoa – numa dimensão menor, é claro.

10 A minha alma tem tédio à minha vida, soltarei a minha língua contra mim, falarei na amargura da minha alma.

2 Direi a Deus: Não me condenes. Mostra-me por que assim me julgas?

14 Se eu pequei, tu me perdoaste na mesma hora. Por que não me permites tu que eu esteja limpo da minha iniquidade?

15 Se for mau, desgraçado de mim: mas se for justo, não levantarei cabeça, farto de aflição e de miséria.

20. Porventura o pequeno número de meus dias não se acabará em breve? Deixa-me pois que eu chore um pouco a minha dor:

21 Antes que vá, para não tornar, para aquela terra tenebrosa, e coberta da escuridade da morte:

22 Terra de miséria, e de trevas, onde habita a sombra da morte, e não há nenhuma ordem, senão um sempiterno horror.

PROF. MONIR: Sempiterno é permanente, significa eterno. Jó realmente está infeliz. Está deixando claro que se considera injustiçado. Não há nenhuma dúvida nisso aqui.

ALUNO: *(Faz comentário.)*

PROF. MONIR: Rigorosamente, todas as histórias têm base em algum esquema narrativo bíblico. Estou falando aqui do nosso mundo ocidental. O

oriente é outro mundo, completamente diferente do nosso. Mas no mundo ocidental a Bíblia é a matriz de todos os esquemas narrativos.

Primeiro discurso de Sofar contra Jó

11 Depois respondendo Sofar de Naamat, disse:

2 Porventura o que fala muito, não ouvirá também? Ou bastará a um homem ser grande falador para justificar-se?

5 E oxalá que Deus falasse contigo, e abrisse a sua boca,

6 para te descobrir os segredos da sua sabedoria, e que a sua lei é de muitas maneiras, e que entendesse que é muito menos o com que Ele te castiga em comparação do que merece a tua maldade.

11 Por que Ele conhece a vaidade dos homens, e vendo a iniquidade deles, acaso a considera?

12 O homem vão eleva-se em soberba, e julga ter nascido livre, como a cria do asno montês.

13 Mas tu endureceste o teu coração, e levantas-te a tua mão para Deus.

PROF. MONIR: Muito bem! Então aqui vocês veem que esse Sofar dá uma enorme bronca em Jó, dizendo que Deus te castiga com muito menos em comparação com o que merece a tua maldade. Mas esse Sofar não deve saber alguma coisa de Jó que nós não sabemos. Então, por que ele conclui assim? Porque ele supõe que haja uma proporção entre o castigo e a pena.

Não é assim que são feitos os sistemas penais? Pelo menos deveriam ser assim. Alguém que matou vinte pessoas não deveria ter a mesma pena de alguém que estacionou o carro em um lugar proibido. Não deveria ser assim? Ou deveria ser o contrário? Então, Sofar está pressupondo que, já que os males que afligem Jó são muito grandes, ele deve ser um tremendo

sem-vergonha, um sujeito maligno ao extremo, quase um demônio. Por isso é que ele está mandando Jó parar de reclamar de Deus, porque ele não deve ter razão de modo nenhum. Sofar parte do axioma de que Deus é justo e não pode não ser justo.

Essa mesma sensação de injustiça todo mundo que está aqui presente deve ter experimentado em algum momento da vida. Todo mundo. Todo mundo: "Aquele sujeito pilantra está sempre saindo com umas mulheres bonitas e a gente aqui trabalha, trabalha, trabalha..." Aquela conversa que todo o mundo tem, não é?

ALUNO: *O* Billy Budd *tem bastante disso.*

PROF. MONIR: O *Billy Budd* também é o caso. O mundo da literatura está cheio de situações como essa, porque não é uma situação literária; é uma situação humana que está, de alguma maneira, codificada na Bíblia, na história de Jó, e que serve de modelo para uma enorme quantidade de outras aplicações. Bom, continuamos, por favor.

Primeira resposta de Jó a Sofar

PROF. MONIR: Agora Jó vai se defender de Sofar.

12 Mas respondendo Jó, disse:

2 Logo só vós sois homens, e convosco morrerá a sabedoria?

PROF. MONIR: Ele está fazendo uma ironia. Quer dizer: "Só você é que sabe isso?"

3 Eu também tenho entendimento, como vós, e não vos sou inferior: pois quem ignora isto, que vós sabeis?

9 Quem ignora que a mão de Deus fez todas estas coisas?

10 Na sua mão está a alma de todo o vivente, e o espírito de toda a carne humana.

13 A sabedoria e a fortaleza está em Deus, Ele possui o conselho e a inteligência.

15 Se retiver as águas, tudo se secará: e se as largar, alagarão a terra.

16 Nele residem a fortaleza e a sabedoria. Ele conhece assim ao que engana, como ao que é enganado.

17 Ele conduz aos conselheiros a um fim imprudente, e conduz à estupidez aos juízes.

18 Ele desata o boldrié aos reis, e cinge os seus rins com uma corda.

PROF. MONIR: *"Desata o boldrié"*. **Boldrié é uma espécie de cinturão que os reis usavam. Então, tira o cinturão do rei e coloca uma corda no lugar – é o que aconteceu com Jó. Ele perdeu a majestade e ficou miserável.**

19 Deixa ir aos sacerdotes sem glória, e abate aos magnates.

PROF. MONIR: **Magnates é uma maneira de dizer poderosos. É a mesma coisa que magnata.**

20 Muda a linguagem aos que amam a verdade, e tira dos velhos a doutrina.

21 Derrama desprezo sobre os príncipes, elevando outra vez aos que foram oprimidos.

22 Ele tira das trevas o que estava escondido e põe em claro a sombra da morte.

23 Ele multiplica as nações e as destrói, e depois de destruídas as restitui ao seu primeiro estado.

24 Ele muda o coração dos príncipes do povo da terra, e os engana, para os fazer andar debalde por caminhos desviados.

25 Andarão às apalpadelas como em trevas, e não em luz, e os fará desatinar como bêbados.

PROF. MONIR: Jó está concordando que Deus pode fazer qualquer coisa. Deus é todo-poderoso e fará qualquer coisa.

13 Eis aqui todas estas coisas viu o meu olho, e ouviu o meu ouvido, e as compreendi todas.

2 Isso que vós sabeis, também eu alcanço: e não vos sou inferior.

4 Fazendo antes ver que vós sois uns forjadores de mentiras, fautores de perversos dogmas.

PROF. MONIR: Então ele está dizendo que não é nenhuma novidade que Deus pode tudo. O que ele está dizendo para os seus amigos é que eles não têm o direito de aparecer lá e inventarem pecados que ele teria cometido para poder justificar a ira de Deus. É disso que Jó está reclamando. Que ele continua não achando que tenha pecado o suficiente para merecer tal tratamento.

5 E Oxalá que vós vos calásseis, para poderdes passar por sábios.

PROF. MONIR: "É, se vocês não abrirem a boca, vou ainda achar que vocês sabem alguma coisa."

6 Ouvi pois a minha correção, a atendei ao juízo dos meus lábios.

7 Acaso necessita Deus das vossas mentiras, para que em sua defensa faleis dolosamente?

PROF. MONIR: "*Defensa*" é maneira antiga de escrever. Ele está dizendo assim: por acaso é preciso fabricar provas? Esses três estão querendo fabricar provas para incriminá-lo. Ele de modo nenhum acha que é tão mau assim para acontecer com ele essa desgraça toda.

14 Por que razão despedaço eu as minhas carnes com os meus dentes, e por que trago eu a minha vida nas minhas mãos?

23 Quantas iniquidades e pecados tenho eu, mostra-me as minhas maldades e delitos.

24 Por que escondes tu de mim o teu rosto, e por que me julgas tu teu inimigo?

14 O homem nascido da mulher, que vive breve tempo, é cercado de muitas misérias.

2 Que como flor sai e é pisado, e foge como a sombra, e jamais permanece num mesmo estado.

3 E tu te julgas digno de abrir os teus olhos sobre este tal, e trazê-lo a juízo contigo?

PROF. MONIR: OK. Então, está aqui o Jó se defendendo da acusação do Sofar, que é um dos seus detratores. Muito bem, continuamos.

Segundo ciclo de discursos:

Segundo discurso de Elifaz

15 Mas respondendo Elifaz de Teman, disse:

2 Porventura o sábio responderá como se falasse ao vento, e encherá de ardor o seu peito?

3 Argúis com palavras àquele que não é teu igual, e falas o que não te convém.

5 Porque a tua iniquidade ensinou a tua boca, e tu imitas a linguagem dos blasfemadores.

9 Que sabes tu que nós ignoremos? Que entendes tu que nós não saibamos?

13 Por que se incha o teu espírito contra Deus, para proferires por tua boca tão estranhos discursos?

20 Em todos os seus dias o ímpio se ensoberbece, e o número dos anos da sua tirania é incerto.

33 Será ferido como a vinha na sua primeira flor, e como a oliveira que deixa cair a sua flor.

34 Porque tudo o que o hipócrita ajunta será estéril, e o fogo devorará as casas dos que gostam de receber presentes. 35 Ele concebeu dor, e pariu iniquidade e o seu coração inventa enganos.

PROF. MONIR: Esse Elifaz está dizendo que Jó continua soberbamente negando-se a aceitar que pecou na proporção do castigo que recebeu. Ele continua insistindo e Jó continua se defendendo contra essa ideia. Continuamos, por favor.

Segunda resposta de Jó a Elifaz

16 Mas Jó respondendo, disse:

2 Eu tenho ouvido muitas vezes semelhantes discursos, todos vós sois uns consoladores importunos.

PROF. MONIR: Esses três foram lá para consolá-los quando souberam que ele estava na miséria. Mas, em vez de o estarem consolando, estão piorando as coisas, porque o estão acusando de alguma coisa pela qual ele não se sente culpado.

ALUNO: *(Faz comentário.)*

PROF. MONIR: Ele não está falando com Deus diretamente. Daqui a pouquinho Deus vai aparecer. Não é bem em pessoa, é um anjo que O representa, na verdade. Mas você tem razão! Por enquanto, ele só briga com Deus indiretamente. Uma coisa que reforça a sua razão é a seguinte: reparem que até agora ele não fala dos filhos. Mesmo considerando que eu pudesse ter tirado esta parte, não fala. Ele até agora não reivindica as suas propriedades; está muito mais focado com a injustiça do que com a perda em si. É a prova de que aqui o diabo ainda não está exatamente ganhando, muito embora Jó já tenha feito indiretamente alguma reclamação forte contra Deus. Mas é uma boa questão. Vamos esperar um pouquinho mais para ver aonde é que vai isso.

ALUNO: *(Faz comentário.)*

PROF. MONIR: É verdade. Por isso eu queria que vocês soubessem que nenhuma outra história representa tão bem a mentalidade moderna na direção de Deus. Porque, como em *O Livro de Jó*, o intelectual moderno pressupõe que exista uma injustiça fundamental no mundo, e aí você acha bacana resolver isso com o SUS. Já que Deus produziu a injustiça e a doença, talvez o SUS resolva melhor do que isso. Todas as experiências totalitárias do século XX são uma tentativa de colocar alguém no lugar de Deus: o Estado,

um partido único, a burocracia estatal, o *welfare state*, são todas tentativas baseadas na rebelião de Jó. Essa rebelião de Jó, que ele aos poucos vai mostrando, é a base da indignação que o homem moderno sente com relação a Deus. E é natural sentir-se indignado com isso. Tão natural que todo o mundo contemporâneo está indignado com Deus. Bom. Mas vamos ver como é que nós saímos dessa.

4 Eu também pudera falar como vós: e oxalá que a vossa alma estivera em lugar da minha.

PROF. MONIR: Ele está reclamando com Elifaz assim: "Você acha bacana falar isso porque não é você que está aqui chagásico, certo? Por isso é que você acha legal, não é?" Muito bem.

7 Mas que farei? Se eu falar, nem por isso se aplacará a minha dor: e se eu me calar, nem por isso me deixará ela.

12 Deus me fechou debaixo do poder do injusto e me entregou nas mãos dos ímpios.

13 Eu, aquele em outro tempo tão opulento, de repente fui reduzido a pó. Tomou-me pelo pescoço, quebrantou-me, e pôs-me por alvo dos seus tiros.

PROF. MONIR: Quebrantar é ferir.

14 Cercou-me com as suas lanças, atravessou-me os rins, não me perdoou, e derramou sobre a terra as minhas entranhas.

15 Despedaçou-me com feridas sobre feridas. Lançou-se a mim como um gigante.

16 Levo um cilício cosido sobre a minha pele, e cobri de cinza a minha carne.

PROF. MONIR: Vocês sabem o que é um cilício? Cilício é um instrumento de tortura pessoal, que os religiosos usam. É uma espécie de cinta cheia de rugosidades, muito desagradáveis, que você amarra com toda a força na cintura para passar o dia sofrendo. Para fazer a purificação da sua alma. O cilício é, portanto, um objeto causador de dor. Alguns religiosos usam voluntariamente.

19 Terra, não cubras o meu sangue, nem os meus clamores achem lugar de se esconderem no teu seio.

20 Porque eis aqui a minha testemunha está no céu, e nas alturas o que me conhece.

21 Os meus amigos se desfazem em falar: mas o meu olho se desfaz em lágrimas diante de Deus.

PROF. MONIR: *"Mas o meu olho se desfaz"*. Ora. Os analistas dizem que não há nenhum outro escrito bíblico tão poeticamente bonito quanto esse. Esse deve ser o livro, mesmo passando por uma tradução, mais poético da Bíblia. Então, reparem nas belezas literárias que de vez em quando aparecerem. São todas magníficas!

Jó está dizendo assim: "Olha, a testemunha de que eu sou bom está no Céu, e não você que fica me dizendo isso sem conhecimento de causa". Ele está falando com seres humanos como ele, que são os tais dos amigos, que não parecem ser pessoas comuns, mas, mesmo assim, não têm autoridade divina.

17 O meu espírito se vai atenuando, os meus dias se abreviam, e só me resta o sepulcro.

2 Não pequei, e em amarguras se demoram os meus olhos.

6 Ele me reduziu a ser como a fábula do povo, e estou feito diante deles um exemplo[4].

PROF. MONIR: *"Estou feito diante deles um exemplo"*: ser levado à execração pública como sendo o exemplo da má pessoa. Quer dizer, pelo fato de ter acontecido com ele tudo isso, que é uma coisa muito impactante (a ninguém acontecem tantas desgraças ao mesmo tempo), está sendo levado para a sociedade como, de fato, um sujeito muito pecador. Por que razão teria acontecido com ele o que aconteceu? Ele está aqui reclamando de ter se transformado numa espécie de bode expiatório.

14 Eu disse à podridão: Tu és meu pai; e aos bichos, vós sois minha mãe, e minha irmã.

PROF. MONIR: Quem é que fala igualzinho? O rei Lear. O rei Lear naquela tempestade, todo escangalhado, e o Edgar, apelidado na história de "o pobre Tom", também dizia "Eu sou agora aqui irmão das minhocas". Vem daqui a inspiração shakespeariana para produzir aquela cena. E tem razão, o Northrop Frye. Continuamos.

15 Onde está logo agora a minha esperança, e quem considera a minha paciência?

16 Todas as minhas coisas desceram ao mais profundo do sepulcro: e acaso crês tu que ao menos neste lugar terei eu descanso?

---

4 Nota do resumidor: "Exemplo" aqui no sentido de "bode expiatório".

PROF. MONIR: Esse lugar é o tal do sepulcro, que é uma tradução meio fora de jeito para *Seol,* a palavra hebraica para inferno. Então, sepulcro aqui é mais no sentido de inferno. "Será que eu, pelo menos, no inferno vou ter algum sossego?" Porque hoje a vida dele está muito ruim, não?

Segundo discurso de Baldad

18 E respondendo Baldad Suíta, disse:

2 Até quando direis palavras vãs? Entendei primeiro, e depois falaremos.

3 Por que havemos nós sido reputados por animais, e sórdidos nos vossos olhos?

18 Lança-lo-á da luz para as trevas, e do mundo o transportará.

19 Não subsistirá a sua linhagem, nem a sua posteridade no seu povo, nem relíquia alguma no seu país.

20 No seu dia pasmarão os últimos, e aos primeiros invadirá o horror.

21 Tais pois serão as moradas do iníquo, e tal o paradeiro daquele que não conhece a Deus.

PROF. MONIR: O que Baldad está dizendo aí é que o futuro de Jó é esse aqui que ele está descrevendo. Como Jó se recusa a admitir a sua culpa, admitir o pecado, então, tudo isso vai acontecer com ele: vai ser lançado nas trevas, não subsistirá sua linhagem, não deixará descendentes... E todo aquele que não conhece a Deus, como Jó, irá ter esse destino cruel.

Segunda resposta de Jó a Baldad

19 E respondendo Jó, disse:

2 Até quando afligireis a minha alma, e me atormentareis com os vossos discursos?

3 Eis aí são já dez vezes que vós me quereis confundir, e não vos envergonhais de me oprimir.

13 Pôs longe de mim a meus irmãos, e os meus conhecidos como estranhos se apartaram de mim.

14 Os meus propínquos me desampararam: e os que me conheciam, esqueceram-se de mim.

PROF. MONIR: *Propínquos* [significa] vizinhos. É bom para você começar a reunião do condomínio, lá no prédio, assim: "Prezados Propínquos!" Vai fazer um sucesso enorme. Se fosse vocês, anotava isso. Pelo menos haverá um certo ar de perplexidade. Bom para começar uma reunião em que você precisa de algum resultado.

15 Os que moravam em minha casa, e as mesmas minhas servas me reputaram como um estranho, e fui como um peregrino nos seus olhos.

16 Chamei a meu servo e ele não me respondeu, e por minha própria boca eu o rogava.

PROF. MONIR: Parece ministro em final de governo. Alexis Stepanenko, que foi ministro do Itamar, dizia que nos últimos dois meses você não consegue nem pedir mais cafezinho, ninguém traz. É mais ou menos assim. O sujeito ministro demissionário não consegue nem que lhe tragam café. É a mesma coisa aqui. Jó está dizendo que ninguém mais dá a mínima para ele.

17 Minha mulher teve horror do meu bafo, e tinha eu que rogar aos filhos das minhas entranhas.

PROF. MONIR: Quem são os filhos das entranhas dele? São os irmãos. As entranhas aí são as entranhas de onde ele veio, portanto, da mãe. Então, ele teve que pedir ajuda aos seus irmãos, porque a mulher não o ajudava, ninguém queria saber mais dele.

18. Até os fátuos me desprezavam, e retirando-me deles, detraíam de mim.

PROF. MONIR: Os fátuos são os néscios, os burros. Quer dizer, até aquele sujeito que é uma porta não fala mais com você.

19 Os que noutro tempo eram meus conselheiros me tiveram em execração: e aquele a quem eu mais amava, me voltou as costas.

20 À minha pele, consumidas as carnes, se pegaram os meus ossos, e só me restam os lábios ao redor dos meus dentes.

22 Por que me perseguis, como Deus, e vos fartais das minhas carnes?

PROF. MONIR: "Vocês que estão aí me criticando, por que fazem isso comigo? Eu esperava que vocês viessem aqui conversar comigo, mas me fizeram sentir ainda mais culpado. Antes, eu estava só arruinado. Agora, sou arruinado e com culpa ainda por cima". Ele está mandando os três amigos pararem de falar assim com ele.

25 Porque eu sei que o meu remidor vive, e que eu no derradeiro dia surgirei da terra:

PROF. MONIR: Nesse momento Jó faz um voto de confiança a Deus. O remidor é aquele que vai remir os pecados: Deus. Ele está aqui dizendo que maus são os irmãos, mas ele continua confiando em Deus.

26 E serei novamente revestido da minha pele, e na minha própria carne verei a meu Deus.

PROF. MONIR: Embora a ideia da ressurreição tenha vindo depois com mais clareza com Jesus Cristo, aqui já há esta noção clara. Porque a ressurreição humana implica na devolução do corpo. Não é o corpo que nós temos hoje, é uma espécie de corpo glorioso, mas é uma devolução do corpo. Que acontecerá no Juízo Final.

27 A quem eu mesmo hei de ver, e meus olhos hão de contemplar, e não outro: esta minha esperança está depositada no meu peito.

28 Porque dizeis pois agora: persigamo-lo, e achemos raiz de palavras contra ele?

29 Fugi pois de diante da espada, porque há espada vingadora das iniquidades: e sabei que há juízo.

PROF. MONIR: Juízo significa: há um juiz no mundo, sabei que é Deus que julga. "Então, vocês tomem cuidado, vocês não são Deus" – é isso que ele está dizendo para os seus perseguidores.

Segundo discurso de Sofar

20 E respondendo Sofar de Naamat, disse:

2 Por isso a mim me vêm pensamentos sobre pensamentos, e o meu espírito é arrebatado a diversas coisas.

14 O seu pão nas suas entranhas se converterá interiormente em fel de áspides.

PROF. MONIR: O que é *"fel de áspides"*? Fel é veneno. E áspide é outro nome para víbora. Que é, sob o ponto de vista lá da região, uma cobra muito

perigosa, uma serpente, aliás. Então, víbora é uma espécie de modelo de animal perigoso. Tanto é que, de modo geral, aplica-se esta expressão a mulheres, sogras muito ruins, por exemplo. A víbora é uma expressão muito negativa.

15 Vomitará as riquezas, que devorou, e Deus lhas fará sair das entranhas.

16 Chupará a cabeça de áspides, e a língua da víbora o matará.

17 Jamais veja ele correntes de rio[5], nem torrentes de mel, e de manteiga.

PROF. MONIR: Aqui está entendido no texto, é rio de óleo. O que era importante naquela época? Óleo de oliva, manteiga e mel. Quem tinha essas coisas em casa era rico. *"Jamais veja ele correntes de rio."* Esse Sofar está dizendo que o que age como Jó será desgraçado com todas essas coisas ruins aí.

18 Pagará tudo o que fez, mas nem por isso será consumido: segundo a multidão de seus embustes, assim será a sua pena.

PROF. MONIR: *"Segundo a multidão de seus embustes"*, ou seja, segundo a gravidade dos seus pecados, assim será a pena. Então, se você está com uma pena muito grande é porque você é um tremendo sem-vergonha mesmo! É o que Sofar está dizendo para Jó.

19 Porque oprimindo despia os pobres: roubou casas, e não as edificou.

5 Nota do resumidor: trata-se de correntes de rio "de óleo".

PROF. MONIR: Ele está dizendo que Jó é um ladrão! Ele está sugerindo que Jó roubou casas, não as edificou, despiu os pobres. Aqui no sentido de roubar o dinheiro deles. Tirar a camisa do pobre. Ele está sugerindo que Jó cometeu pecados secretos.Continuamos.

26 Todas as trevas estão escondidas no interior da sua alma: devorá-lo-á fogo, que não se acende, será penetrado de aflição o que ficar na sua tenda.

27 Os céus revelarão a sua iniquidade, e a terra se levantará contra ele.

28 Ficará ao desamparo o fruto da sua casa, será arrancado no dia do furor de Deus.

29 Esta é a sorte que receberá de Deus o homem ímpio, e herança que haverá do Senhor pelas suas palavras.

PROF. MONIR: Vamos ver como ele agora responde.

Segunda resposta de Jó a Sofar

21 E respondendo Jó, disse:

2 Ouvi, vos peço, as minhas razões, e fazei penitência.

4 Porventura é com um homem a minha disputa, para que não tenha motivo de angustiar-me?

PROF. MONIR: Ele está dizendo que ele está discutindo o assunto com Deus, quer dizer, essa é uma polêmica maior. Muito maior do que se houvesse outro ser humano como ele ali debatendo o assunto.

7 Por que razão pois vivem os ímpios, por que são exaltados, e crescem em riquezas?

PROF. MONIR: Vocês nunca na vida tiveram a sensação de que as pessoas más progridem e têm sucesso na vida? Ele está dizendo que, pela aparência que as coisas têm, os maus às vezes se dão bem, enquanto os bons se dão mal.

8 Seus filhos se conservam diante deles, à sua vista têm uma multidão de parentes, de netos.

PROF. MONIR: Não é mais o caso dele, que não tem mais filhos.

9 As suas casas estão seguras, e em paz, e a vara de Deus não está sobre eles.

10 A sua vaca concebeu, e não abortou: pariu a sua vaca, e não se lhe malogrou a sua cria.

11 Saem como as manadas os seus filhos, e os seus pequenos saltam, e brincam.

12 Levam pandeiro, e alaúde, saltam ao som dos instrumentos músicos.

13 Eles passam os seus dias em prazeres, e num momento descem à sepultura.

14 Estes são os que disseram a Deus: Retira-te de nós, pois nós não queremos conhecer os teus caminhos.

15 Quem é o Todo-Poderoso para que o sirvamos? E que nos aproveita que lhe façamos orações?

27 Eu conheço bem os vossos pensamentos, e injustos juízos contra mim.

28 Por que vós dizeis: Onde está a casa deste príncipe, e onde as tendas dos ímpios?

34 Como pois me consolais em vão, tendo-se visto que as vossas respostas se opõem à verdade?

PROF. MONIR: Neste momento paramos um pouquinho, tomamos um café e já voltamos para continuar esta história. Vamos lá.

****

PROF. MONIR: Pessoal, estamos aqui entendendo a história de uma pessoa chamada Jó, que é certamente alguém que é ficcional, não deve ter existido, mas está passando por uma situação por que qualquer ser humano passaria. Vamos continuar a nossa leitura.

Terceiro ciclo de discursos

Terceiro discurso de Elifaz

22 E respondendo Elifaz de Teman, disse:

2 Acaso pode o homem ser comparado com Deus, ainda quando ele fosse de uma ciência consumada?

3 De que serve a Deus que tu sejas justo? Ou que lhe acrescentas, se for sem mácula o teu caminho?

4 Acaso temeroso te arguirá, ou entrará contigo em juízo,

5 e não antes pela tua grandíssima malícia, e pelas tuas inumeráveis maldades?

6 Porque tu sem causa tiraste os penhores a teus irmãos, e aos nus despojaste dos seus vestidos.

7 Negaste água ao fatigado, e tiraste pão ao faminto.

PROF. MONIR: Imagine se Jó fez tudo isso! Ele não fazia nada disso. No entanto, como um castigo grande desses tem que ter uma boa justificativa, continuam os três amigos aqui inventando pecados para atribuir a Jó.

8 Com a força de teu braço possuías a terra, e como mais poderoso te levantavas com ela.

9 Despediste as viúvas sem socorro, e os braços dos órfãos quebrantaste.

21 Submete-te pois a Ele, e terás paz; e assim colherás mui excelentes frutos.

Terceira resposta de Jó a Elifaz

23 E respondendo Jó, disse:

2 Ainda agora estão em amargura as minhas palavras, e a violência da minha chaga se agravou sobre o meu gemido.

3 Quem me dera que o conhecesse, e o achasse, e eu chegasse até ao seu trono?

4 Exporia ante Ele a minha causa, e encheria a minha boca de queixas.

PROF. MONIR: Então ele está querendo saber qual é o tribunal. Quem é outra figura literária que passava o tempo todo perguntando onde é que estava o tribunal? É Josef K., em *O Processo*. De onde é que veio o esquema narrativo de *O Processo*? Veio da Bíblia. Aqui durante o intervalo, estavam comentando que se você vai olhar para a obra de Kafka, toda ela tem uma base cosmológica judaica. No fundo, são todas interpretações kafkianas do mistério de situações como essa aqui de Jó. Não parece a vocês que se poderia atribuir à situação que ele está vivendo como sendo tipicamente kafkiana? Você não fez nada, e o mundo inteiro caiu em cima de você! Essa é a definição de situação kafkiana. Vocês compreendem que toda a obra de Kafka é apenas contar histórias assim? Histórias como essa de Jó? É a história de Gregor Samsa, que se transforma num animal, num mostro; é a história de Josef K., que é preso sem saber por quê; é a história (que nós vamos ver daqui a um mês) de *O Castelo*, em que K. é contratado como agrimensor num castelo onde não o deixam entrar e não dão satisfação sobre isso. Todas kafkianas. São todas variações da situação de Jó. Portanto, não adianta ficar interpretando Kafka com coisas do gênero: "Não, Gregor Samsa virou um

inseto porque o capitalismo faz isso com as pessoas". Ah, tenha paciência! Essas coisas são muito infantis. Que um adolescente de diretório acadêmico faça isso, dá para entender. Mas uma pessoa que tenha lido um pouquinho na vida não tem direito de ser tão boba assim. Cá entre nós, tem que ir um pouco além, um pouco mais para a frente. Continuamos!

7 Proponha contra mim a equidade, e chegará à vitória o meu juízo.

13 Porque Ele é só, e ninguém pode inverter seus pensamentos: e a sua vontade tudo o que quis, isso fez.

24 Ao Todo-Poderoso os tempos não são ocultos: mas os que o conhecem a Ele, ignoram os seus dias.

PROF. MONIR: Quem são esses *"que o conhecem a Ele"*? Os seres humanos. Para Deus não existem os mistérios que existem para os seres humanos.

20 A misericórdia se esqueça dele. Os bichos sejam a sua doçura. Não haja dele memória, mas seja feito em pedaços como árvore que não dá fruto.

25 Se isso não é assim, quem me poderá convencer de mentira, e acusar as minhas palavras diante de Deus?

Terceiro discurso de Baldad

25 E respondendo Baldad Suíta, disse:

2 O poder e o terror estão na mão daquele que mantém a concórdia nas suas alturas.

3 Porventura têm número os seus soldados? E sobre quem não surgirá a sua luz?

4 Acaso pode justificar-se o homem, comparado com Deus, ou aparecer puro o que nasceu da mulher?

5 Eis aí que a mesma lua não resplandece, e as mesmas estrelas não são limpas na sua presença:
6 Quanto menos o homem que é podridão, e o filho do homem que é um bichinho?

PROF. MONIR: Se o homem é um bichinho, é um nada, como pode o homem contestar decisões de Deus? Baldad está dizendo o que Jó faz errado: ele não tem o direito de fazer isso, já que ele não é nada.

ALUNO: *(Faz comentário.)*

PROF. MONIR: René Girard ficaria absolutamente entusiasmado com a sua observação, porque ele veria nessas três pessoas três exemplos do bode expiatório. O que é o bode expiatório? É aquele sujeito a quem você atribui os males dos outros. Então, lá no tempo do judaísmo, lá na origem, você pegava um animal e dizia "Esse animal é que traiu a mulher, esse animal é que roubou o outro" e chutava o bode ladeira abaixo. Então o que acontece é que há uma tendência no ser humano – a gente já vai falar sobre isso com um pouco mais de profundidade – para pegar um inocente e atribuir a ele os males dos outros. Essa entidade chama-se bode expiatório, em português. E esse fator, essa natureza vitimal que Jó tem, é importante entender também como um dos componentes dessa história.

ALUNO: *(Faz comentário.)*

PROF. MONIR: É isso que os outros três querem. Os outros três partem do seguinte axioma: "Deus não pode ser injusto; portanto, se aconteceu com

você alguma coisa ruim, atendendo a lei da reciprocidade (o nome dessa lei é 'lei da reciprocidade'), deve ser proporcional a algum mal que você fez". E se Jó diz que não fez mal nenhum, esse é um pecado muito maior do que o pecado que ele deve ter feito antes. Os três querem que ele admita que cometeu esses males todos. Na verdade, o que eles estão dizendo é que não existe possibilidade de inocência. Compreenderam? Que não há possibilidade real de inocência. Mas vamos ver se isso é verdade. A história vai nos levar a alturas irrespiráveis, daqui a pouquinho. Vamos lá.

Terceira resposta de Jó a Baldad

26 E respondendo Jó, disse:

2 De quem és tu ajudador? Porventura do fraco? e sustentas o braço daquele que não tem força?

14 Eis aqui, isto é uma parte dos seus caminhos, e se apenas temos ouvido uma pequena gota do que dele se pode dizer, quem poderá compreender o trovão da sua grandeza?

Resposta coletiva de Jó aos amigos

27 Acrescentou também Jó, continuando a sua parábola e disse:

2 Vive Deus, que desviou a minha causa, e o Onipotente, que trouxe a amargura à minha alma.

3 Porque enquanto em mim houver alento, e o Espírito de Deus nos meus narizes,

4 não falarão os meus lábios iniquidade, nem a minha língua inventará uma mentira.

PROF. MONIR: A mentira é que ele foi mau ao ponto de merecer aquilo tudo. Ele está dizendo que não vai admitir, apesar da insistência dos três.

5 Guarde-me Deus de vos ter por justos: Enquanto eu viver, não me apartarei da minha inocência.

PROF. MONIR: Quer dizer, "guarde-me Deus de dar razão a você". Ele está dizendo que ele é inocente, sim. E que a inocência existe. O que entra em contradição com o fato de que ele está sendo punido por alguma boa razão, na opinião dos outros três. Agora, então, vem o Elogio a Sabedoria, um monólogo de Jó, que tem uma importância muito grande.

Elogio à Sabedoria

28 A prata tem um princípio das suas veias: o ouro tem um próprio lugar onde se forma.

2 O ferro tira-se da terra: e a pedra derretida no fogo torna-se em metal.

12 Mas a sabedoria onde se acha ela? E qual é o lugar da inteligência?

13 O homem não conhece o seu preço, nem ela se acha na terra dos que vivem em delícias.

14 O abismo diz: Ela não está em mim. E o mar publica: Ela não está comigo.

18 Quanto há grande e elevado, não se nomeará em comparação dela: mas a sabedoria se tira de coisas ocultas.

20 De onde vem pois a sabedoria? E qual é o lugar da inteligência?

28 E disse ao homem: Eis aí o temor do Senhor, ele é a mesma sabedoria. E apartar-se do mal, é a inteligência.

PROF. MONIR: Então aqui Jó está elogiando o fato de que os homens podem ser muito industriosos, podem ter muitas boas ideias, podem ser muito espertalhões, podem fabricar telefones celulares bonitos, inventar a internet, mas sabedoria mesmo quem tem é Deus. Jó está admitindo que

Deus tem a sabedoria. Ele não julga Deus incompetente. Ele só não entende o que aconteceu com ele. Há uma diferença grande entre as duas coisas. Ele se acha injustiçado porque não entende as razões de Deus. E agora vem aqui um pedaço que não foi editado.

Monólogo final de Jó

29 Acrescentou também Jó, continuando a sua parábola, e disse:

2 Quem me dera ser como eu fui nos meses antigos, como nos dias em que Deus me guardava?

3 Quando a sua lâmpada luzia sobre a minha cabeça, e quando eu guiado pela sua luz caminhava nas trevas?

4 Como fui nos dias da minha mocidade, quando Deus habitava secretamente em minha casa?

5 Quando o Todo-Poderoso estava comigo: e os meus filhos em torno de mim?

6 Quando eu lavava os meus pés em manteiga, e quando a pedra derramava para mim arroios de azeite?

7 Quando eu saía até a porta da cidade, e me preparavam uma cadeira na praça pública?

PROF. MONIR: *"A pedra* [que] *derramava arroios de azeite"* é a mó com a qual você mói as azeitonas para produzir azeite. Quando ele tinha, portanto, prosperidade. Quando ele ia à cidade e todo o mundo dava lugar para ele, quando era bem considerado. Então, está fazendo uma comparação de como ele era e como ele está agora.

8 Viam-me os mancebos, e se escondiam: e os velhos, levantando-se, se punham em pé.

9 Os príncipes cessavam de falar, e punham o dedo sobre a sua boca.

10 Os maiorais continham a sua voz, e a sua língua ficava pegada ao seu paladar.

11 A orelha que me ouvia, chamava-me bem-aventurado, e o olho que me via dava testemunho de mim.

12 Porque eu tinha livrado o pobre que gritava, e o órfão, que não tinha quem o socorresse.

13 A benção do que estava a perecer vinha sobre mim, e consolei o coração da viúva.

14 Eu me revesti da justiça: e a equidade me serviu, como de vestido e de diadema.

15 Eu fui o olho do cego, e o pé do coxo.

16 Eu era o pai dos pobres: e as causas de que eu não tinha conhecimento, eu me instruía delas com toda a diligência.

PROF. MONIR: Ele nunca foi um sujeito mau. Ele fazia exatamente o contrário do que os seus acusadores dizem que ele fazia. Ele fazia o bem, e não o mal.

17 Eu quebrava os queixos do iníquo, e tirava-lhe a presa dentre os dentes.

18 E eu dizia: Eu morrerei no meu ninhozinho, e multiplicarei os meus dias como a palmeira.

19 A minha raiz descoberta está junto às águas, e na minha seara fará assento o orvalho.

20 A minha glória sempre se renovará, e o meu arco se fortificará na minha mão.

21 Os que me ouviam, esperavam a minha sentença, e em silêncio estavam atentos ao meu conselho.

22 Não ousavam ajuntar nada às minhas palavras, e minhas razões caíam sobre eles como orvalho.

23 Esperavam-me como a chuva, e abriam a sua boca como as águas tardias.

24 Se alguma vez me ria com eles, não o criam, e a luz do meu rosto não caía no chão.

25 Se eu queria ir vê-los, assentava-me no primeiro lugar: quando eu estava assentado como um rei, rodeado de guardas, era todavia o consolador dos aflitos.

PROF. MONIR: Muito bem! Então, compreenderam que ele está contando aqui a sua vida para nós. Está aqui na íntegra, tudo. Está nos fazendo a reportagem da vida, dizendo que ele fez tudo que parecia que um homem justo devia fazer. E era reconhecido como tal. No entanto, a vida mudou.

30 Porém agora zombam de mim os de menos idade, cujos pais noutro tempo não me dignaria eu pôr com os cães do meu rebanho.

2 Aqueles, cuja força de mãos reputava eu em nada, e eram estimados como indignos de viver.

3 Estéreis pela pobreza e pela fome, que andavam roendo pelo deserto, esquálidos pela calamidade e pela miséria.

4 E comiam ervas, e cascas de árvores, e que se sustentavam das raízes dos juníperos.

PROF. MONIR: Junípero é um tipo de planta - o mais conhecido é o zimbro, de onde se tira o gim.

5 Que arrebatando dos vales estas coisas, logo que as achavam, corriam a elas com gritaria.

6 Habitavam nas concavidades dos rios e nas cavernas da terra, ou sobre os penhascos.

7 Que achavam a sua alegria entre tais coisas, e reputavam por delícia estar debaixo dos espinhos.

8 Filhos de gente insensata e desprezível, e que nem ainda aparecem na terra.

9 Agora tenho chegado a ser a sua canção e me tenho feito objeto dos seus escárnios.

PROF. MONIR: O que é "*ser canção*" desse pessoal? É ser o assunto de gozação, de desprezo dos outros. Ele está descrevendo as pessoas piores que conhecia, e que essas pessoas piores agora o tratam como inferior. Ele virou objeto de piada dessas pessoas.

10 Eles me abominam e fogem para longe de mim, e não receiam cuspir-me no rosto.

11 Porque abriu a sua aljava e me afligiu, e pôs um freio na minha boca.

PROF. MONIR: Aljava é onde fica a espada, a faca. Ele foi ferido e teve a sua boca freada; quer dizer, foi perseguido por Deus.

12 Logo que comecei a aparecer se levantaram à minha destra as minhas calamidades: transtornaram os meus pés, e me oprimiram com as suas veredas, como com ondas.

13 Desbarataram-me os meus caminhos, armaram-me traições, e prevaleceram, e não houve quem me socorresse.

14 Como na brecha de uma muralha, e por uma porta aberta se lançaram sobre mim, e me vieram acabar na minha miséria.

15 Reduzido me vejo a um nada, arrebataste o meu desejo como vento: e como nuvem passou a minha saúde.

16 E agora dentro de mim mesmo se murcha a minha alma, e me possuem dias de aflição.

17 De noite os meus ossos são traspassados de dores: e os que me devoram não dormem.

PROF. MONIR: Que são as infecções... o sei-lá-o-quê é aquilo, os entes patológicos, A tuberculose não dorme à noite, o bacilo de Koch continua o dia inteiro, e tal.

18 Com a multidão destes se consome o meu vestido, e me cercaram como com cabeção de túnica.

PROF. MONIR: *"Cabeção de túnica"* é uma gola que vai em volta da túnica.

19 Sou comparado ao lodo, e sou semelhante ao pó e à cinza.

20 Clamo por ti e não me ouves: ponho-me diante de ti e não olhas para mim.

21 Trocaste-te em severo para comigo, e na dureza da tua mão te mostras inimigo para comigo.

PROF. MONIR: *"Trocaste-te em severo para comigo"*: você ficou mau comigo. Você trocou, quer dizer, era de outro jeito.

22 Elevaste-me, e como pondo-me sobre o vento, me arrojaste com violência.

23 Sei que me entregarás à morte, onde há casa estabelecida para todo o vivente.

24 Mas não estendes a tua mão para consumi-los inteiramente: e se caírem, tu mesmo os salvarás.

25 Eu chorava algum dia sobre aquele que estava aflito: a minha alma se compadecia do pobre.

26 Esperava bens, e vieram-me males: esperava a luz e saíam trevas.

27 As minhas entranhas ferveram sem descanso algum: os dias da aflição me surpreenderam.

28 Caminhava triste, mas sem furor: levantando-me gritava no meio da gente.

29 Fui irmão de dragões, e companheiro de avestruzes.

PROF. MONIR: Tanto os dragões – que são aqui no caso, no sentido figurado, chacais – quanto avestruzes têm uma espécie de gemido, de uivo triste e melancólico. Ele está dizendo que agora ele só chora, como os outros que choram.

30 Denegrida está a minha pele sobre mim, e os meus ossos se secaram pelo ardor.

31 A minha cítara se trocou em tristes lamentos, e o meu órgão nas vozes dos que choram.

PROF. MONIR: Os comentaristas dizem que este discurso monólogo final de Jó é a mais bela passagem, poeticamente falando, da Bíblia. Nenhuma outra passagem é tão bonita.

31 Fiz concerto com os meus olhos de certamente não cogitar, nem ainda em uma virgem.

2 Pois que parte teria Deus em mim lá de cima, e que herança o Onipotente desde as alturas?

3 Porventura não há perdição para o malvado, e estranheza para os que obram injustiça?

4 Porventura não considera Ele os meus caminhos, e conta todos os meus passos?

5 Se caminhei em vaidade, e se se apressou meu pé para o engano;

6 Pese-me Deus em balança justa, e conheça a minha singeleza.

PROF. MONIR: Ele está pedindo só por justiça. Ele quer que Deus reconheça que ele não merece tanta desgraça.

7 Se os meus pés se desviaram do caminho, e se o meu coração seguiu os meus olhos, e se às minhas mãos se pegou mácula.

8 Semeie eu, e o outro o coma: e seja a minha descendência arrancada até à raiz.

PROF. MONIR: Se eu fiz tudo isso, então, que eu semeie e os outros comam, e os meus filhos sejam então arrancados até a raiz; que eu não tenha filhos.

9 Se o meu coração foi seduzido por causa de mulher, e se eu armei traições à porta do meu amigo:

10 Seja minha mulher desonestada por outro, e prostitua-se à paixão de outros.

PROF. MONIR: Se ele fez alguma coisa de mal por causa de uma mulher, que a dele seja desonestada por outro e prostitua-se à paixão de outro - ele aceita que aconteça isso. "Se eu fiz isso, então tudo bem, eu mereço."

11 Porque este é um crime enorme, e uma grandíssima maldade.

12 É fogo que consome até ao extermínio, e que desarraiga até às mais pequenas vergônteas,

PROF. MONIR: Vergônteas são brotos de pequenas plantas.

13 Se eu me dedignei de entrar em juízo com o meu servo, ou com a minha serva, quando eles disputavam contra mim.

14 Pois que farei quando Deus se levantar para me julgar? E quando me perguntar, que lhe responderei?

15 Porventura o que me formou no ventre a mim, não o criou também a ele: e não foi um que nos formou no ventre da mãe?

PROF. MONIR: Ele está aqui dizendo que somos todos irmãos, somos todos iguais, portanto, "Por que eu não deveria atender os meus servos?"

16 Se neguei aos pobres o que queriam, e se fiz esperar os olhos da viúva.

17 Se comi sozinho o meu bocado, e se o órfão não comeu dele:

18 (Porque desde a minha infância cresceu comigo a comiseração: e do ventre de minha mãe saiu comigo).

PROF. MONIR: Ele está dizendo que ele não fez nada disso, que desde a infância é um sujeito que tem piedade pelos outros, comiseração.

19 Se desprezei ao que perecia, porque não tinha de que vestir-se, e ao pobre que não tinha com que cobrir-se:

20 Se os seus membros me não amaldiçoaram, e não se aquentou com os velos das minhas ovelhas:

21 Se eu levantei a minha mão contra o pupilo, ainda quando me via superior na porta:

22 Caia o meu ombro da sua juntura, e quebre-se o meu braço com os seus ossos.

PROF. MONIR: "Caia o meu braço fora."

23 Porque eu sempre temi a Deus como a umas ondas, que gravitavam sobre mim, e eu não pude suportar o seu peso.

PROF. MONIR: Como uma grande onda que te derruba na praia.

24 Se eu julguei que o ouro era a minha força, e se eu disse ao ouro mais puro: Tu és minha confiança.

25 Se eu me alegrei com as minhas grandes riquezas, e com os grandes bens que ajuntei pela minha mão.

26 Se eu olhei para o sol no seu luzimento, e para a lua quando caminhava com claridade:

27 E o meu coração sentiu algum oculto contentamento, e beijei a minha mão com a minha boca.

PROF. MONIR: Se *"o meu coração sentiu algum oculto contentamento"*: se ele alguma vez se envolveu em bruxarias, idolatrias, enfim, se ele alguma vez fez alguma coisa que não fosse permitida pela religião.

28 O que é o sumo da iniquidade, e um renunciar ao altíssimo Deus.

PROF. MONIR: Meter-se com bruxarias é renunciar a Deus.

29 Se eu folguei com a ruína daquele que me tinha ódio, e se eu exultei com o mal que lhe sobreveio.

PROF. MONIR: "Se eu fiquei feliz com a desgraça dos outros."

30 Pois não permiti que pecasse a minha garganta, demandando com imprecações a sua morte.

31 Se as pessoas da minha casa não disseram: Quem nos dará da sua carne para nos fartarmos dela?

32 O peregrino não ficou de fora, a minha porta esteve aberta para o viandante.

PROF. MONIR: Viandante e viajante é a mesma coisa.

33 Se encobri como homem o meu pecado, e ocultei no meu coração a minha iniquidade.

34 Se a grande multidão me aterrou, ou se eu fiquei atemorizado pelo desprezo que de mim faziam os meus parentes: e se eu pelo contrário não me conservei em silêncio, sem sair da minha porta.

35 Quem me dera um que me ouvisse, e que o Onipotente escutasse os meus desejos: e que escrevesse o livro o mesmo que julga.

36 Para levá-lo sobre o meu ombro, e rodear-me com ele como coroa?

37 Cada um dos meus passos o publicarei, e lho apresentarei como a príncipe.

38 Se a terra que eu possuo clama contra mim e se os seus regos choram com ela:

39 Se comi seus frutos sem dinheiro, e se afligi o coração dos que a cultivaram:

40 Ela me produza abrolhos em lugar de trigo, e espinhos em lugar de cevada.

Findaram as palavras de Jó.

PROF. MONIR: Abrolho é uma vegetação sem valor – aquelas ilhas lá, chamadas Abrolhos, são tomadas por esta vegetação que não se pode comer. Então, se ele fez tudo isso, quer dizer, se ele foi tão mau assim, que a terra produza abrolhos no lugar de trigo e espinhos no lugar de cevada, que é outro cereal. Então ele está dizendo para Deus que não fez nada disso. Se ele tivesse feito isso tudo teria sido bacana, mas não é o caso.

E entra aqui na história agora uma personagem importante: Eliú. Tudo indica – com uma clareza enorme – que este pedaço foi inserido posteriormente na história. Não é da mesma autoria, pelo menos não é da mesma época do resto da história. Então, esse Eliú aqui é uma nova personagem que até agora não tinha aparecido e se apresenta como sendo um jovem, em contraste com aqueles que são velhos, os três amigos. E Eliú vai em parte resolver o problema que Jó não entende. Eliú seguramente é uma adição à história original, que não estava prevista quando o livro foi escrito.

II. Discursos de Eliú

Primeiro discurso: Pedagogia do sofrimento

32 Cessaram porém estes três homens de responder a Jó, porque se tinha por justo.

2 Mas Eliú, filho de Baraquel de Buz, da família de Ram, se irou, e encheu de cólera: e inflamou-se em ira contra Jó, porque dizia que ele era justo diante de Deus.

PROF. MONIR: Jó continua insistindo que era justo. E Eliú está bravo com ele como estavam os outros três. Mas também está bravo com os outros três, veremos por quê.

3 Irritou-se também contra os seus amigos, por não terem achado resposta conveniente, senão que somente haviam condenado a Jó 4 Eliú pois esperou que Jó falasse: porquanto eram mais velhos os que haviam falado. 5 Mas como viu que os três lhe não puderam responder, se indignou fortemente.

6 E respondendo Eliú, filho de Baraquel de Buz, disse:

Sou o mais moço em idade, e vós mais provectos; portanto abaixando a minha cabeça, não me atrevi a expor-vos o meu parecer.

7 Porque esperava que falasse a idade mais provecta, e que os muitos anos ensinassem sabedoria.

8 Mas, pelo que vejo, o espírito está nos homens, e a inspiração do Todo-Poderoso dá a inteligência.

9 Não são os sábios os de muita idade, nem os anciãos os que julgam o que é justo.

10 Portanto falarei: ouvi-me, eu vos mostrarei também a minha sabedoria.

PROF. MONIR: Eliú agora vai dar a sua versão da história. Nós sabemos que os três mandam Jó confessar que é mau, porque não poderia estar sendo castigado se não fosse assim. E Jó diz que não, que não merece. Agora Eliú diz que está todo mundo errado e vai dar o parecer dele.

Essa história parece um romance. Poderia ser um conto, uma novela. Parece muito com a estrutura moderna. Continuamos.

33 Ouve pois, Jó, as minhas palavras, e escuta todos os meus discursos.

8 Disseste pois nos meus ouvidos, e ouvi a voz das tuas palavras:

9 Eu estou limpo e sem pecado. E estou sem mácula, e em mim não há iniquidade.

10 Porque Deus achou contra mim queixas, por isso me considerou como seu inimigo.

PROF. MONIR: Eliú está repetindo as palavras de Jó sobre Deus, não é?

11 Pôs os meus pés no cepo, e observou todas as minhas veredas.

12 Isto pois é, no que tens mostrado que não és justo; responder-te-ei, que Deus é maior do que o homem.

PROF. MONIR: Pronto. Então aqui Eliú está dizendo que, embora Jó ache aquilo tudo – que está sendo perseguido, e não sei o quê –, Deus é maior que o homem.

17 Para apartar o homem daquilo que faz e para o livrar da soberba:

18 Salvando a sua alma de corrupção: e a sua vida, para que não passe por espada.

19 Corrige-o também por meio das dores na cama, e faz que todos os seus ossos se mirrem.

31 Atende, Jó, e ouve-me: e cala-te, enquanto eu falo.

32 Se contudo tens alguma coisa que dizer, responde-me, fala: porque quero que compareças justo.

33 se não a tens, ouve-me: cala-te, e eu te ensinarei a sabedoria.

PROF. MONIR: Está aqui Eliú dizendo que os homens são ensinados e ajudados por meio do sofrimento. Isso não é nenhuma uma novidade, alguém já havia dito isso antes. Logo no início da conversa, Elifaz usa o mesmo argumento que Eliú está usando agora. Então Eliú não resolve o problema, mas ajuda a entender algum aspecto novo, que vai ser explorado um pouco mais aqui na frente.

Segundo discurso: Deus é justo

34 11 Porque Ele pagará ao homem a sua obra, recompensará a cada um segundo os seus caminhos.

PROF. MONIR: Recompensará a cada um segundo os seus caminhos, quer dizer, Deus dá a exata medida da justiça da pessoa.

12 Porque certamente Deus não condenará sem razão, nem o Onipotente atropelará a justiça.

17 Acaso pode ser curado aquele que não ama a justiça? E como condenas tu tão afoitamente aquele, que é o justo?

34 Falem-me homens inteligentes, e ouça-me um homem sábio.

35 Mas Jó falou nesciamente, e as suas palavras não soam boa doutrina.

36 Pai meu, seja provado Jó até ao fim: não retires a tua mão de um homem iníquo.

PROF. MONIR: Tá vendo? Continue perseguindo Jó, é o que ele está pedindo para Deus.

37 Porque ajunta a blasfêmia sobre os seus pecados, entrementes nós o apertemos: e depois apele para o juízo de Deus nos seus discursos.

PROF. MONIR: Então esse aí continua a conversa dos outros três, querendo que Deus aperte mais ainda, porque como Jó está se comportando mal... Tá vendo, pô, mas que absurdo!

Isso me parece a história do fulano que queria ser monge budista no Tibete. O sujeito chegou lá, vendeu tudo o que ele tinha e se inscreveu para ser monge. Daí disseram a ele: "Mas aqui não é assim que funciona. Você tem que ficar 10 anos numa cela meditando. Daqui a 10 anos a gente vai falar com você, você pode dizer duas palavras. Se gostarmos das duas palavras, você é monge; se não, não." Fecharam aquela porta. Dez anos depois, abriram a porta. "Suas palavras?" Aí o sujeito falou: "- Dedão inchado". (Ele estava com o dedo desse tamanho porque a sandália estava apertando.) Aí disseram: "Não valeu. Quer tentar mais 10 anos?" Aí o puseram na cela mais dez anos. Dez anos depois, abriram a cela de novo. Aí o monge falou assim: "E suas duas palavras?" Ele respondeu: "Janela quebrada". (Estava morrendo de frio, estava azul de frio, naquelas montanhas.) Aí perguntaram de novo: "Quer ficar mais dez anos?" Fecharam a porta. Dez anos depois abriram a porta, e o monge perguntou: "E as suas duas palavras?" Aí ele falou assim: "Vou embora". E o monge falou: "Pois muito bem! Desde que chegou aqui não parou de reclamar!"

ALUNOS: *(Risos.)*

PROF. MONIR: "Desde que chegou aqui, só fez reclamar o tempo todo. Não é possível uma coisa dessas!" É a mesma coisa, não é? Esse Eliú está dizendo que Jó não para de reclamar. Como se fosse pouca a crise que ele vive. Muito bem. Vamos lá.

Terceiro discurso: vantagens da virtude

35 Mas Eliú de novo falou desta maneira:

2 Parece-te acaso justo o teu pensamento, quando disseste: Mais justo sou eu que Deus?

3 Porque tu disseste: O que é justo não te agrada. Ou que conveniência tiras tu, se eu pecar?

PROF. MONIR: Jó não falou exatamente isso. Ele pôs isso na boca de Jó, interpretando a reclamação, como se Jó estivesse a dizer que ele é mais justo que Deus. Eliú exagera um pouquinho.

7 Demais disso se obrares com justiça, que lhe darás? Ou que receberá Ele da tua mão?

8 A tua impiedade poderá fazer mal a um homem, que é teu semelhante: e a tua justiça poderá ser útil ao filho do homem.

PROF. MONIR: Jó dizia: "Puxa vida, então não adianta ser justo, porque a gente acaba sendo recebido com esta desgraça". Eliú diz que não – e neste ponto ele está certo –, que a sua bondade pode ser boa para alguém. OK. Vamos lá.

Quarto discurso: submissão a Deus

36 E acrescentou Eliú, e falou assim:

2 Escuta-me um pouco, e eu me explicarei contigo: porque ainda tenho que falar em defesa de Deus.

3 Tornarei a pegar no discurso que eu fazia desde o princípio, e provarei que o meu Criador é justo.

10 E lhes abrirá também o seu ouvido para os repreender: e lhes falará, para que se convertam da sua iniquidade.

11 Se ouvirem e cumprirem, acabarão os seus dias em bem, e os seus anos em glória:

12 Porém se não ouvirem passarão por espada, e serão consumidos na sua sandice.

PROF. MONIR: Passar por espada significa que serão mortos. O que ele está dizendo é que se Jó não admitir de fato que não tem direito de julgar Deus, ele não irá se recuperar.

37 14 Ouve, Jó, estas coisas: Para, e considera as maravilhas de Deus.

15 Acaso sabes tu, quando mandou Deus às chuvas, que fizessem aparecer a luz das suas nuvens?

16 Porventura conheces as grandes veredas das nuvens, e as suas perfeitas inteligências?

23 Não podemos compreendê-lo como merece: grande em fortaleza, e em juízo, e em justiça, e Ele é inefável.

PROF. MONIR: É infalível.

24 Por isso o temerão os homens, e não ousarão contemplá-lo todos aqueles que se persuadem de ser sábios.

ALUNO: *(Faz pergunta.)*

PROF. MONIR: O 35?: "Enquanto Jó se decide a melhorar de comportamento, vamos (Eliú e os outros três) continuar pressionando para que ele se dê

conta de que está blasfemando. Ele está julgando Deus injusto, quer dizer, além de ter feito tudo o que deve ter feito para receber aquele castigo, ainda fica achando que Deus é injusto, isso é blasfêmia. Depois apele (ele, Jó) para o juízo de Deus nos seus discursos."

ALUNO: *(Faz comentário.)*

PROF. MONIR: Não, ele além de ser pecador, juntou aos pecados mais um que é ser blasfemador: como ele acha que Deus é injusto, ele está não só sendo incapaz de reconhecer o seu demérito, como está colocando o demérito em Deus, e Deus não pode ser injusto. Então ele juntou aos seus pecados mais um, que é o da blasfêmia. Por isso é que Eliú sugere aos seus companheiros, os outros três, que continuem apertando Jó enquanto Jó reflete melhor e passa a pedir desculpas a Deus. Esse é o sentido do que está escrito aí. Vamos lá, então. Continuamos.

III. Aparição Divina

Primeiro discurso do Senhor

38 E respondendo o Senhor a Jó, do meio de um redemoinho, disse:

PROF. MONIR: Não é Deus que aparece. Deus nunca aparece pessoalmente na Bíblia, não poderia ser visualizável pelos seres humanos. Quem está estudando comigo *A Divina Comédia* sabe que na medida em que você sobe nos diversos níveis do Paraíso, os seres que aí estão vão se tornando cada vez mais incapazes de serem vistos por um ser humano, porque sua luminosidade transcende a capacidade física de ver. Deus nunca aparece em

si; a visão de Deus seria automaticamente capaz de pulverizar o ser humano. Então, Ele aparece por meio de um anjo, por meio de um fenômeno. Aqui no caso é um redemoinho que fala. Não é Deus; é um anjo que faz isso.

2 Quem é este, que mistura sentenças com discursos ignorantes?

PROF. MONIR: Olha só. Deus falando com Jó, tá?

3 Cinge os teus lombos como homem. Perguntar-te-ei, e responde-me.

PROF. MONIR: *"Cinge os teus lombos como homem"* significa "Ponha-se no seu lugar, você é só um ser humano."

4 Onde estavas tu, quando eu lançava os fundamentos da terra? Dize-mo, se é que tens inteligência.

PROF. MONIR: A essa altura Jó já está assim embaixo da mesa, não é? Deus está dando uma esculhambada nele desse jeito, diretamente...

5 Quem deu as medidas para ela, se é que o sabes? Ou quem lhe lançou o cordel?

PROF. MONIR: Lançar o cordel é medir a terra para estabelecer a propriedade. Uma expressão antiga.

6 Sobre que foram firmadas as suas bases? Ou quem assentou a sua pedra angular,

7 quando os astros da manhã me louvavam todos juntos, e quando todos os filhos de Deus estavam transportados de júbilo?

8 Quem pôs diques ao mar para o ter encerrado, quando ele transbordava saindo como do ventre de sua mãe:

9 Quando lhe punha nuvem por vestidura, e o envolvia em obscuridade, como com envolvedouro de infância?

PROF. MONIR: Como um cueiro, um cobertor, com que você envolve as crianças.

10 Eu o encerrei nos limites que lhe prescrevi, e lhe pus ferrolhos, e portas:

11 E eu lhe disse: Até aqui chegarás, e não passarás mais longe, e aqui quebrarás as tuas empoladas ondas.

PROF. MONIR: É, Deus estabeleceu os limites do mar. Ele está perguntando assim: "Onde é que você estava, seu engraçadinho, quando eu inventei isso tudo? Quem é você para estar reclamando tanto, se eu é que inventei você?" É isso que Deus está falando para Jó. Ele está dando uma tremenda de uma descompostura.

12 Acaso és tu o que depois do teu nascimento deste lei à estrela dalva, e o que mostraste à aurora o seu lugar?

PROF. MONIR: Olha que maravilha de poesia! Extraordinário tudo isso!

13 E tomaste a terra pelas suas extremidades, para fazê-la estremecer, e sacudir dela os ímpios?

14 A figura impressa será restabelecida como o barro, e ficará como um vestido:

15 Tirar-se-á aos ímpios a sua luz, e quebrar-se-á o seu excelso braço.

16 Acaso entraste tu até o fundo do mar, e andaste passeando no mais profundo do abismo?

17 Porventura abriram-se-te as portas da morte, e viste tu essas portas tenebrosas?

18 Consideraste toda a extensão da terra? Declara-me, se sabes todas estas coisas.

19 Em que caminho habita a luz, e qual é o lugar das trevas?

20 Para que leves cada coisa aos seus lugares, e saibas as veredas da sua casa.

21 Sabias tu então que havias de nascer? E tinhas averiguado o número dos teus dias?

PROF. MONIR: "Você sabia que ia nascer um dia? Você sabe quanto tempo você vai durar?"

22 Entraste porventura nos tesouros da neve, ou viste os tesouros da saraiva?

PROF. MONIR: Saraiva é granizo. É a mesma coisa.

23 Que eu preparei para o tempo do inimigo, para o dia da guerra e da batalha?

24 Por que caminho se difunde a luz, e se espalha o calor sobre a terra?

25 Quem deu curso à tempestade impetuosa, e passagem ao estampido do trovão,

26 para que chovesse sobre a terra sem homem, em deserto onde não mora nenhum dos mortais,

27 para inundá-la, ainda que inacessível, e desolada, e que criasse as ervas com o seu verdor?

28 Quem é o pai da chuva? Ou quem produziu as gotas do orvalho?

29 De que seio saiu a geada? E quem gerou o gelo do céu?

30 As águas se endurecem a modo de pedra, e a superfície do abismo se aperta.

31 Acaso poderás tu ajuntar as brilhantes estrelas Plêiadas ou poderás impedir a revolução do Arcturo?

PROF. MONIR: Arcturo é Ursa. *Arctos*, em latim, é urso. Tanto é que o Ártico se chama assim por causa da constelação ártica, do urso. Hoje em dia, fala-se urso, não mais *arctos*. Então Ártico é onde tem a constelação da Ursa e a Antártica é o anti-Ártico, portanto é bobagem falar Antártida. Não tem nenhum cabimento linguístico, só vale Antártica, que é o anti-Ártico.

32 Acaso és tu o que fazes aparecer a seu tempo o luzeiro, ou que se levante de tarde o Véspero sobre os filhos da terra?

PROF. MONIR: Olha que maravilha isso: *"Acaso és tu o que fazes aparecer a seu tempo o luzeiro"* – quer dizer, o Sol – *"ou que se levante de tarde o Véspero* (Véspero é a vésper, tarde) *sobre os filhos da terra?*"

"É você quem inventou o dia e a terra?", está Deus perguntando para Jó. Não deve dar uma vergonha de ter esse diálogo? A gente já teria desaparecido, não é?

33 Acaso entendes a ordem do céu, e darás tu disso a razão estando na terra?

34 Levantarás porventura a tua voz até às nuvens, e te cobrirá um dilúvio de água?

35 Porventura enviarás os relâmpagos, e irão, e te dirão quando voltarem: Aqui estamos?

36 Quem pôs a sabedoria no coração do homem? Ou quem deu inteligência ao galo?

PROF. MONIR: Inteligência para saber que horas tem que cantar. Para saber a hora da aurora.

37 Quem contará o modo de proceder dos céus, e quem fará cessar a harmonia do céu?

38 Quando se fundia o pó, em massa de terra, e se formavam os seus torrões?

39 Porventura caçarás tu presa para a leoa, e saciarás a fome das suas crias,

40 quando estas estão deitadas nos seus covis, à espreita nas suas cavernas?

41 Quem prepara ao corvo o seu sustento, quando os seus filhinhos, vagueando gritam a Deus, por não terem que comer?

PROF. MONIR: Deus acabou de passar uma descompostura monumental em Jó.

39 32 Porventura o que disputa com Deus, tão facilmente o deixa? Por certo o que argui a Deus deve responder-lhe.

Humilde resposta de Jó

33 Jó respondendo ao Senhor, disse:

34 Eu que tenho falado com leveza, que coisa posso responder? Porei a minha mão sobre a minha boca.

35 Uma coisa tenho falado, que oxalá não a houvera dito: e outra também, às quais nada mais acrescentarei.

PROF. MONIR: Isso que ele se arrepende de ter dito apareceu várias vezes lá atrás. Ele tinha dito várias vezes o que achava: "Mas que história é essa? Quer dizer que tanto faz ser bom, ser ruim? Então Deus não tem mais ideia do que está fazendo."

Achou que não tinha mais o que falar, não é? Quer dizer, acabou se colocando na sua posição humana.

Segundo discurso do Senhor

40 E respondendo o Senhor a Jó, do meio de um redemoinho, disse:

2 Cinge os teus lombos como homem. Eu te perguntarei: e me responderás.

PROF. MONIR: "Ponha-se no seu lugar!"

3 Porventura farás tu vão o meu juízo: e me condenarás a mim, por te justificares a ti?

4 E se tens braço como Deus, e trovejas com voz semelhante?

5 Reveste-te de formosura, e levanta-te em alto, e atavia-te de glória, e adorna-te de magníficos vestidos.

6 Dissipa os soberbos no teu furor, e humilha os insolentes com um só olhar.

7 Põe os olhos em todos os soberbos, e confunde-os, e quebranta aos ímpios no seu lugar.

8 Esconde-os no pó a um mesmo tempo: e mergulha no sepulcro as suas cabeças:

9 E eu confessarei que poderá salvar-te a tua destra.

10 Considera a Beemot, que eu criei contigo, comerá feno como o boi.

PROF. MONIR: Isso é muito importante. Beemot é uma figura mítica, um monstro – depois vocês receberão um desenho, a gente vai analisar. Beemot é um monstro de modo geral representado como sendo um hipopótamo, que era um animal muito importante na época, mas que *"criei contigo"*, quer dizer, Beemot foi criado junto com o homem, como parte da criação, que *"comerá feno como o boi"*. Então Ele está dizendo, que Ele, Deus, criou Beemot. Será que Jó é capaz de criar um Beemot também?

11 A sua fortaleza está nos seus lombos, e o seu vigor no umbigo do seu ventre.

12 Aperta a sua cauda como cedro, os nervos dos seus testículos estão entrelaçados um no outro.

13 Os seus ossos são como canas de bronze, e as suas cartilagens como umas lâminas de ferro.

14 Ele é o princípio dos caminhos de Deus; aquele que o fez, aplicará a sua espada.

PROF. MONIR: Isso é muito importante! Está aqui Deus dizendo que o tal do Beemot é o princípio dos seus caminhos. Daqui a pouquinho vocês vão saber por que é importante. Só quem fez, que foi Deus, pode matá-lo. Entenderam? É muito importante isso. Quer dizer, Beemot é um animal invencível, um monstro terrível, poderosíssimo.

15 Os montes lhe produzem ervas: e todas as alimárias do campo virão ali retouçar.

PROF. MONIR: Retouçar é pastar.

16 Dorme à sombra no esconderijo dos canaviais, e em lugares úmidos.

17 As sombras cobrem a sua sombra, os salgueiros da torrente o rodearão.

PROF. MONIR: O salgueiro sempre dá na água, é uma planta que nasce perto do rio. Temos aqui a rua dos chorões ladeando um rio, porque os salgueiros ou chorões sempre precisam de água. Ele está dizendo que esse Beemot é um animal que fica nas áreas úmidas como o hipopótamo. O hipopótamo é assim.

18 Ele absorverá um rio, e não o terá por excesso: e ele se promete que o Jordão entrará pela sua boca.

PROF. MONIR: Pode tomar quanta água quiser.

19 Nos seus olhos como um anzol o apanhará, e com paus agudos furará os seus narizes.

20 Porventura poderás tirar com anzol o Leviatã, e ligarás a sua língua com uma corda?

PROF. MONIR: Leviatã é outro monstro que, diferentemente de Beemot, vive no mar. Beemot é macho e Leviatã é fêmea. Beemot é um animal terrestre e Leviatã é um animal marinho, uma serpente perigosíssima – que aqui, no entanto, está simbolizada por meio da figura de um crocodilo. Aqui Deus está listando para Jó as coisas que Ele fez, e que Jó não é capaz de fazer igual. Coisas extraordinárias!

21 Porventura porás argola nos seus narizes, ou furarás a sua queixada com anel?

22 Porventura multiplicará muitos rogos para contigo, ou te dirá palavras brandas?

23 Porventura fará ele concertos contigo, e recebê-lo-ás tu por escravo para sempre?

PROF. MONIR: Você conseguiria escravizar Leviatã ou Beemot? É o que Deus está perguntando a Jó.

ALUNA: *(Faz pergunta.)*

PROF. MONIR: Por quê? A gente vai entender daqui a pouco... Tem um sentido simbólico extraordinário. Vou pedir para esperar um pouquinho, já vamos entrar nesse ponto, tá?

24 Porventura brincarás com ele como com um pássaro, ou o atarás para as tuas servas?

25 Parti-lo-ão em troços os teus amigos, dividi-lo-ão os negociantes?

26 Porventura encherás redes com a sua pele, e nassa de peixes com a sua cabeça?

PROF. MONIR: Nassa é um instrumento de pesca.

27 Põe a tua mão sobre ele: lembra-te da guerra, e não continues mais a falar.

28 Ele enfim se enganará nas suas esperanças e será precipitado à vista de todos.

41 Não como o cruel o despertarei eu: porque quem pode resistir ao meu semblante?

PROF. MONIR: *"Não como o cruel"*, quer dizer, não farei a crueldade de despertar o Leviatã. Esse Leviatã tem uma extraordinária conotação com o inconsciente que está adormecido. Então, Deus diz que não vai despertar este monstro chamado Leviatã, que mora nas profundidades do oceano.

2 Quem me deu a mim antes, para que eu haja de retribuir-lhe? Quanto há debaixo do céu, meu é.

3 Não lhe terei respeito a ele nem às suas palavras eficazes, e compostas para rogar.

4 Quem descobrirá a superfície do seu vestimento? E quem entrará no meio da sua boca?

5 Quem abrirá as portas do seu rosto? Em roda dos seus dentes está o terror.

PROF. MONIR: É a descrição do Leviatã.

6 O seu corpo é como escudos fundidos, apinhoados de escamas que se apertam.

PROF. MONIR: Apinhoados é a mesma coisa que apinhados. Cheio de escamas.

7 Uma está unida à outra, de sorte que nem um assopro passa por entre elas:

8 Uma com a outra estará pegada, e juntas entre si de nenhuma maneira se separarão.

9 O seu espírito é resplendor do fogo, e os seus olhos como as pestanas da aurora.

10 Da sua boca saem umas lâmpadas como tochas de fogo acesas.

11 Dos seus narizes sai fumo, como o de uma panela incendida e que ferve.

12 O seu hálito faz incender os carvões, e da sua boca sai chama.

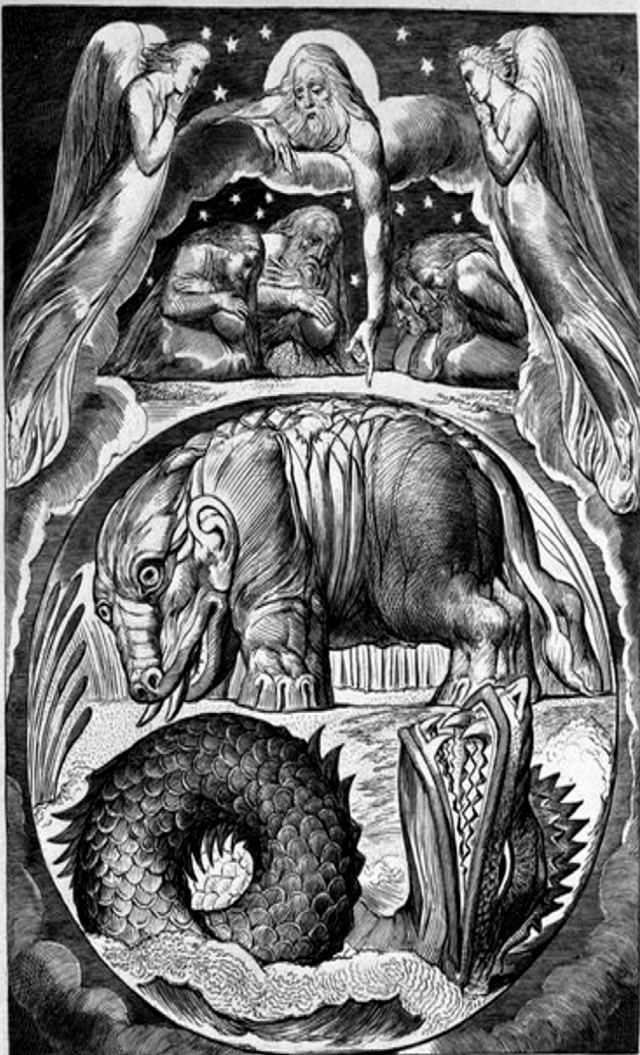
13 No seu pescoço fará assento a fortaleza, e adiante dele vai a fome.

14 Os membros do seu corpo bem unidos entre si: enviará raios contra ele, e não o farão mover para outro lugar.

15 O seu coração se endurecerá como pedra e se apertará como bigorna de ferreiro.

PROF. MONIR: Vocês conseguem entender... rapidamente, deem uma olhadinha nesse desenho. Vamos ter logo a compreensão disso, porque acho que a pergunta que ela fez é fundamental.

O que vocês tem aí é uma ilustração de autoria do William Blake. William Blake é uma mistura de artista plástico com poeta. Ele nasce em 1757 e morre em 1827, por aí. Esse Blake pegou *O Livro de Jó*, que o fascinava, e criou uma série de imagens, entre elas a imagem nº 15, que está aí, em que Deus mostra para Jó o Leviatã, que é a serpente marinha, e o hipopótamo, que representa Beemot.

15
Can any understand the spreadings of the Clouds
the noise of his Tabernacle
Also by watering he wearieth the thick cloud
He scattereth the bright cloud also it is turned about by his counsels
Of Behemoth he saith. He is the chief of the ways of God
Of Leviathan he saith, He is King over all the Children of Pride
Behold now Behemoth which I made with thee
W Blake invenit & sculpt
London Published as the Act directs March 8. 1825 by Will Blake N3 Fountain Court Strand
Proof

O que está representado aqui e que Deus acabou de nos contar com toda a clareza, se vocês prestaram atenção, é que isso que se chama de Beemot é, nada mais, nada menos, do que o cosmos criado por Deus. Lembram?

Aquilo que está ali em cima em inglês é uma transcrição do que está em inglês pequenininho lá em volta do desenho. E ali você tem com toda a clareza Jo, 41, 34: *"Considere agora Beemot"* (*"Behold now Beemot"*) – está lá em inglês – *"ele é o chefe dos caminhos de Deus."*

Beemot é o que Deus chama de cosmos. É o animal que Deus produziu e que é bom, porque é o cosmos.

O Leviatã, que é o outro monstro, é o que está embaixo, *"he is the king over all children of pride" ("ele é o rei de todas as crianças da soberba")*. O Leviatã é a humanidade, é o espírito usurpador que a humanidade tem de querer tomar o lugar de Deus.

Mas se vocês repararem um momentinho no desenho, Leviatã está submetido a Beemot. Beemot está em cima de Leviatã. É Beemot quem faz o controle de Leviatã. Portanto, é inútil a humanidade querer tomar o poder, o cosmos é muito mais forte.

É isso que Deus está dizendo para Jó. Está dizendo que ele criou esses dois monstros, simbolicamente sendo um o modelo cosmológico (que é o hipopótamo Beemot) e o outro a humanidade, que é sempre potencialmente capaz de sair do seu estado de submissão (por estar mergulhada dentro da água) e tentar assumir o poder. É isso que ele está descrevendo como sendo uma enorme quantidade de desgraças. Então, voltando ali para *"da sua*

boca saem umas lâmpadas como tochas de fogo acesas" etc. , vamos agora ao 15: *"O seu coração se endurecerá como pedra e se apertará como bigorna de ferreiro."*

16 Quando se elevar temerão os anjos, e espantados se purificarão.

17 Ainda quando uma espada o alcançar, não valerá ela contra ele, nem lança nem couraça.

18 Porque ele reputará o ferro como as palhas e o metal, como um pau podre.

19 Não o fará fugir homem frecheiro, as pedras da funda se tornarão em palhas.

20 Reputará o martelo como uma aresta, e se rirá do vibrar da lança.

21 Os raios do sol estarão debaixo dele, e ele andará por cima do ouro como por cima do lodo.

22 Fará ferver o fundo do mar como uma panela, e o tornará com quando fervem unguentos.

23 A luz brilhará sobre as suas pegadas, e reputará o abismo como cheio de cãs.

PROF. MONIR: *"Cheio de cãs"* – cãs são cabelos brancos. Ele, ao nadar, deixa uma esteira branca que parece com cabelos brancos.

24 Não há poder sobre a terra, que se lhe compare, pois foi feito para que não temesse a nenhum.

25 Todo o alto vê, ele é o rei de todos os filhos da soberba.

PROF. MONIR: Compreenderam? Ele é o rei de todos os filhos da soberba. Quer dizer, Leviatã representa o aspecto soberbo do ser humano – a soberba que aconteceu no pecado original, na tentativa de usurpar o poder de Deus

– e esse monstro está em oposição a Beemot, que é o símbolo do cosmos. Beemot não é um mostro negativo, porque embora seja muito poderoso, é o modo como Deus trabalha. Ou seja, é a lei do cosmos, como deveria funcionar na concepção de arquitetura que Deus fez do cosmos desde o início.

ALUNO: *(Faz pergunta.)*

PROF. MONIR: Ele mora dentro da água, que é sinônimo de caos.

ALUNO: *(Faz comentário.)*

PROF. MONIR: Não há modo de Leviatã vencer Beemot, essa é a ideia. Beemot é a regra do cosmos. Há uma profecia que diz que um dia os dois matarão um ao outro e serão servidos como churrasco e os seres humanos os comerão. Mas isso é uma profecia do fim do mundo. O fim do mundo seria mais ou menos assim. O fim de todos os tempos. É uma ideia muito bonita, aliás, muito interessante. Muito bem!

42 E respondendo Jó ao Senhor, disse:

2 Sei que tudo podes, e que nenhum pensamento te é oculto.

3 Quem é esse que falto de ciência encobre o conselho? Por isso eu tenho falado nesciamente, e o que sem comparação excedia a minha ciência.

4 Ouve, e eu falarei. Perguntar-te-ei, e responde-me.

5 Eu te ouvi por ouvido de orelha, mas agora te vê o meu olho.

6 Por isso me repreendo a mim mesmo, e faço penitência no pó e na cinza.

PROF. MONIR: Nesse momento, Jó admite que estava de alguma maneira deixando o diabo ganhar a aposta. Ele se recupera nesse momento. Mas agora vem um final surpreendente.

Epílogo

Os amigos são censurados e Jó cumulado de bens

PROF. MONIR: Perceberam? Os amigos são censurados e Jó cumulado de bens.

7 E depois que o Senhor falou daquela sorte a Jó, disse para Elifaz de Teman. O meu furor se acendeu contra ti, e contra os teus dois amigos, porque vós não falastes diante de mim o que era reto, como falou o meu servo Jó.

PROF. MONIR: Isso é muito importante! Os amigos não falaram o que era reto como Jó falou. Já vamos entender.

8 Tomai pois sete touros, e sete carneiros, e ide ao meu servo Jó, e oferecei holocaustos por vós. O meu servo porém orará por vós: admitirei propício a sua face, para que se vos não impute esta estultícia: porque vós não falastes de mim o que era reto, como o meu servo Jó.

PROF. MONIR: O que irritou Deus com os três é que eles não falaram o que era reto. Reparem que Eliú não está aqui provavelmente porque o sujeito que o botou no meio esqueceu-se de complementar no fim. Eliú seguramente é uma parte nova na história.

9 Foram pois Elifaz de Teman, e Baldad de Su, e Sofar de Naamat, e fizeram como o Senhor lhes tinha dito, e o Senhor atendeu a Jó. 10 O Senhor também se deixou dobrar à vista da penitência de Jó, quando orava pelos seus amigos. E o Senhor lhe tornou em dobro tudo o que ele antes possuía. 11 E vieram a ele todos os seus irmãos, e todas as suas irmãs, e todos os que antes o haviam conhecido, e comeram com ele pão em sua casa: e moveram sobre ele a cabeça, e o consolaram de todas as tribulações que o Senhor lhe havia enviado: e cada um deles lhe deu uma ovelha, e umas arrecadas de ouro.

PROF. MONIR: Arrecadas são brincos, brincos de ouro.

12 Mas o Senhor abendiçoou a Jó no seu último estado ainda mais do que no seu princípio. E chegou ele a ter catorze mil ovelhas, e seis mil camelos, e mil juntas de bois, e mil jumentas.

13 Teve também sete filhos, e três filhas. 14 E chamou o nome da primeira Dia; e o nome da segunda Cássia, e o nome da terceira Cornustíbio. 15 E não foram achadas em toda a terra mulheres tão formosas como as filhas de Jó. E deu-lhes seu pai herança entre seus irmãos.

16 Depois disso viveu Jó cento e quarenta anos, e viu a seus filhos e aos filhos de seus filhos até a quarta geração, e morreu velho e cheio de dias.

PROF. MONIR: Então, gostaram da história? É óbvio que não seremos nós aqui genialmente que vamos esgotar esse assunto nos próximos 40 minutos. Vocês nem imaginam, até o Papa Gregório escreveu mil páginas a respeito dessa história. Não há nenhuma história bíblica que tenha exercido tanto fascínio de natureza analítica, quer dizer, de natureza interpretativa, como é o caso de *O Livro de Jó*.

Antes de a gente debater um pouquinho o conteúdo, vamos fazer um resumo dos acontecimentos? Vamos lá. Vou tentar resumir e vocês me ajudam caso eu esqueça alguma coisa importante.

Jó era um sujeito bom, que cumpria suas obrigações. Era, portanto, justo – não se pode dizer que era um cristão porque não havia cristãos aí; estamos falando de um tempo que antecede o cristianismo em 400 anos, mais ou menos – não é muito, mas significativo.

Esse Jó era um sujeito riquíssimo. Tinha todos os benefícios da sua riqueza e da sua fama. Um belo dia, o diabo visitando Deus, fez uma provocação a Deus dizendo que Jó só era justo porque Deus o havia protegido com uma série de vantagens. Deus então concorda com o desafio e autoriza o diabo – autoriza! – a retirar as coisas de Jó para saber se ele continuaria justo, temente a Deus, e pio – o contrário de ímpio – após perder tudo isso.

Jó perde todo o seu patrimônio e perde os seus filhos – todos os dez. Mesmo assim, está resignado. Declara que nasceu nu e que pode morrer nu, sem problema nenhum, porque aquilo que Deus dá, Deus pode tirar também. O diabo volta à carga dizendo: “Não, sabe por que ele ainda não cedeu? Porque ainda tem a sua saúde”. Deus então concorda que o diabo lhe tire a saúde, com a condição de não o matar.

Então Jó é tomado de uma doença chagásica, muito desagradável, e encontra-se nu em cima de um monturo, observando a sua nova situação. Três amigos de cidades ao lado vêm falar com ele. Chegam lá e o encontram tão mal, tão dolorido, que ficam uma semana sem dizer palavra, esperando o momento de falar com Jó. Quando finalmente conseguem começar a

conversar, esses três amigos pedem que Jó entenda que tudo aquilo que está acontecendo com ele é uma justa retribuição - a ideia de retribuição é central aqui, neste momento – aos males e pecados que ele deve ter causado, e que ele tem mais é que entender essa correção como uma coisa boa para si.

Jó, no entanto, não aceita esta ideia, insiste em dizer que não é culpado a esse ponto. E que se ele fez uma coisa errada, não foi para tanto, pô. Nós temos ideia disso o tempo todo. Todo mundo conhece alguém que tem uma vida especialmente miserável, não conhece? Gente que perde todos os parentes em seis meses, gente que vai à falência espetacularmente e fica 20 anos falido, gente que pega uma doença atrás da outra... Todo mundo conhece situações assim, de pessoas que aparentam ser especialmente perseguidas pelo destino. É o caso de Jó. Ele acha que há ali alguma injustiça porque não deve ter sido tão mau a ponto de justificar a situação em que está metido.

Os seus amigos não concordam com isso, e insistem em que, não podendo Deus ser injusto, deve de fato haver alguma coisa na biografia de Jó que seja tão grave que justifique a gravidade da pena. O princípio da retribuição é que haja uma equivalência entre o mal e a pena.

Jó recusa-se terminantemente a aceitar isso. Quando a conversa entra num impasse – ele não aceita mais e os outros não querem mais se convencer, decidem não falar mais com ele –, entra uma personagem nova que foi inserida por alguém que mais tarde trabalhou o texto. Eliú diz que Jó está completamente errado e os outros estão errados porque não foram capazes de indicar o erro de Jó (embora ele mesmo não o tenha feito).

Ele insiste na tese de que Deus não pode ser injusto de modo nenhum e que portanto Jó que procure na sua vida as razões daquilo. Levanta a possibilidade, de que, Jó possa estar blasfemando ao tentar ser mais esperto que Deus, quer dizer, achando-se mais sabido do que o próprio Deus – que é o que acontece quando você supõe que você tem razão e Deus não. Nesse ponto, Jó faz um discurso muito poético, dizendo que aceita aquilo em última análise, resignando-se até, mas ainda insistindo que ele de fato não tem culpa.

Neste momento, entra Deus pessoalmente na história e pergunta a Jó se era ele quem tinha inventado a si mesmo, quem tinha inventado as estrelas, os pernilongos; se era ele quem tinha estabelecido os regimes dos rios. Isso apenas para dizer: "Por favor, ponha-se no seu lugar. Você é apenas uma criatura e Eu sou Deus. Eu inventei os dois monstros: Beemot e Leviatã".

Jó, ao perceber a diferença incrivelmente grande entre a sua natureza, o seu tamanho, e o de Deus, pede desculpas. Deus em seguida repreende os amigos, dizendo que os amigos tinham pecado porque não foram retos como Jó tinha sido. Em seguida Ele manda os amigos fazerem penitência e premia Jó com a devolução em dobro de tudo o que tinha. Apenas os filhos parece que não foram em dobro, foram dez filhos de volta, 7 homens e 3 mulheres, como antes. Jó viverá 140 anos, voltando, então, a estar de bem com Deus.

O que pensar de uma coisa dessas? Vocês têm alguma solução para isso? Pois não, diga...

ALUNO: *(Faz comentário.)*

PROF. MONIR: Mas confrontou por causa da desproporção. Você acha, por exemplo, que já pecou mais ou menos que Jó?

ALUNO: *(Faz comentário.)*

PROF. MONIR: Imagine, então, um sujeito que é notoriamente dito bom. É muito provável que qualquer um de nós seja mais pecador do que este homem. No entanto, não nos acontece uma desgraça desse tamanho. A nenhum de nós acontece isso. A algumas pessoas acontece mais, a outras menos, mas dramaticamente, na história – quer dizer, há aqui um exagero dramático – que mais faltava para Jó ficar mal? Só virar atleticano!

ALUNOS: *(Risos.)*

PROF. MONIR: Fora isso, nenhuma desgraça a mais é possível para Jó. O resto aconteceu com o sujeito. Não tinha mais nada que sobrasse, entendeu?

No entanto, ele reclama da desproporção. Reparem que o debate entre Jó e os amigos é um debate em torno da ideia da reciprocidade. Você tem como princípio da conversa uma lei chamada reciprocidade que é assim: "Ao bem se pagará com bem; ao mal com mal". No fundo, todo mundo acha isso, há uma espécie de expectativa geral de que as coisas sejam assim. Você educa os seus filhos assim! Você não puxa a orelha deles quando eles tiram dez, nem os manda para o cinema quando tiram zero; você faz justamente o contrário. Ou alguém usa a pedagogia oposta aqui? Ou seja, nós agimos, de modo geral, baseados nesta ideia da reciprocidade. Na justiça familiar, na justiça civil, etc. A penalidade para um crime grande tem de ser maior

do que a pena para um crime pequeno. Nós usamos essa lei. Por essa lei, Jó recebeu justiça? O que vocês acham? Não, não recebeu justiça.

A primeira pergunta para a gente entender a história é assim: "Por que Jó não recebeu justiça?" Há três respostas possíveis para essa pergunta. Qual é a primeira? A primeira é a mais simples: porque não há justiça nenhuma. Não é isso? Ora, qual é o conceito dos deuses gregos? Não são uns sujeitos que ficam se divertindo à custa da desgraça alheia? Quem esteve aqui na *Ilíada*, viu que eles falam assim: "Ah, aquele sujeito está ganhando dos outros, vou lá dar uma rasteira nele, para ver se ele morre." Quer dizer, a ideia de justiça grega, por exemplo, é de que os deuses são pessoas fúteis que se divertem com a desgraça alheia. Esse não é o conceito de justiça cristão que, afinal de contas, é o conceito que estamos usando.

Portanto, na primeira possibilidade não há nenhuma justiça, não há portanto nenhuma expectativa de justiça, verdadeiramente. E o fato, de que, Jó insiste em obter justiça o transforma numa espécie de herói moderno, que é esse herói do qual nós nos compadecemos. É na verdade uma espécie de herói camusiano. Segundo Camus, se não há justiça, então esse mundo é feito aleatoriamente, ou seja, há justiça ou não conforme a ocasião, conforme os humores dos deuses. Ora, um mundo feito assim é um mundo intrinsecamente absurdo, porque é um mundo em que não há nenhuma possibilidade de compreensão do seu sentido. Se esse mundo é tipicamente absurdo e Jó insiste em se comportar bem e tentar ainda assim viver justamente num mundo injusto, quem é Jó? É um herói camusiano. É o herói que Camus acha que nós devemos todos ser, porque ele acha que o mundo é assim. Camus é um ateu. Ele acha que o mundo é um mundo cheio de injustiças, que não há justiça possível neste mundo. Portanto, o sujeito que se comporta assim é o contrário do Don Juan.

Se Don Juan, na visão de Camus (estou aqui me referindo ao livro *O Mito de Sísifo*), é um sujeito que é tão maluco quanto o mundo, que vive tão loucamente quanto o mundo é louco, Jó é uma espécie de santo, é aquele sujeito que apesar de o mundo ser essa absurdidade total, mesmo assim se comporta bem. Jó é o mais moderno dos heróis, sob este ponto de vista – se adotássemos a ideia camusiana de que o que acontece com ele é uma situação de inexistência de justiça. Não havendo justiça nenhuma, Jó é um herói. Mas a possibilidade de não haver justiça nenhuma não é a única.

ALUNA: *(Faz pergunta.)*

PROF. MONIR: O acordo com Satanás parece uma brincadeira de deuses gregos. É isso que você está pensando, não é? "Vamos nos divertir. Olha o fulano lá. Aquele ali ó, pronto! Vamos transformar num travesti ou qualquer coisa assim." Quer dizer, é como se os deuses gregos tivessem se divertindo. Pressupor que Deus tenha feito este acordo para apenas fazer uma brincadeira, seria tornar o Deus cristão (aí nesse caso o Deus judaico, ainda) equivalente aos deuses gregos. Mas é possível que haja outra razão pela qual Deus fez o acordo. E essa razão aparentemente é que Deus queria testar a fé de Jó, de fato. Isso Jó não sabe, porque Jó não sabe do acordo. Vocês compreendem que sabemos isso porque nós lemos a história, mas Jó não sabe. Então Jó não entende que possa haver um sentido justificável que ultrapasse aquela situação.

Mas vejam que coisa interessante: se você pressupõe que não há nenhuma espécie de regra, que a coisa é caótica e que não há justiça nenhuma, essa é a pressuposição natural no politeísmo. No politeísmo é assim: Hera, por exemplo, é a fulana que é casada com Zeus e que fica aborrecida com os

casos extraconjugais de Zeus e persegue todas as mulheres com quem Zeus tem filhos. Consegue, por exemplo, que Sêmele seja morta por Zeus, convencendo-o a aparecer na sua integridade para Sêmele, que então é automaticamente pulverizada em cinzas pela luz de Zeus. Nesse mundo do politeísmo, que seria o esquema grego, não há justiça, porque a justiça depende dos gostos de cada um.

Mas, por outro lado, reparem numa coisa importantíssima, que vocês não tinham pensando ainda: a hipótese de politeísmo é autocontraditória; não posso ter deuses que não são deuses plenamente. Ora, só consigo ter um Deus verdadeiramente digno da palavra Deus, ou seja, no contexto de onipotência, dentro de um monoteísmo obrigatório. O monoteísmo é obrigatório para você continuar falando de Deus. Vejam Zeus, por exemplo: ele morre de medo de Prometeu que está lá acorrentado porque Prometeu tem um segredo que pode mudar a vida dele. Isso é uma coisa que para o Deus cristão é impensável, imaginar que alguém possa ameaçá-Lo.

Quando você olha para o politeísmo grego, entende uma coisa crucial: aquelas figuras que estão ali não são deuses de verdade, são apenas aspectos da condição humana. A mitologia não é feita para você interpretá-la. A mitologia é um conjunto de chaves de interpretação humana. O que Baco representa não é uma entidade em si própria, mas um aspecto da natureza humana que é representável pela descrição de Baco. Ou seja, o que temos que entender desde já é que não é possível nenhuma espécie de politeísmo, porque isso é uma autocontradição.

No brahmanismo, no hinduísmo, nunca ninguém jamais se declara politeísta. O fato de que você tem, por exemplo, Brahma, Vishnu e Shiva, esses três

não são deuses separados, são aspectos de um Deus só. O aspecto criador, o aspecto mantenedor e o aspecto destruidor. Vocês compreendem? No brahmanismo ninguém faz confusão porque os brahmanes não ousam dizer que são politeístas. Eles apenas alegam que há milhares de aspectos na personalidade de Deus e esses aspectos são simbolicamente representados por nomes, que são os diversos deuses.

No caso da Grécia, podemos também fazer o mesmo raciocínio, se a gente quiser. O que os gregos fizeram? Os gregos foram capazes de descrever a condição humana por meio de determinadas entidades chamadas deuses ou personagens históricas, entre elas Édipo, Jocasta, Laio... enfim, todo o mundo. Personagens essas que só se unificam, de alguma maneira, dentro de um contexto, no esquema unificador do cristianismo, que é o do monoteísmo judaico. Os gregos, na verdade, descrevem aspectos da humanidade que têm entre si aparentes contradições (representadas pelas brigas entre os deuses), mas tudo isso se unifica lá em cima na Providência.

Voltamos aqui àquele negócio do Boécio, em que ele demonstra que as contradições aparentes do destino são todas resolvidas na unidade harmônica da Providência. Portanto, só poderíamos imaginar um mundo habitado por deuses em que as coisas fossem aleatórias, que seria a primeira hipótese (em que Jó não obterá a justiça porque não há nenhuma) num mundo sem uma possibilidade de haver um Deus monoteísta. A possibilidade de haver um Deus, de haver bondade e justiça no mundo obrigatoriamente passa pela existência de um princípio de justiça universal. E esse princípio de justiça não é a justiça de Apolo, não é a justiça de Aquiles, não é a justiça de Mercúrio, enfim... A justiça que deve existir necessariamente tem de ser

uma justiça unificada em cima. Portanto, a primeira possibilidade – a de não haver justiça nenhuma – é uma possibilidade muita remota. Na prática, é difícil você defender essa tese.

Então obrigatoriamente temos que passar para a segunda hipótese, de que, de fato, existe alguém organizando a justiça no mundo e esse alguém é Deus. No entanto, quando admito a segunda hipótese, tenho que decidir ainda por que é que Jó não recebeu justiça. O problema continua.

E aí então a primeira sub-resposta a isso, quer dizer, a primeira possibilidade de ver isso é dizer assim: "Ora, Jó não recebeu justiça porque faz parte da estrutura deste mundo que alguém não receba justiça". Essa é a teoria de René Girard, a teoria do bode expiatório. A teoria de que a estrutura da sociedade humana foi construída sobre uma injustiça – que é o assassinato de Abel por Caim. Quer dizer, o primeiro ato de injustiça é Caim matando Abel por inveja da consideração maior que Deus teve pelo sacrifício de Abel e não pelo dele.

De acordo com René Girard, este é o ato fundador de toda a sociedade humana. A sociedade humana – de acordo com esta teoria, que é a do mimetismo invejoso – só consegue aplacar suas tensões e tendências à ruptura quando consegue botar a culpa em alguém – o bode expiatório: Sócrates, Jesus Cristo, Gregor Samsa, Jó.

Mas René Girard – ele tem até um estudo sobre isso – vê em Jó exatamente o sujeito que se recusou a ser bode expiatório. Porque Jó não admite a culpa. É como se aquele bodezinho desse uns coices nos rabinos e dissesse: "Não, comigo não." (*"Not with me guitar."*) Não é isso que é o Jó? Ele se comporta

como o bode que não aceita ser empurrado abismo abaixo. Ele diz assim: "Não, senhor; enquanto viver, não vou admitir um pecado que não cometi".

Portanto, René Girard (que é um grande antropólogo, vale a pena ler; ele tem três livros maravilhosos: *A Violência e o Sagrado*, *O Bode Expiatório* e *Les choses cachées depuis le début du monde – As coisas ocultas desde a fundação do mundo*) explica a tese de que a humanidade se formata por um processo de violência ao qual se dá depois uma abordagem de sacralidade pelo assassínio ritual. Quem você escolhe como bode expiatório? Sempre o mais inocente dos indivíduos; tem que ser não só muito inocente como absolutamente incapaz de se defender. É por isso que quando você escolhe o carneiro, você escolhe aquele com o ar mais humano entre todos os animais domésticos (que têm valor econômico, não é? O cachorro não faz sentido. Tem que ser alguma coisa que você sacrifique, que você deixe de ter). Vejam que até Deus concorda com isso. Deus não deixou seu Filho ser morto para viabilizar a humanidade? Vocês compreendem que até Deus topa isso? Essa deve ser a razão pela qual, no final da história, Deus não devolve a Jó os dez filhos que ele tinha antes – o que parece ser a maior de todas as sacanagens, não é? Não sei se vocês sentiram isso... "Mas peraí, e os meus filhos? Os meus dez filhos? Eles não vão mais vir?" Devolver os carneiros é ótimo e tal – mas, e os filhos? Talvez Jó tenha que aceitar o mesmo sacrifício que Deus aceitou, imolando o Filho mais tarde, quando há a vinda de Jesus Cristo. Também não é um sacrifício de sangue?

René Girard, então, tem uma enorme quantidade de razão. Pela explicação de René Girard, a razão pela qual Jó não obtém justiça é porque alguém tem que ser injustiçado mesmo. Faz parte da estrutura da sociedade humana que alguém pague o pato. E pior do que isso: quanto mais você for inocente,

maior a chance de você ser vítima disso. Não tenham a menor dúvida. Isso ficou muito diminuído hoje em dia porque se implantou um sistema legal, jurídico. Mas, mesmo assim, em situações concretas do dia a dia, você nunca foi injustiçado por alguém? Você deve ter sido injustiçado muitas vezes! E essa é a razão pela qual Jó não obtém justiça. Porque alguém, na visão do René Girard, precisa ser injustiçado para que o mundo possa ser tal como é. Mas essa explicação – estando certa ou errada – nos remete a uma explicação muito maior, que engloba essa, que é aquilo que Eliú basicamente nos comunica – e que depois Deus confirma, na sua fala final. Tanto é que Eliú não é castigado como os outros três. O que Eliú sugere (e que depois Deus confirma) é que há neste mundo uma complexidade tão extraordinária que é impossível ao ser humano entender os desígnios de Deus. Quando você lê o episódio de Caim e Abel, Deus chama Caim e fala: "Cadê o seu irmão?" E Caim responde malcriadamente: "Eu por acaso sou guarda do meu irmão?!" Então Deus diz: "O seu irmão clama por mim do fundo da terra." Ou seja, Deus está com isso dizendo que não esquecerá Abel, mas, ao mesmo tempo que faz isso, libera Caim e põe uma marca nele para que ele possa ser reconhecido – não para ser perseguido, mas justamente o contrário: para ser preservado. Deus autoriza a criação da sociedade humana com base numa injustiça.

Mas por que isso? E aqui a gente mata a questão – Qual é o erro principal que tanto Jó quanto os amigos cometem? Eles não só consideravam apenas o princípio da retribuição como o aplicavam somente e exclusivamente à vida terrestre, pô. Eliú não, porque Eliú diz que tem mais. Mas Eliú não sabe tudo, ele apenas consegue desfocar um pouquinho aquela discussão errada. Ele mostra que não é só aquilo, quer dizer, o que Eliú na verdade faz é dizer assim: "Olha, Deus tem planos que você não é capaz de entender". Ora,

se a retribuição vai ser feita nesta vida ou na outra, nunca ficou prometido de que jeito por Deus.

E o que fazem Jó e os três amigos de errado? Eles pressupõem que sabem que Deus determinou que a lei da retribuição ocorresse apenas aqui no mundo terrestre. Como não podemos saber de fato o que Deus pensa e o que Deus quer, então deveríamos nos submeter à Sua Vontade e aceitar esse mistério – porque sem esse mistério não é possível viver –, mas, ao mesmo tempo, sem fazer aquilo que Jó fez e que os outros não fizeram. O que é que Jó falou retamente para Deus que os outros três não fizeram? E que fez com que Deus abençoasse Jó, apesar de ele ter cometido o mesmo erro? Jó disse assim: "Eu não pequei". Isso é verdade para Deus e para Jó. E o que fizeram os outros três? Ficaram puxando o saco de Deus! Vocês compreenderam agora que o diabo não sai da história? O diabo sai da história aparentemente, mas ele continua atuando.

ALUNO: *(Faz comentário.)*

PROF. MONIR: Exigindo de Jó uma perfeição não-humana. Exigindo de Jó uma perfeição que ele não é capaz de ter. Satanás, em hebraico, significa "opositor". O que é Satanás? A primeira arma de Satanás é a acusação. Acusar você de ser isso e aquilo. Quando alguém diz assim: "Não terei filhos porque esse mundo é muito ruim", acabou de dizer que já foi convencido por Satanás, porque já que não dá para ter uma família perfeita, o sujeito não quer ter nenhuma.

Entendeu? Por exemplo: vem um mendigo e te pede uma esmola. Você pode não dar por qualquer razão, mas a única razão que é proibida é dizer assim:

“Se eu der essa esmola, ele vai tomar uma pinga com ela”. Pois você não tem nenhum direito de supor isso. Mesmo porque, uma vez dada a esmola, ela não é mais sua. Ele pode fazer o que quiser com o dinheiro. Quem manda você fazer uma esmola perfeita é Satanás, ele é que te diz isso. Porque Satanás vive de exigir de você uma perfeição que você é incapaz de ter. Pois então não queira se colocar neste papel, não seja vítima disso. Jó diz assim: “Eu pequei, mas não foi tudo isso”. Ele foi reto. Os outros três não foram. Por isso é que eles não falaram retamente com Deus. Ficaram fazendo o quê? Ficaram fazendo uma espécie de puxa-saquismo, querendo inventar provas e argumentos falsos para justificar a desgraça e a miséria de Jó.

ALUNO: *(Faz comentário.)*

PROF. MONIR: Não. Basta que você não faça nada para que o diabo impeça que você cumpra o seu percurso ontológico. Por que o diabo só faz aquilo que Deus quer? Porque o diabo, na verdade, é apenas um aspecto, na mentalidade de Deus, que é contrário ao homem e quer fazer o homem mostrar que tem valor mesmo. Por isso o diabo não é inimigo de Deus. Deus não tem inimigos. Seria uma bobagem imaginar o diabo como inimigo de Deus. O diabo é inimigo do homem. Então, quem é o diabo? Ele é o sujeito que tenta você com a vaidade da perfeição. É aquele sujeito que tenta paralisar a sua existência. Você não pode fazer mais nada, porque qualquer coisa que você faça será imperfeita. É isso que os três amigos tentam fazer com Jó, e por isso eles estão de alguma maneira submetidos, simbolicamente, a uma força demoníaca à qual eles não sabem que estão submetidos. Pois a sua vida não pode ser perfeita. Então, se você teve filhos e o resultado da educação que deu a eles não foi conforme o esperado, paciência. Você fez o que pôde, meu Deus!

A primeira coisa a aprender desta história é que a gente não tem que entrar na conversa satânica de que só a perfeição é que vale, porque às vezes a gente só pode fazer o que pode e não consegue fazer nada mais do que isso. E fazer o que se pode já é uma grande coisa. Então, quando você vê, por exemplo, uma mulher pobre, com uma criança no colo, jogada no chão, essa criança está sendo cuidada de alguma maneira, mesmo que muito ruim. Aquele ato de cuidar da criança é **absolutamente legítimo**. Ela não tem mais do que uma mamadeira velha com um pouco de água meio suja. Achar que aquela pessoa é uma pessoa errada é ter comprado o preconceito satânico que está por trás disso tudo.

Como é que as ditaduras totalitárias são implementadas? Quando o partido político convence você de que você é um monstro, de que você tem uma dívida social, de que você é uma elite privilegiada, que não sei o quê... E aí então, tendo em vista o fato de que você se convenceu desta mentira, eles aparecem com a solução: "É simples; vocês me dão 40% do PIB e eu restituo a justiça sobre a terra". Depois 50%, depois 60%. E aí, então, quando eles não resolverem com 60%, vão dizer o seguinte: que a criminalidade que existe não é culpa do criminoso, que quando o sujeito entra numa casa e mata cinco pessoas, há seis vítimas: há os cinco morreram e o pobre coitado do assassino que é uma vítima da sociedade. Então, para resolver essa maldade social, é preciso de mais 10% do PIB para fazer o Ministério Nacional de Recuperação das Boas Almas.

Não é possível implementar uma ditadura totalitária a não ser pelo caminho diabólico de exigir a perfeição do ser humano. Essa é a ideia central da história que vocês acabaram de ler. É a ideia fulcral, o núcleo central do que estamos sendo ensinados por Deus. Estamos sendo ensinados a não

abdicarmos dos nossos direitos de existência humana. Se por um lado temos que nos comportar ante esses mistérios com humildade e com consciência da nossa pequenez, por outro lado não estamos obrigados a uma perfeição que não podemos ter.

Quando você consegue aplicar isso na sua vida prática, você desneurotiza metade das suas coisas. O que a gente chama de neurose, no fundo, no fundo, sempre tem origem em uma mentira. Entendeu? O sujeito pensa que é empresário, mas, no fundo, quer ser padre. Então ele será um péssimo empresário. Vai passar a vida fingindo que é empresário. Fica neurótico. Juan Alfredo César Müller – um psicólogo muito talentoso – dizia que neurose é uma mentira que te contaram e na qual você ainda acredita. No sentido de que a neurose sempre tem origem numa mentira. Então, o modo de você neurotizar alguém é você ensinar alguma mentira e a pessoa acreditar de verdade. O sujeito que sabe que é mentiroso é só um farsante. O pior é quando ele começa a acreditar na mentira que inventou para ele mesmo, aí ele vira um neurótico. Essa é a diferença entre o farsante e o neurótico. É o quanto você sabe de você mesmo.

Então, o que *O Livro de Jó* nos ajuda a entender é que há uma diferença extraordinária entre a condição humana e a condição divina. A enorme desproporção entre essas duas coisas faz com que devamos, em princípio, nos submeter a um grau incorrigível de ignorância. Nunca saberemos nada... a não ser fragmentos sobre a existência do mundo, o sentido disso ou daquilo, etc. Nunca saberemos nada disso. No entanto, ao mesmo tempo em que não sabemos nada disso, na nossa dimensão humana isso não é um defeito em si. E não se pode exigir de nós mesmos que sejamos como Deus. Isso é que é soberba: você imaginar que pode ser tão perfeito quanto Deus.

Não pode. Tomás de Kempis dizia que você tem que fazer a imitação de Cristo. Apenas isso. Você não consegue ser como Jesus Cristo. Não é possível.

Se você também pensar por outro lado, *O Livro de Jó* é o livro que faz a ponte entre o Velho e o Novo Testamento. Apenas 400 anos depois há o novo Jó (obviamente guardadas as proporções) que é, de fato, sacrificado completamente: Jesus Cristo – para Deus reforçar a ideia de que existem certas coisas nesse mundo que não compreendemos, que aparentemente são muito ruins, mas que no fundo têm um sentido. E compete a nós nos submetermos humildemente a estes mistérios.

Mas ao mesmo tempo que nos submetemos aos mistérios, não estamos obrigados a ser melhores que Deus. O que o diabo fará – na figura desses três amigos - é produzir em Jó uma paralisia, a paralisia da culpa. Quer dizer, neurotizar o fulano, destruir a possibilidade da sua própria consciência, tirar a consciência de quem ele de fato é e colocar no lugar uma espécie de caricatura de um ser humano, que é um ser humano teatral, que não pode existir, um ser humano perfeito. Ele de fato não é. Ele é muito bom para um ser humano. E alega com toda a razão que não pecou, porque de fato não pecou. E isso é verdade tanto para ele quanto para Deus, que tem que ser mantida até o fim.

Pois o que Jó nos ajuda a entender é que devemos temer a Deus, porque não sabemos o que Ele está pensando. Essa é a razão pela qual se sugere que, ao ir confessar, nunca se conte tudo o que você fez para Deus; vai que Ele acredita?

ALUNOS: *(Risos.)*

PROF. MONIR: Não é? Tenham um certo cuidado com isso. Ao mesmo tempo, não se tem nenhuma obrigação de bancar o otário e assumir culpas que não são suas. Passamos 24 horas por dia sendo cobrados pelo governo de que os males do Brasil são nossos. Então, é assim: "Por que caiu o avião?" "Ah, esse é um problema muito antigo, isso tem raízes não sei onde." Ou: "Não, o problema é cultural". Até os portugueses, coitados, o Pedro Álvares Cabral, levam a culpa todo dia. Quer dizer, o tempo todo o governo conta para você – como os três amigos de Jó – que somos absolutamente malignos e culpados, quando de fato não somos. E não é para dar dinheiro para eles resolverem, não. Porque o SUS não vai fazer um trabalho melhor que Deus. Garanto para vocês que não fará.

A conversa totalitária sempre começa com essa conversa diabólica de provar o quanto você é mau e de que você não admite que é mau. Não é possível tentar nenhum totalitarismo a não ser partindo dessa conversinha fiada. Esse é o problema central que *O Livro de Jó* nos ajuda a entender.

ALUNO: *(Faz pergunta.)*

PROF. MONIR: Mas não está acontecendo nada com ele! Ele está cada vez mais rico, mais prestigiado! Pois é justamente o contrário desse exemplo. Porque se o Lula estivesse recebendo todo o peso dos problemas do país, daria até para achar que ele é um bode expiatório, teria até sentido. Mas é exatamente o contrário. Quem é o criminoso aqui? Somos nós, que não pagamos imposto, compreendeu? Não botam culpa nele, nenhuma. Ele ganhou a eleição com 60%, 65% dos votos, alguma coisa assim. Esse é um assunto mais complicado porque envolve a questão política. Mas vejam que ele não é o exemplo de Jó, ele é o contrário. É o sujeito a quem não se culpa

nada. Ele não é uma espécie de pessoa boa, que está levando culpa indevida, na verdade é bem ao contrário. A falta de culpá-lo é que é o problema aqui.

O que esse livro está dizendo para nós é o seguinte: que tudo em torno de nós é ambíguo. A primeira coisa que a gente tem que entender desta história e levar para sempre para vida é assim: somos cercados de ambiguidade. Quem quiser compreender isso em termos ficcionais, estude Kafka. A obra kafkiana é uma obra de ambiguidades. Tudo é ambíguo em torno de Kafka. Daí nasce essa sensação de absurdo: tudo é ambíguo, nada é o que parece. De fato, é assim. Existe nesse mundo um conjunto imenso de mistérios que não temos o direito de ignorar. E esses mistérios não são da nossa autoria, portanto, não estão ao nosso alcance. A nossa atitude, portanto, é de submissão humilde a eles. Mas, ao mesmo tempo, não temos a obrigação de nos desnaturarmos, quer dizer, não temos a obrigação de abandonar nosso status humano, porque ele é obrigatório pela própria criação. Não posso ser acusado de pecados que não cometi de fato. E não devo jamais aceitar que me acusem disso, mesmo porque quem fará esse processo de acusação, o fará sempre com péssimas intenções, porque quer que a minha culpa transfira para ele o poder sobre determinado assunto – é o que fazem os governos totalitários. São todos eles capitalizadores da culpa coletiva. A culpa coletiva é um meio pelo qual as ditaduras totalitárias se implantam.

Nunca tenha remorso na vida; tenha arrependimento. O remorso é o processo de sustentação interminável das culpas que lhe incutiram na sua vida. Se você fez alguma coisa que não devia ter feito, tenha arrependimento. Diga assim: “Puxa vida, sinto muito, deu errado, não vou fazer de novo”. E acabou. Agora, passar todas as noites da sua vida sem dormir, o resto da sua existência, esse é o jogo que o diabo quer que você faça. O jogo diabólico é

fazer com que Jó, além de perder tudo, os filhos e a saúde, também perca a consciência de si próprio, que é a única coisa que ele tinha. Qual foi a última coisa que restou a Jó? A sua consciência de si próprio, ou seja, a noção de que ele, de alguma maneira, era injustiçado. Pelo menos isso havia restado. O que o diabo faz? Manda os três sabichões tirarem isso da mente dele. Pronto. Agora você destruiu completa e ontologicamente o ser humano. Quando isso acontece, então você tem que botar um guia no lugar dele, porque agora o sujeito é tão zero, tão nada, que só poderá existir a partir de alguma assessoria. Essa assessoria chama-se SUS, secretário geral, partido único, ditadura totalitária, estas coisas todas aí – que são as ùltimas coisas que deveríamos deixar acontecer.

Vejam, pessoal. Uma coisa importantíssima: sentir dúvidas quanto à justiça de Deus é uma coisa absolutamente normal. Se você nunca sentiu, tem alguma coisa errada com você. Basta dizer que na Bíblia, na crucifixão de Jesus, tem um momento em que Ele fala assim: *"Pai, por que me abandonastes?"* Se Jesus é capaz de duvidar que Deus esteja sendo justo, naquele momento, se Jesus faz isso, o que vocês imaginam que nós aqui somos capazes de fazer? Então, está lá naquele episódio da cruz justamente a prova de que não há nada mais normal do que você ter dúvidas sobre a justiça de Deus.

Então, se vocês aqui neste momento têm dúvida, isso é completamente normal. É assim mesmo que é. A única coisa que não é para fazer é cavar um buraco e se atirar dentro, porque isso não adianta nada. É isso que o diabo quer de você, impedir que você faça as coisas. E como ele impede? Assim: "Não tenha filhos, porque o mundo é muito chato e perigoso." Pronto, você não tem filhos. "Não monte uma empresa, porque dá muito trabalho." Você não monta uma empresa. "Não escreva aquele livro, porque você não vai

fazer um livro bom." Então você não escreve o livro. "Não dê esmola, porque não adianta; o pessoal gasta com cachaça." Você não dá esmola. Tudo o que o demônio quer que você faça é que você não faça nada. Como ele faz isso? Ele é uma espécie de promotor acusatório da sua vida. Ele fará o que esses três amigos tentaram fazer com Jó. Essa história foi escrita para contar isso para nós. Se a gente entender pelo menos isso, certamente nossa vida vai ter de melhorar.

ALUNO: *(Faz pergunta.)*

PROF. MONIR: Pois é isso mesmo. Quer dizer, se você ajudar alguém, fizer alguma coisa que ajuda o outro, de fato ajuda. Mas quem é que estabeleceu o critério de bem? Porque, se o critério de bem, do que é bom, do que é ruim, é estabelecido por Deus e você está apenas repetindo aqui, então isso funciona. Mas o problema é quando você diz assim: "Não, mas Deus não sabe o que é bom ou ruim. Olha esse coitado do Jó, fez sempre o bem e agora se deu mal. Então, já que Deus não sabe como é que faz, eu vou constituir, vou pegar o Conselho de Ética do Senado, vou botar o Tony Garcia lá obrigatoriamente, para melhorar o nível, vou adicionar o Tiririca e o Gugu Liberato, para ficar um pouco mais ecumênico" – e quem vai estabelecer o que é bom e errado é esse grupo de cretinos. Entendeu?

O problema do mundo contemporâneo é que eu não aceito a possibilidade de que Deus sabe alguma coisa porque não entendo a aparência das coisas. A aparência das coisas é enigmática. Não entendo porque as coisas estão muito além da minha capacidade de compreensão. Então, em vez de me submeter ao que parece ter sido feito por alguém que sabe mais do eu, decreto que nada faz sentido, como no caso do homem revoltado (de Albert

Camus), e estabeleço que no lugar de Deus vai reinar agora o Robespierre. Robespierre e Saint-Just – o que não era nem santo nem justo.

ALUNO: *(Faz comentário.)*

PROF. MONIR: A civilização só existe quando você a produz a partir de uma ideia religiosa. Não há nenhuma civilização no mundo que tenha existência autônoma. Pegue os árabes. O que eram os árabes? Um grupinho de criadores de carneiro, sei lá o quê; umas tribinhos. Aí um belo dia vem o islamismo. Cinquenta, sessenta anos depois você tem uma civilização continental. Não existe civilização que não tenha origem religiosa. Ponto. Achamos que as civilizações criam as religiões; é o contrário! A atual civilização ocidental é produto, ainda, do cristianismo. Então, as civilizações são sempre reflexo de alguma espécie de intervenção divina – que é a fundação de uma nova religião.

ALUNO: *(Faz comentário.)*

PROF. MONIR: Sim, mas é claro que não é para a gente se recusar a tomar antibiótico, não é essa a ideia. O problema é a gente atribuir a Deus a origem da poliomielite, no sentido de que ele nos quer mal por isso – o raciocínio que a gente faria sobre um deus grego ("estão se divertindo à nossa custa"). Não há politeísmo de verdade. Isso não existe. Politeísmo é um conceito auto-invalidante, é um conceito autocontraditório. Não posso ter Deus com limitações. Ora, se eu loteei o Olimpo entre 50 sujeitos, cada um mandando 1/50 avos, não tenho deuses coisa nenhuma. Tanto é que Zeus é um covardão – vamos ver daqui a 15 dias *Prometeu Acorrentado,* para vocês compreenderem a diferença que há entre o conceito de deus monoteísta,

judaico-cristão e o conceito de deus grego. Os deuses hindus não são equivalentes a isso. Porque no hinduísmo há um monoteísmo implícito o tempo todo. São muito mais maneiras poéticas de falar de aspectos da natureza de Deus.

O que não é para fazer é você assumir feito um bobo, feito trouxa, os erros que não cometeu e dar para o governo o imposto para ele resolver, com a sua “sabedoria” incrível, aquilo que você acabou de estragar com a sua “maldade” incrível. Pois, se todo o mundo entendesse *O Livro de Jó*, nós não teríamos governos totalitários sobre a terra, porque todos eles fazem esse mecanismo da tapeação diabólica que se tentou fazer com Jó.

É isso pessoal? Temos a última pergunta, então. Porque prometi que ia acabar hoje na hora e a minha pontualidade foi incrível. Mas faça a pergunta, por favor.

ALUNA: *(Faz pergunta.)*

PROF. MONIR: Deus devolveu as coisas materiais em dobro. Não tem importância muito grande, não é? Deus deu uma família nova, dez pessoas, dez filhos; os dez filhos anteriores não foram devolvidos. Como entender uma coisa dessas? Entende-se isso dizendo que Deus, Ele mesmo, quase 400 anos depois sacrifica o Filho. De alguma maneira há uma equivalência no sacrifício que Deus faz com seu próprio Filho. Ao mesmo tempo, nós também não sabemos se esses dez não foram para o céu; talvez tenha sido melhor não terem sido devolvidos. Também não sabemos isso. Vale para essa pergunta, para essa dúvida, a mesma regra que a gente viu Jó

aceitar: de que há mais coisas entre o Céu e a Terra do que a nossa filosofia compreende, Horácia. Você agora é o Horácio de *Hamlet*, não é isso?

Ou seja, Deus devolveu a Jó as coisas que ele tinha perdido em maior quantidade, completando, então, aquele "U" da comédia. Do mesmo modo que o cristianismo é baseado na ideia de que o paraíso é seguido pela queda, que por sua vez é seguida pela Jerusalém Celeste, para os judeus, e pela Vida Eterna, para os cristãos – a tragédia faz exatamente o contrário. A tragédia pega o "U" e vira de barriga para baixo, e aí na tragédia a coisa começa mal, melhora, e depois cai de volta.

O que está implícito nisso é que há uma possibilidade de salvação, contanto que sejamos capazes de fazer a nossa tarefa humana. Humana. A nossa tarefa humana! E a nossa tarefa humana não é a tarefa de Deus. É apenas a tarefa humana. Isso é que é falar retamente com Deus, dizer assim: "- Olha aqui, não sou capaz de fazer mais do que estou fazendo, eu já só faço isso, faço tudo o que eu posso, cumpro a minha obrigação, por favor, não me amole." Deus nunca vai te cobrar. Deus sabe todos os teus pecados. Entendeu? Quem vai ficar inventando pecado que não existe é o diabo. A única forma que ele tem de te prejudicar é te imobilizar. E nenhuma outra consequência é tão grave quanto essa. Porque, ao ser imobilizado, você não é capaz de fazer coisa nenhuma e a sua existência ontológica não se cumpre. É mais ou menos a situação que seria de uma água que não molha, de um fogo que não queima. Se você é um ser humano que não age como tal, você é tão inútil quanto uma água que não molha e um fogo que não queima. Há uma coisa chamada fracasso ontológico, é aquilo que acontece com você quando você se deixa fascinar pelo diabo.

Última pergunta mesmo agora. Olha, estou tentando terminar, pessoal! Todos estão de prova que eu prometi que não ia passar do horário, e estou tentando.

ALUNO: *(Faz pergunta.)*

PROF. MONIR: Beemot. Não, os dois são monstros. A natureza que Deus cria em Beemot é capaz de fazer coisas terríveis. Capaz de matar você num tsunami, capaz de matar você numa chuva muito grande... Beemot representa a ordem que Deus montou, que é uma ordem misteriosa, na qual existem coisas que parecem boas e coisas que não parecem. Se elas são boas ou não, tudo isso só vai se saber no final da história. Porque o sentido da história só é perceptível e realizável no fim. Você não sabe como vai acabar o filme, Então, Beemot não é um agente do bem, ele é uma ordem de Deus. Está escrito aqui, palavra de Deus, hein? *"Ele é o caminho de Deus."*

ALUNO: *(Faz comentário.)*

PROF. MONIR: Isso mesmo, isso mesmo. É por isso que Eliú não é condenado por Deus. Ou então porque quem botou Eliú lá se esqueceu de botar no fim. Mas em princípio Eliú tem uma diferença dos outros três, porque toca nesse ponto que você falou, quer dizer, ele lembra que há mais coisas entre o céu e a terra. Os outros não tinham ainda, porque estavam convictos de que não havia chance de Jó ser inocente. Você tem razão, é isso mesmo.

Então o aspecto demoníaco da fala dos três amigos é justamente parecer ser justo, sem o ser. Quem exige de você uma competência não humana não está sendo seu amigo, está sendo justamente seu inimigo. Porque o diabo

vai te impedir de fazer qualquer coisa; você irá se constranger em fazer atos imperfeitos. Nós só somos capazes de atos imperfeitos, embora possamos tomar decisões perfeitas.

Federação das Indústrias do Estado do Paraná – FIEP | Presidente

Edson Campagnolo

Serviço Social da Indústria Paraná – SESI | Superintendente do Sesi Paraná

José Antônio Fares

Gerência de Projetos de Articulação Estratégica e Inovação Social

Maria Cristhina de Souza Rocha | Daniele Farfus

Gerência de Cultura | **Anna Paula Zétola |** Janaína Adão | Eliane Hoepers

Normalização | **Pandita Marchioro**

Núcleo de Educação a Distancia - NUEAD | **Raphael Hardy Fioravanti**

Revisão Ortográfica | **Helena Sztoztak Prestes**

Serviços Terceirizados

Conteudista | **José Monir Nasser[1]** (in memorian)

Revisão de transcrição | **Patrícia Nasser[2]**

Revisão Literária | **Paulo Briguet[3]**

Capa | Diagramação | **Maria Cristina Pacheco dos Santos Lima[4]**

Ilustração capa | **José Monir Nasser**

1 Mentor e ministrante do projeto do SESI PR, Expedições pelo Mundo da Cultura, realizado nos anos de 2006 a 2011, homenageado nesta publicação (in memorian). Em 2013, o SESI PR adquiriu os direitos autorais das transcrições dos encontros do projeto que foram gravados em arquivos de áudio.
2 Terceira contratada, por meio da empresa Tríade Cultural, para realizar o serviço de transcrição dos encontros do projeto Expedições pelo Mundo da Cultura, cujo ministrante foi José Monir Nasser.
3 Terceiro contratado, por meio da empresa Briguet Serviços de Comunicação LTDA – ME, para executar o serviço de revisão literária do conteúdo das transcrições dos dez encontros do projeto Expedições pelo Mundo da Cultura, do SESI PR, que foram publicadas nesta coletânea.
4 Terceira contratada, por meio da empresa Maria Cristina Pacheco ME, para o serviço de diagramação desta publicação.